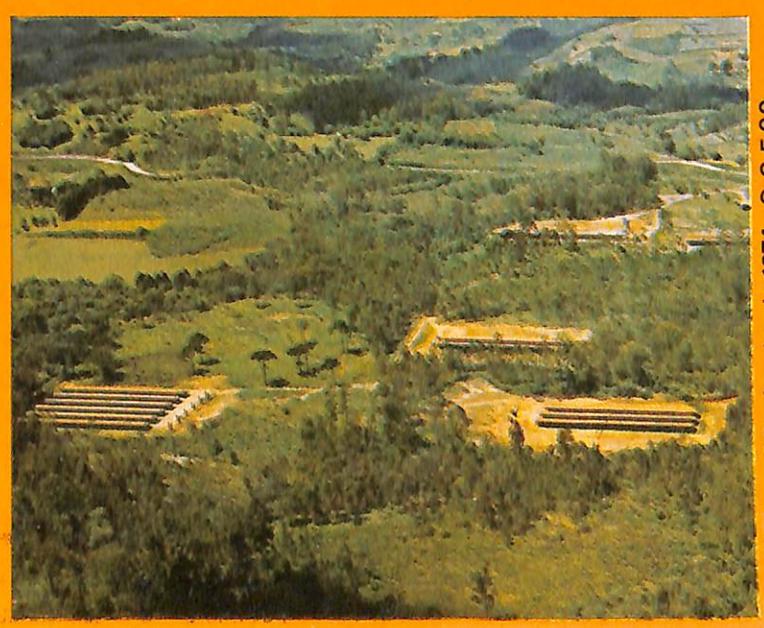
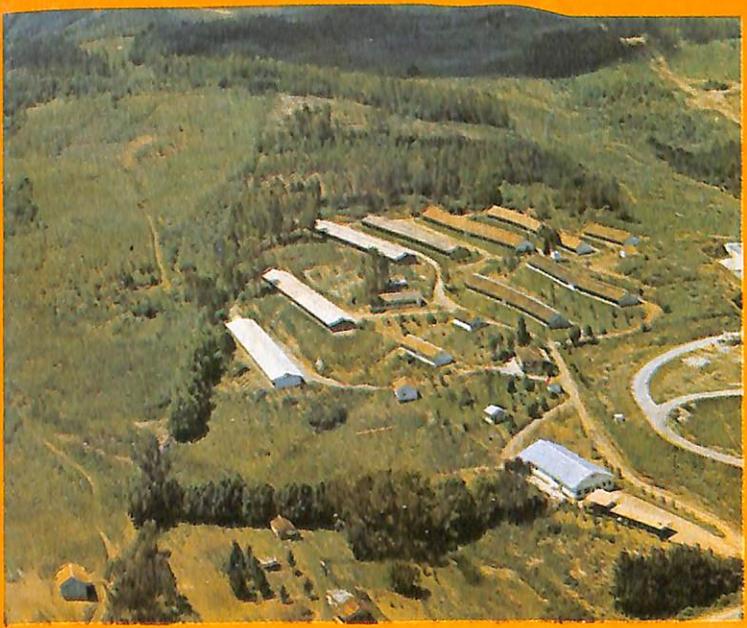
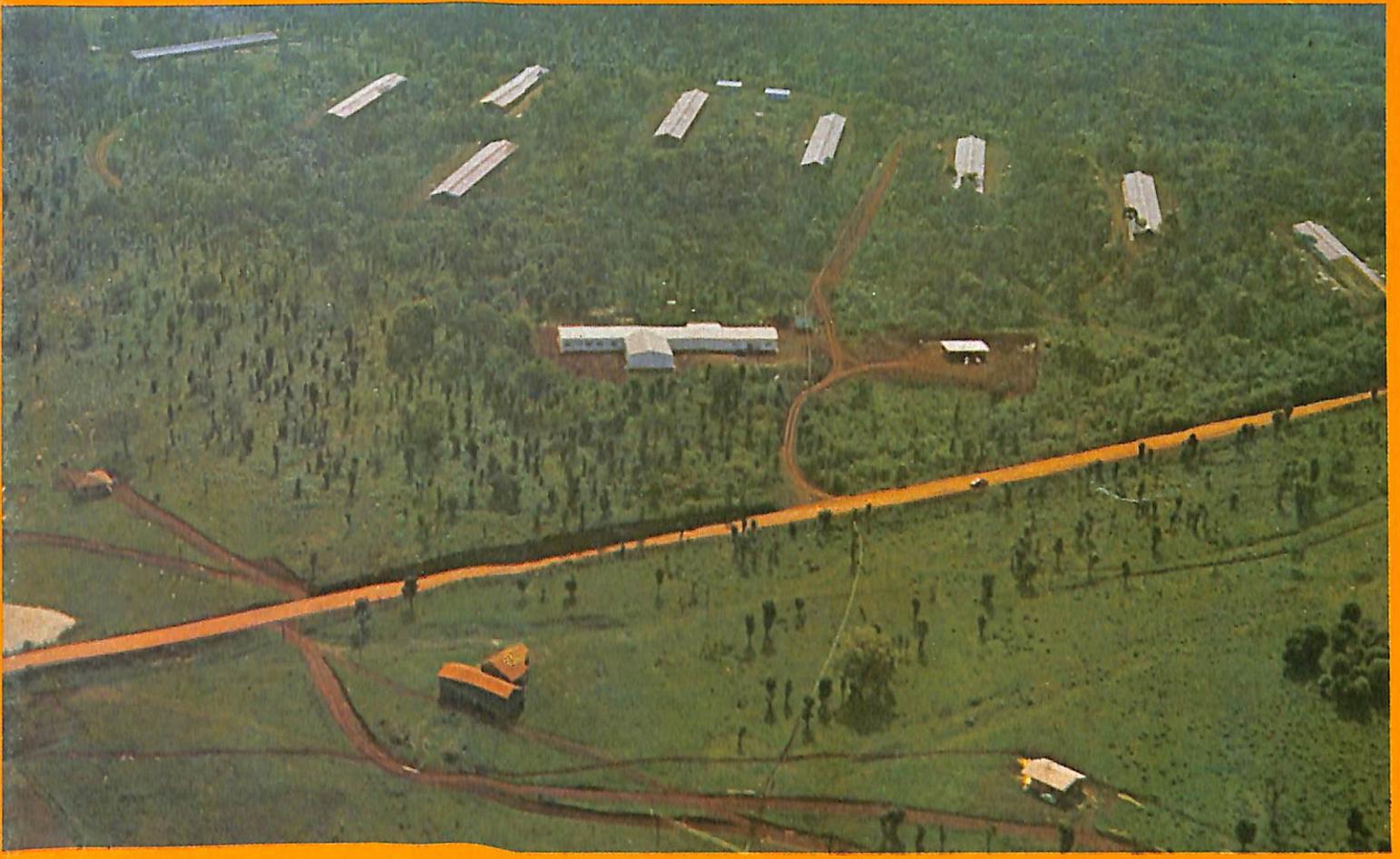


ANEMIA DOS LEITÕES
AVICULTURA: ENCONTRO NACIONAL

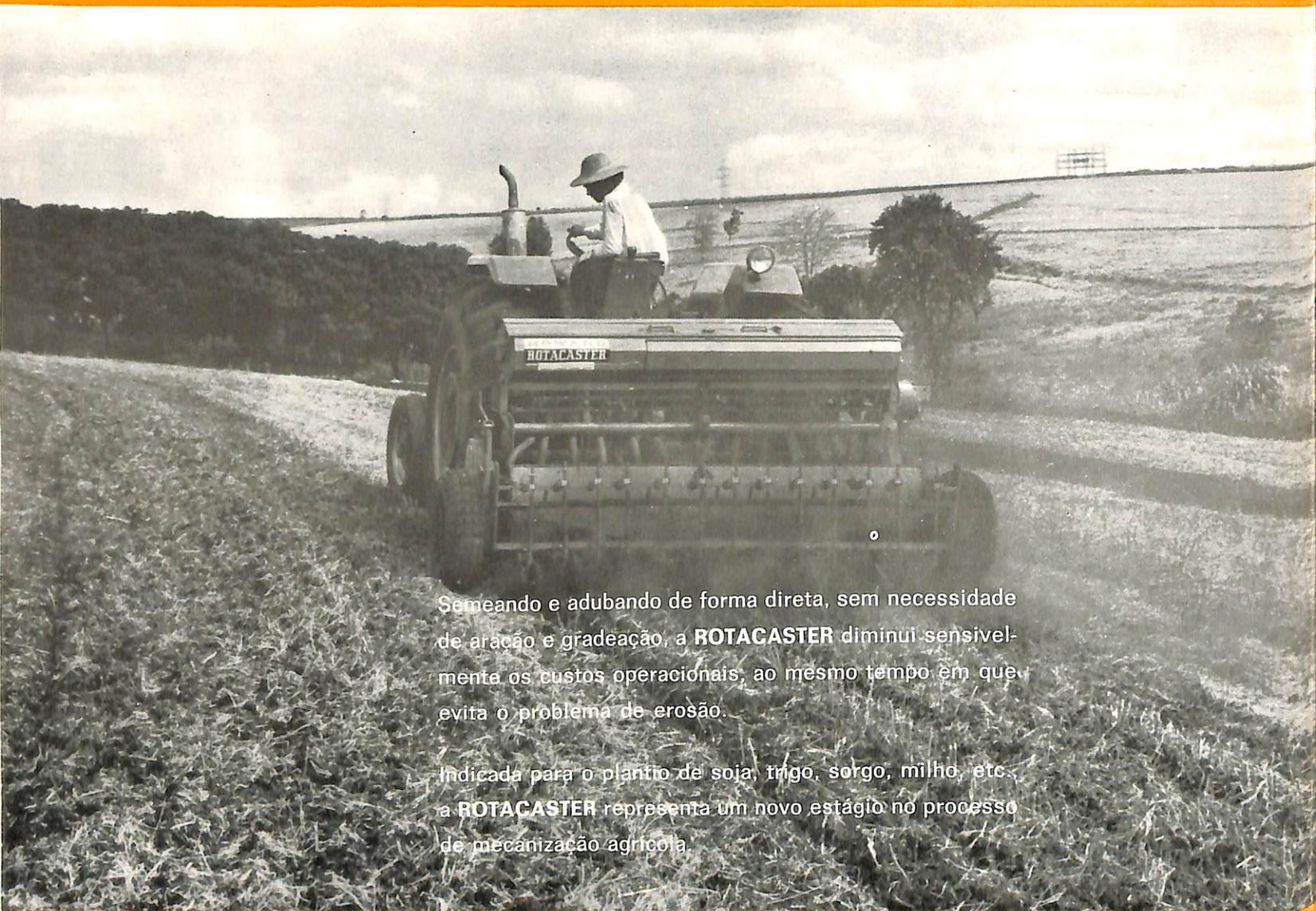
a granja



FNI-HOWARD

ROTACASTER

a técnica do plantio direto



Semeando e adubando de forma direta, sem necessidade de aração e gradeação, a **ROTACASTER** diminui sensivelmente os custos operacionais, ao mesmo tempo em que evita o problema de erosão.

Indicada para o plantio de soja, trigo, sorgo, milho, etc., a **ROTACASTER** representa um novo estágio no processo de mecanização agrícola.

FÁBRICA NACIONAL DE IMPLEMENTOS HOWARD S.A.

RUA JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA, 219 - TEL. 282 A 286 PBX - TABOÃO DA SERRA, SP
CORRESP.: C. POSTAL, 20603 - TELEG. "FNGRAFO" - CEP 01000 - S. PAULO, SP - BRASIL

Eleições

Comunicamos que a Junta Administrativa, em sua V Reuniao Ordinária, realizada a 18 do mês passado, elegeu o Presidente e o Secretário Executivo desta Associação, cargos que ficaram assim preenchidos: Presidente — Plinio Gilberto Kroeff; Secretário Executivo — Eng. Agr. Renato Albano Petersen.

Expressando nosso proposito de tudo fazer, dentro das nossas possibilidades e dos recursos disponíveis, em prol do desenvolvimento do setor da economia agropecuária do Estado, de forma a corresponder a confiança que nos foi depositada, esperamos contar com o valioso apoio e colaboração de V. Sª para a consecução desse objetivo.

Eng. Agr. Renato Albano Petersen, Secretário Executivo da Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural — ASCAR.
Porto Alegre, RS.

Novo endereço

Por intermédio da presente, temos o prazer de informar a V. Sªs, que transferimos nossos escritórios da Rua Vig. José Inacio, 54, para a Rua Arlindo, 441, Caixa Postal, 466, Fones 23-1421; 23-1041; 23-1588; 23-6366 e 23-6430, que colocamos ao seu inteiro dispor. Luis Carlos Barbosa, MADEF S/A — Industria e Comércio
Porto Alegre, RS.

Revistas

Gostaria que os senhores informassem-me quais as revistas brasileiras existentes, dedicadas à agropecuária. Também gostaria de saber quais os boletins, brasileiros, editados tratando sobre este mesmo assunto.

Se for possível gostaria que mandassem uma relação das revistas e dos boletins dedicados à agropecuária, onde e como conseguí-las e o que cada revista publica.

José Aertsen
Francisco Beltrão, PR.

☒ — Solicite ao Ministério da Agricultura o trabalho de autoria do Eng. Agr. Ruy Colvára Rosinha, que contem um amplo levantamento de todas as publicações agropecuárias editadas no País.

Esclarecimento

É possível que tenha chegado ao conhecimento de V. Sªs uma notícia divulgada dia 27 de novembro último, que envolvia nossa empresa como tendo sido alvo de sanções pelo Conselho Interministerial de Preços — CIP, com a suspensão do crédito junto ao Banco do Brasil S/A e estabelecimentos privados.

Com intuito de evitar que se criem errôneas interpretações, sentimos a conveniência de vir a presença de V. Sªs para esclarecer que

esse episódio que não podemos deixar de lamentar, foi ocasionado por um simples desconhecimento de correspondências. Tão logo o assunto ficou esclarecido e constatada a perfeita regularidade de nossa empresa, inclusive no que se refere aos preços praticados, foram tomadas pelo Conselho Interministerial de Preços, imediatas medidas saneadoras que restabeleceram prontamente a normalidade de nossas operações bancárias e creditícias, conforme expediente nº 7840, que nos foi dirigido pelo referido Conselho no dia 3 do corrente mes.

O que mais nos move nesta comunicação é o apreço e o respeito que nutrimos por todos aqueles que, de uma ou de outra forma, tem participado, colaborado ou prestigiado nossa trajetória empresarial e também o desejo que temos de evitar que, ente eles, se distorça o conceito e a imagem de nossa organização, que acreditamos ter conseguido firmar, mercede dos princípios que nos nortearam nos 28 anos de nossas atividades.

Schneider, Logemann & Cia. Ltda.
Horizontina, RS.

Parabéns

Apraz-me nesta oportunidade parabenizar esta conceituada revista por mais uma edição do "Quem e Quem na Agropecuária Brasileira".

Eng. Agr. Gilberto Barros Lima
Sao Joao dos Patos, MA.

Coelhos

Interessado, na criação de coelhos, solicito a V. Sª catalogo de publicações sobre o assunto.

Outrossim, caso esta Editora não tenha publicações a respeito, indique-me outras, as quais possa dirigir-me e conseguir meu intento.

João Marinho Mattos
Resende, RJ.

☒ — Para obter informações completas sobre o assunto, dirija-se à Associação Brasileira de Cunicultores, sítio à Av. Amaral Peixoto, 171, s/701 — Niterói, RJ.

Éguas crioulas

Levamos ao vosso conhecimento que iniciaremos as promoções crioulisticas de 1974, com a realização da "II Prova de Resistência", para éguas Crioulas registradas e confirmadas. O percurso será de 300 kms, dividido em sete etapas conforme regulamento já estabelecido. Peso do jinete e sua equipagem: 95 quilos. A concentração das éguas será no estabelecimento do sr. Joao Farinha, Estância Capela, Bage, até o dia 25 de fevereiro, local em que o concorrente devera entregar o seu animal. Dia 24 de fevereiro os animais deverao ser conduzidos para o local de Remates "Chirú Pereira", sede dos trabalhos e de onde serao dadas as partidas. Neste local, os

animais deverao ser trabalhados, adelgaçados, ferrados, etc, durante seis dias, sob as vistas da Comissão Organizadora. No dia 1º de abril inicia e no dia sete do mesmo mes encerra a Prova de Resistência, com o percurso da ultima etapa. A Comissão Organizadora ficou constituída dos srs. Manuel Rossell Sarmento, Presidente e Carlos Mario Sune, Carlos Sa Azambuja, Joao Roberto Azevedo e Mario Magalhães Sune, conselheiros. O prazo para inscrição sera encerrado dia 20 de fevereiro.

"I Exposição de Outono para éguas registradas" — Após reuniões e consultas, levaremos a efeito no Parque da Associação Rural, Bage, este nosso primeiro certame de éguas rústicas, mangueira, registradas. As inscrições serao encerradas dia 20 de fevereiro de 1974. Recebimento no Parque até o dia seis de abril e o julgamento será no dia sete de abril, as 9 horas. As inscrições serao de lotes de tres éguas, divididos nas categorias de Potrancas e Éguas. Teremos campeonatos de Potrancas e Éguas e lote Grande Campeao. Ainda, de todos os lotes concorrentes teremos o premio de melhor Fêmea. Será uma exposição com animais em estado de campo e as categorias serao de 2 a 4 1/2 Potrancas e 4 1/2 a 10 1/2 Éguas (mansas de montaria). Outrossim, ficou estabelecido que de cada lote concorrente, o criador expositor escolhera uma égua que devera entrar em remate. As 15 horas do dia sete de abril teremos o início do grande Remate de Crioulos registrados — éguas e pastores — do qual participarao nao só uma égua de cada lote que concorreu a exposição, como também serao aceitas inscrições de éguas e pastores exclusivamente para o Remate. Este Remate tera bandeira livre.

José Julio Centeno Coutinho
Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos.
Pelotas, RS.

Agradecimento

Formulamos a presente a fim de acusar o recebimento do numero 309, desta revista, o qual inseriu, na pagina 20, uma noticia ilustrada sobre a projeção audiovisual proporcionada por esta empresa, aos medicos-veterinarios gauchos.

Aproveitamos o ensejo para agradecer a atenção que essa Editora nos prestou—

Instituto Veterinário Rhodia-Merieux S/A
Sao Paulo, SP.

Citrus

"Trabalhando a pouco tempo com plantas cítricas, solicito a esta Revista, informações a respeito das anormalidades a que sao suscetíveis estas plantas, suas causas e meios de combatê-las."

Afonso Celso Dutra
Mogi das Cruzes, SP.

☒ — Publicamos amplo material a respeito do assunto, em nossa edição nº 311, de Dezembro de 1973.

GIR LEITEIRO FB DE MOCOCA

CALDEIRA - 328

35 anos na seleção do Gir Leiteiro



CAMPEÃ MUNDIAL DE PRODUÇÃO LEITEIRA, EM GIR 7.748 kg DE LEITE EM 290 DIAS. 26.719 DE MÉDIA. CONTRÔLE DA APCB.

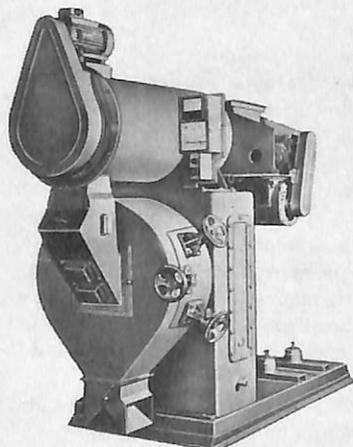
REPRODUTORES À VENDA: FRANCISCO F. BARRETO MOCOCA - Est. S. Paulo - Fone 18 - SÃO PAULO Rua 15 de novembro, 193 - 3.º - Fone 33-48-30

As 10 melhores produções leiteiras do plantel Gir Leiteiro FB de Mocoça, em controle oficial da Associação Brasileira de Criadores (ex-APCB) em setembro de 1973:

VACAS	PRODUÇÃO LEITEIRA	MÊS DE LACTAÇÃO	GORDURAS
1 - GROENLANDIA - I-680.	20,150	19	4,9%
2 - ESCALA - H-1650	20,100	49	4,6%
3 - GATA - S-751	19,910	19	4,7%
4 - FEIÇÃO - 622	19,200	39	4,4%
5 - GUASCA - 758	18,420	29	4,3%
6 - FIVELA - 659	17,850	49	4,3%
7 - CAMBRAIA - 3/35	17,520	29	4,9%
8 - GALOCHA - 723	17,320	29	4,2%
9 - GREVE - I-684	16,950	29	4,2%
10 - BATEIA - F-3272	16,900	69	4,8%

INDUSTRIALIZAÇÃO E VENDAS:

Agro-Pecuária Lagoa da Serra Ltda. - Fone 23 - Caixa Postal, 139 SERTÃO SINHO - Estado de São Paulo



PRENSA GRANULADORA

Para Farelos de: Soja, Amendoim, Milho, Algodão, Arroz. Vegetais: Alfafa, Mandioca e Rações. Inseticidas e Formicidas. De fácil manejo e com dispositivos de segurança. Capacidade de produção de 1 a 12 ton/hora. Diâmetro dos grânulos de 2,5 mm a 16 mm. Fabricamos também Misturadores, Moinhos, Elevadores-Transportadores, Peneiras, Trituradores, Melaceadores, etc.

Calibrax
EQUIPAMENTOS PARA RAÇÕES LTDA.

R. Pirassununga, 1211 - Moóca - Tels. 273-6127 e 273-1337 CP 13273 - End. Electr. "CALIBRAÇÕES" - S. Paulo - Brasil

Representante em Porto Alegre:
COVALSKI REPRESENTAÇÕES LTDA.

Av. Farrapos, 1.456 - 1.º andar - sala 204 Cx. Postal, 3025 - Tel.: 22-0571 - PORTO ALEGRE - RS

AQUI ESTÁ A SOLUÇÃO

Defesa

"Existe no mercado (ou pelo menos se é objeto de estudos) algum método eficiente para combater a ação dos passaros sobre as lavouras?"

Jose Venceslau dos Santos
Xanxerê, SC.

[R] - Após conferência sobre a depredação dos passaros nas colheitas, realizada nos Estados Unidos, em março de 1967, quando foi estimado em 15 milhões de toneladas anuais de grãos, as perdas causadas pelas aves, intensificaram-se os estudos de um método para combater os passaros. Uso de trombas, aparatos para assustar, agentes umectantes e esterilizadores, mostraram-se ineficazes, já que os passaros tendem a voltar quando cessam os efeitos destes recursos. Um novo método, porém, está sendo testado e tem apresentado ótimos resultados. Consta de um equipamento eletrônico, formado por um oscilador e amplificador de som, que emite duas frequências superpostas. São instalados falantes na lavoura, que lançam uma série de sons, cujo tempo de duração e silêncios são controlados automaticamente, os quais bloqueiam os órgãos auditivos dos passaros, interferindo, em seu sistema de comunicação. Conforme observação feita durante as experiências, os sons provocados pelo equipamento causam um aturdimento nos passaros, que os impede de alimentar-se, mesmo que permaneçam na lavoura.

Doença do pimentão

"De repente, no trato de mudas de pimentão que tenho em minha granja, comecei a observar que grande número delas estavam morrendo, logo após brotar no solo, e até o momento não obtive explicação para o fato."

Altamir Boeira
Sapucaia do Sul, RS.

[R] - Técnicos consultados pela revista, dizem que suas sementeiras — é provável — estejam sendo atacadas por uma doença bastante comum e que não raras vezes provoca a perda total das mudinhas do pimentão. Trata-se da "Mela", também conhecida como "tombamento" ou "damping-off". Os agentes patogênicos são vários e normalmente habitam o solo. A infecção pode ocorrer em pre-emergência, onde as plantinhas morrem antes de nascer ou ainda em pós-emergência, que é a mais notada. Nesse caso, observa-se um ataque em reboleiras, caracterizado pelo tombamento das mudas. Além de produtos de laboratórios que devem ser adicionados nos canteiros, é importante que eles não tenham excesso de umidade e falta de ventilação.

Hortaliças

"Adquiri uma pequena granja e pretendo, cultivar hortaliças. Por isso dirijo-me a esta excelente revista, da qual sou leitor assíduo, a fim de obter informações sobre as épocas de plantio e transplante da alface, ervilha, tomate, rabanete, beterraba e couve-flor.

Ronaldo de Azevedo
Curitiba, PR.

[R] - Os meses indicados para o plantio da alface são de abril até julho de cada ano, mas ela pode ser semeada o ano todo. O transplante inicia em maio e a colheita começa a partir de meados de junho. A ervilha começa a ser plantada em março e estende-se até outubro, iniciando a colheita em julho. O plantio do tomate tem seu início em agosto, estende-se até dezembro, enquanto o transplante é feito a partir de setembro e em dezembro começa a colheita. Quanto ao rabanete, não tem data própria para o plantio, podendo ser feito todo o ano, assim como a colheita. A beterraba tem seu plantio iniciado em maio, e vai até setembro e o transplante a partir de junho, sendo que a colheita inicia em setembro e vai até fevereiro. Esta é a época apropriada, mas a beterraba pode ser semeada o ano todo. Em fevereiro e março planta-se a couve-flor e o transplante vai de março até maio.



Ilustramos a capa desta edição com uma foto-montagem do complexo avícola Isabel/Leticia. Pela ordem aparece a Granja Leticia, de Charpeco, SC, vendo-se em primeiro plano o incubat

tório para 960 mil pintos mensais. Depois são focalizadas a Granja Isabel, de Farroupilha, RS, e a Granja de Postura Comercial, em Desvio Blauth, também no Estado gaúcho. Em nossas páginas, além da união dessas duas granjas em uma poderosa empresa avícola e outros assuntos, estamos destacando a Mesa Redonda sobre a Avicultura Nacional, promovida em São Paulo por esta revista ao findar 1973 e que reuniu dezessete personalidades destacadas no setor, com um único objetivo: lançar a Avicultura de nosso País em 1974 a passo acelerado no sentido de seu pleno desenvolvimento.

Índice

Caixa Postal	3
Aqui Está a Solução	4
Editorial	5
Flash	6
Ronald Bourbon Destaca	8
Mundo da Criação	10
Gado Leiteiro	11
Métodos de Combate à Anemia dos Leitoes	12
Ovinocultura	14
Coronado, uma Aveia de Duplo Propósito	16
Rancho Centaurus Inaugura Novas Instalações	18
Mundo da Lavoura	20
Trigo, Carne e Demagogia	22
Avicultura: Mesa Redonda — São Paulo	24
Isabel/Leticia, uma União para um Milhão de Pintos	42
Marreco Gaúcho Presente no Cardápio Nacional	46
Clube do Avicultor Gaúcho	48
Novidades no Mercado	49
Última Palavra	50

EDITORIAL

Ajuste de interesses

Não se trata de agradar gregos e troianos, mas é necessário, neste ano que se inicia, encontrar meios para ajustar melhor os interesses da Agropecuária aos interesses gerais da Nação. E fazer isso significa, fundamentalmente, incentivar a produção de alimentos para atender à demanda nacional, que está crescendo em progressão geométrica, enquanto a oferta cresce em progressão aritmética.

Uns e outros — produtores e consumidores — estão em oposição numa crise (da carne), que sucedeu a outra (leite), e que agora está tomando contornos de verdadeiro "lock-out".

O Governo, com o confisco cambial e o tabelamento rígido de preços, conseguiu até agora (e sofrivelmente) conter a inflação, mas a produção ainda não acompanha o consumo. Por outro lado, o imenso território brasileiro adequado à prática extensiva da Agricultura, poderia, se explorado racionalmente, colocar em pouco tempo o Brasil como a Nação mais em destaque na conjuntura mundial, quanto à produção de alimentos e à exportação, para todos os quadrantes, de seus excedentes.

Como chegar a essa posição? Responder essa pergunta é insistir na repetição de uma surrada fórmula, mas que, ao que tudo indica, é a mais correta inclusive para conjurar crises futuras de gravidade muito maior: ampliar a técnica agrícola, melhorar o sistema de comercialização (adoção de preços mínimos e atrativos ao produtor), e aumentar as inversões no campo, modernizando os organismos que dirigem a política agrícola para entrosar a Agropecuária com os demais setores da Economia Nacional. Além disso, ainda é preciso atender as peculiaridades de cada região produtora. No momento fala-se muito que o Governo Federal pensa em tomar medidas radicais em relação à Carne, falando-se até em estatização. Em contrapartida, afirma-se que o futuro Governo do General Ernesto Geisel devera ter como meta básica de seu programa de desenvolvimento para o período 74/77 o atendimento pleno do setor primário do País.

Apesar dos desencontros da informação, é preciso ficar ciente que a posição do setor primário nacional e privilegiada, tendo em vista que, nesse momento, em outras regiões do globo, houveram fracassos de colheitas, a luta pelo petróleo debilitou a produção de muitos países e a procura mundial de produtos agrícolas é crescente. Enquanto isso o nosso país avança para posições elevadas na produção de bens agrícolas, haja visto que somente São Paulo, até novembro do ano passado, exportou três milhões de toneladas, a fora o café, que chegou à casa do 1,9 milhões.

Antes de exportar, é preciso, porém, pensar no consumidor nacional. Conforme informações recentemente veiculadas por instituições ligadas à nutrição, cada brasileiro deveria consumir sete quilos de carne bovina por ano, mas em 1970 a oferta foi de 2 quilos "percapita", somente, isto é, a mesma que há dez anos atrás: 1 milhão e 656 mil toneladas de carne bovina.

Como alternativa para a escassez de proteína bovina destinada ao consumidor interno, esta se apresentando com grande força, a Avicultura. Na opinião de um dos participantes da Mesa Redonda sobre Avicultura Nacional, realizada em São Paulo pela revista, "o comprador vai buscar a proteína onde ela estiver mais barata". E de fato, diante dos preços da carne bovina, cujos produtores, especialmente os gaúchos, querem cada vez mais concorrer no mercado externo, parece que é chegado o tempo do avicultor ocupar o seu merecido lugar na produção de alimentos proteicos para a população brasileira.

Nesta edição estamos divulgando o que vai pela Avicultura Nacional, através desse verdadeiro acerto de objetivos que se transformou a Mesa Redonda de São Paulo, ocorrida em dezembro passado. Pelo que se pode apurar nessa reunião dos mais destacados líderes do setor, é somente questão de tempo a conquista da faixa populacional que ainda não optou por um maior consumo de aves.



A GRANJA — revista mensal dedicada à agropecuária, fundada em 1944, por A. Fabiano Carneiro, e uma publicação da Editora Centaurus Ltda. Registro no DCDP sob nº 088. P. 209/73 — Redação e Administração: Rua Vigário José Inácio — 263 — 3º andar — Fone: 24-1117 — Caixa Postal, 2890 — Porto Alegre, RS — Nº Avulso: Cr\$ 5,00 — Assinaturas: 1 ano Cr\$ 50,00 — 2 anos Cr\$ 85,00 — 3 anos Cr\$ 115,00 — Número atrasado: Cr\$ 6,00. No Exterior: 1 ano US\$ 20,00 — 2 anos US\$ 32,00 — 3 anos US\$ 46,00 (Porte simples).

Direção: Hugo F. Hoffmann — Gerência: Carlos M. Wallau — Chefe de Redação: Otacílio Grivot — Chefe de Reportagem: Rui Silva de Carvalho — Diagramação: Jaury Lopes dos Reis — Composição: Vilmar Marques Cavalheiro — Montagem: Argeu Souza Machado — Fotografia: Antonio Pereira Filho — Circulação: Dagmar Cavalheiro — Colaboradores: Méd. Vet. Almiro Brasileiro — Eng. Agr. Alexandre Kun — Eng. Agr. Ady Raul da Silva — Prof.ª Anna Maria Primavesi — Prof. Gerardo Velloso Nunes Vieira — Eng. Agr. Hélio M. de Rose — Méd. Vet. Israel Szklo — Méd. Vet. J. C. Coelho Nunes — José Resende Peres — Prof. Karl H. Mohrdieck — Eng. Agr. Lia R. C. Venturella — Prof. Newton Martins — Eng. Agr. Paulo S. Kappel — Eng. Agr. Paulo Annes Gonçalves — Eng. Agr. Rubens Tellechea Clausel — Eng. Agr. Sergio Englert — Eng. Agr. Adary Coimbra Filho — Sucursal São Paulo: Pça. da República: 473 — 6º andar — Conj. 61 — Fone: 35-7775 — Gerente: Richard Jakubaszko — Contato: J. Rodrigues — Representante em Salvador: Dr. Waldemar M. Mattos — Rua Rocha Galvão, 77, Nazaré — Distribuição — Porto Alegre: Vigário José Inácio, 263, 3º andar — Curitiba: Casa Prelúdio, Rua André de Barros, 436 — São Paulo: Praça da República, 473, 6º andar — Coni. 61 — Guanabara: Av. Churchill 38-B, 2º andar.

SOJA EM BRASIL-74

Com um significativo crescimento de 40% na cultura da soja em relação à colheita do ano passado, o Brasil deverá colher, de abril a junho de 1974, cerca de 7,3 milhões de toneladas de soja, plantadas em 48 milhões de hectares, conforme informou a Comissão Nacional da Soja. O Rio Grande do Sul, segundo a mesma fonte, continuará sendo o maior produtor, com 4 milhões de toneladas, seguido pelo Paraná (2 milhões), São Paulo (500 mil), Minas Gerais (190 mil), Goiás (180 mil), Mato Grosso (170 mil), Santa Catarina (120 mil), Espírito Santo (1.200 toneladas, na sua primeira safra). Segundo consta, o Estado do Rio prepara-se também para iniciar o cultivo daquele grão.

BOLSA DE GADO

Ao encerrar-se 1973, o mercado atacadista mineiro de gado apresentava, através da Bolsa de Gado, uma oferta de 2.899 cabeças para uma demanda de 3.719 cabeças. Nas operações de compra as cotações das matrizes para corte estavam elevadas. Informou Vicente França, superintendente da Bolsa de Gado, que o aumento da demanda de matrizes naquele período, devia-se à tendência dos pecuaristas mineiros para a formação e ampliação de seus rebanhos. A matriz zebuada, de primeira a terceira cria, está cotada no mercado mineiro entre Cr\$ 1.500 a Cr\$ 2.100.

CAFÉ DO PARANÁ

Recentemente o Informe IBC (Carta da Produção da Rubiaceae no Brasil) veiculou análise sobre a produção cafeeira no Estado do Paraná. Segundo essa análise, acompanhada de gráficos, englobando a distribuição da população cafeeira, da produção dos estabelecimentos cafeeiros, 71% da população cafeeira está abaixo do nível de 72 sacas coco por 1.000 pes; essa população é responsável por apenas 49% da produção, para a qual concorrem 81% das propriedades cafeeiras; consequentemente, 51% da produção do Estado é proveniente de apenas 28% da população cafeeira, que se distribui por 19% das propriedades dedicadas a cafeicultura; a distribuição das propriedades demonstra que a maioria dos estabelecimentos apresentam baixa produtividade (71% das propriedades encontram-se nas classes inferiores a 72 sacas coco ou, aproximadamente, 24 sacas beneficiadas); 50% da produção do Estado encontra-se comandada por apenas 19% dos estabelecimentos cafeeiros.

FINANCIAMENTOS

Patrocinado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e o Banco Mundial, o Grupo Con-

sultivo para Investigações Agronômicas Internacionais manifestaram recentemente sua intenção de facilitar cerca de US\$33 milhões em 1974 para financiar programas destinados a elevar a quantidade e qualidade da produção de alimentos nos países em desenvolvimento de todo o mundo.

TÉCNICOS DO AMAZONAS

Técnicos do Serviço de Extensão Rural do Amazonas (Acar-Amazonas) visitaram, em viagem de estudos sobre cooperativismo, os Estados do Paraná, São Paulo e Santa Catarina. O objetivo da viagem foi o de observar a situação em que se encontram as cooperativas da região, bem como apreender as principais estratégias utilizadas pelos responsáveis pelo desenvolvimento de cada programa. A Acar-Amazonas, atualmente, está envolvida com um "Programa de Reorganização e Desenvolvimento do Cooperativismo no Amazonas", que recebeu financiamento da SUDAM. Através desse programa, a meta é fornecer aos interessados no desenvolvimento do Cooperativismo na Amazônia o caminho que devem trilhar para atingir o sucesso esperado.

FUSÃO DE FÁBRICAS

Em Campo Real, RS, (antigo Não-Me-Toque) vai se instalar uma fábrica de implementos agrícolas, através da fusão da fábrica de Implementos Agrícolas Jan S/A, daquela cidade, com a Indústria Vicon N.V., da Holanda. Denominada "Vico-Jan", a nova fábrica inicialmente vai distribuir seus produtos através de uma rede de mais de duzentos revendedores, cobrindo todo o Brasil. A Indústria Vicon N.V. produz máquinas agrícolas, produtos de polyester e de fundição, com filiais na Holanda, Espanha, Itália e Índia. Nesta segunda fase, está prevista a exportação de nova fábrica para outros países.

MERCADO JAPONÊS

O Brasil, ao lado do Paquistão, El Salvador, Nicarágua, Guatemala, Egito e Índia, está entre os trinta países que fornecem algodão em rama para o Japão, cobrindo 40% do mercado japonês importador do produto. As importações japonesas de algodão bruto no período 72/73 totalizaram 3,8 milhões de fardos.

BICHO-DA-SEDA

O Posto Experimental de Galia, subordinado ao Instituto de Zootecnia, da Secretaria de Agricultura paulista, que vinha executando uma série de projetos experimentais, produzindo material básico de propagação do bicho-da-seda e amoreiras, será local de dois cursos anuais sobre sericultura. Os cursos (um deles já foi iniciado em novembro último) são ministrados pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), através do Departamento de Orientação Técnica (DOT), da Seção de Pequenos Animais, com a duração de cinco semanas. Cada curso conta com 25 vagas e um dos seus principais enfo-

ques para o aprendizado, é o acompanhamento "in loco", do desenvolvimento da criação do bicho-da-seda, além das particularidades de manejo, área da cultura da amoreira, limpeza, seleção, colheita, embalagem e armazenamento dos casulos. O mês de novembro foi o escolhido para a realização do curso, por coincidir com o início da criação do bicho-da-seda-

CAMPOS DE PRODUÇÃO

Em São Paulo o cultivo de sementes melhoradas, realizadas pela Secretaria de Agricultura e feito em mais de 1.300 campos de produção de sementes, distribuídos por todas as Divisões Regionais Agrícolas (DIRAS) e cerca de 400 campos produtores de sementes certificadas, a partir de sementes genéticas e básicas, também fornecidas por aquela repartição.

DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS

A Associação Brasileira de Criadores de Suínos está credenciada pela Cacex, para coordenar a distribuição de farelo de soja aos criadores de suínos em todo o País. Os interessados devem dirigir-se a um dos seguintes locais: Associação Paranaense de Suinocultores, Curitiba, Caixa Postal 1662; Associação Catarinense de Criadores de Suínos; Associação Brasileira de Criadores de Suínos, Estrela, RS. Todos os serviços e informações serão prestados gratuitamente pelas entidades de classe.

CRESCIMENTO

Segundo o Ministro da Indústria e Comércio, Pratiní de Moraes, as exportações brasileiras, em 1973, se elevaram aos 6 bilhões e 600 milhões de dólares, o que representa um crescimento de 53 por cento sobre o ano anterior. O ministro esclareceu que os produtos primários tradicionais participaram de 2,8 bilhões de dólares, cabendo ao café, 1,25 bilhão; produtos industrializados, 1,9 bilhão; sendo que apenas 1,3 bilhão foram de manufaturados. Segundo a mesma fonte governamental, o País importou, no mesmo período, somente em aço, cerca de 2,3 milhões de toneladas, não sendo divulgado sua conversão em dólares.

BANANICULTURA

Está sendo desenvolvido no Vale da Ribeira, SP, o Programa Prioritário de Assistência Técnica Regionalizada à Bananicultura, nos municípios pertencentes à Sub-Região Agrícola de Registro, com a supervisão de técnicos da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI). Os técnicos, entre outros providências, estão instruindo os bananicultores sobre o preparo do solo e tratamentos culturais, com projeção de "slides" e distribuição de livretos, contendo explicações práticas para a mecanização dos bananais. Além da orientação técnica, foram instalados seis postos de informação, para o controle do mal de "Sigatoka", localizados em Itariri, Iguape, Itimirim, Sete Barras, Eldorado Paulista e Bigua, que orientarão 835 das 3.920 propriedades da região.

Por apenas
Cr\$ 10,00
você fica por dentro
de todos os segredos
da economia rural
do país que mais
cresce no mundo.

JÁ EM CIRCULAÇÃO

QUEM É QUEM

QUEM É QUEM

NA AGROPECUÁRIA BRASILEIRA

Por sua orientação prática e seu alto conteúdo, o Quem é Quem na Agropecuária Brasileira é da maior utilidade para criadores, lavoureiros, agrônomos, veterinários, técnicos rurais e estudantes.

O novo Quem é Quem fala com autoridade sobre:

- ◆ leite ◆ trigo ◆ pastagens
- ◆ soja ◆ carne ◆ café ◆ algodão
- ◆ arroz ◆ ovinocultura ◆ suinocultura
- ◆ mecanização rural ◆ crédito rural

e outros tantos assuntos de real interesse.

Quem é Quem dá a relação completa de todas as Associações do Brasil, que congregam criadores de bovinos, ovinos, suínos, aves e eqüinos, com nomes e respectivos endereços de seus associados, e também das organizações industriais que produzem e fornecem para a agropecuária.

O novo Quem é Quem reproduz também os mais importantes assuntos tratados em quatro MesasRedondas.



duas em São Paulo e duas no Rio Grande do Sul, onde expressivas autoridades brasileiras traçaram o perfil completo da agropecuária do País.

E mais: artigos técnicos sobre:

- ◆ pastagens (Voisin) ◆ avicultura
- ◆ algodão ◆ ovinocultura
- ◆ suinocultura ◆ sorgo
- ◆ planejamento rural.

Tudo isso você vai encontrar no Quem é Quem 1973 de A GRANJA. Então? O que você está esperando para ficar por dentro da economia rural brasileira? Para encomendar o seu exemplar basta preencher o cupom abaixo.

UMA PUBLICAÇÃO ESPECIAL DE

a granja

Autorizo a remessa de.....exemplar(es) ao preço unitário de Cr\$ 10,00.

Nome.....

Rua.....

N.º.....Caixa Postal.....

CEP.....Cidade.....Estado.....

Estou fazendo o pagamento por: Ordem de pagamento Vale postal

Preencha o cupom e remeta juntamente com o pagamento correspondente ao número de exemplares solicitados.



Vigário José Inácio, 263
3.º andar - Cx. Postal 2890
90.000 - Porto Alegre - RS

RONALD BOURBON DESTACA

REVOLUÇÃO NOS TRANSPORTES

Quando há vinte anos, uma das últimas remanescentes da navegação fluvial do Rio Grande do Sul, a Navegação Arnt, deixou de existir, os rios gaúchos, com potencialidades imensas para colaborar no incremento dos transportes, foram relegados a secundaríssimo plano. É que na época não havia ocorrido ainda o "boom" da soja, e a industrialização era incipiente no Estado gaúcho. A situação mudou muito até nossos dias e em breve as bacias fluviais dos rios Jacuí e Ibicuí e da foz do Santa Maria até o rio Uruguai vão ser



Mário Andreatza

ligadas, para, numa hidrovía de mil quilômetros, escoarem a produção desde Uruguaiana até a Capital. "O Grande Plano de Desenvolvimento das Vias Navegáveis do Rio Grande do Sul", por autorização do Ministro Mário Andreatza, já está em fase de implantação. Pelas palavras daquele homem público, essa verdadeira revolução nos transportes de riquezas dos municípios fronteiriços, permitirá também aos municípios do Planalto Central o escoamento racional e econômico de suas safras. Pois acreditamos que, com essa hidrovía, se beneficiarão outros setores da vida gaúcha, inclusive o turismo interno, que poderá chegar a muitos pontos de atração através de novos caminhos.

KROEFF NA ASCAR/RS

O Serviço de Extensão Rural do Rio Grande do Sul, devesse ganhar um verdadeiro impulso, nos próximos tempos, com a nomeação do industrial e conhecido administrador Plínio Gilberto Kroeff para dirigir a Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (ASCAR). Plínio Kroeff, que, por um período bastante longo, esteve à testa da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS), deixou bem marcada sua passagem por aquela entidade representativa com inúmeras demonstrações de



Plínio Kroeff

seu espírito de liderança, capacidade administrativa e conhecimento da realidade gaúcha. Em 1967, numa incursão que pode ser classificada de histórica para as classes produtoras gaúchas, Plínio Kroeff, liderando uma caravana de trinta homens de negócios, saiu pelo Estado estreitando laços com a Agropecuária, fato comprobatório da agudeza de sua visão sobre a necessidade de união de esforços, no sentido de destacar economicamente o Rio Grande no cenário brasileiro. Acreditamos que, com a bagagem que Plínio Kroeff leva para o seu novo cargo, o Estado e a Agropecuária gaúchas só tem a ganhar.

SAIU DA GAVETA

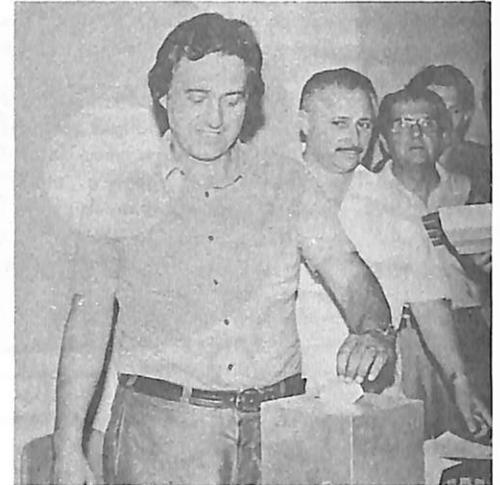
O feliz desejo de "transformar refrigerante em alimento, num país com muita fome", do deputado federal Sérgio Cardoso de Almeida, de São Paulo, acabou se tornando realidade. O anteprojeto-de-lei, apresentado em 1970, na Câmara Federal, tratando da obrigatoriedade dos fabricantes de refrigerantes em incluírem suco natural em seus produtos, terminou sendo sancionada pelo Presidente da República. No próximo dia 10 de fevereiro, entram em vigor as portarias expedidas pelo Ministro da Agricultura e que regulamentam a matéria. Sem falar na enorme perspectiva que se abre para a produção de sucos naturais, quem lucrará realmente será o consumidor que terá acesso a mais um dos bens ofertados, até o momento, as classes sociais mais elevadas economicamente. A combatividade do deputado paulista, nossos aplausos, já que devido a ela é que o suco saiu da gaveta.

"BOOM"

Não existe melhor termo para expressar o que acontece com a cultura da soja no Brasil: um verdadeiro "boom" (gíria inglesa que significa crescimento explosivo). A Arauto Publicidade (Av. Alberto Bins, 1034, fone 25-01-34, Porto Alegre, RS), encarregada da promoção da II Festa Nacional da Soja, no município gaúcho de Santa Rosa, avisa que

restam poucos "stands" ainda à venda e que serão expostos na festa. Não é para menos. Além de ter como vedete, o grão mais em evidência no Brasil, a festa será realizada no centro do polo geo-econômico dos municípios do Alto Uruguai, onde estão situados os maiores parques de máquinas e implementos agrícolas do país e seus índices anuais de produtividade agrícola são elevadíssimos em relação ao resto do Brasil.

ARGUMENTO FORTE



Rubens Gonçalves Dias

Os cinquenta sócios da ASGAV (Associação Gaúcha de Avicultores), que atenderam ao edital de convocação para as eleições da Diretoria da entidade, ao que consta, chegaram à sede, no dia 4 último, bastante divididos: uma facção se inclinava para Nelson Franken, outra, menor, para Bruno Ritter, tesoureiro da entidade; uma terceira, bastante numerosa, desempenhando o papel de "maioria silenciosa"; e uma quarta, fechando o questionário nos seguintes termos: "Ruim com ele, pior sem ele", referindo-se evidentemente aos problemas de saúde que forçaram Rubens Gonçalves Dias a entrar em licença da Presidência da ASGAV por muitos meses. O argumento acabou convencendo, pois Rubens foi confirmado na Presidência. Parabéns, Rubens. Estima este calunista que daqui para frente, você goze de boa saúde, pois ela será necessária para o encargo de realizar — sua grande tarefa — o IV Congresso Brasileiro de Avicultura, em 1975, na Capital gaúcha.

AMEAÇA À PESQUISA

Sem qualquer perspectiva de acesso promocional, e principalmente em consequência dos baixos vencimentos pagos pelo Estado, técnicos do Instituto Agrônomo de Campinas, SP, estão trocando seus cargos naquela instituição, por empregos em empresas particulares, o que constitui uma séria ameaça à pesquisa. Nos últimos cinco anos, 51 técnicos abandonaram o Agrônomo, o que poderá comprometer o andamento de vários projetos.

É incrível que isto ocorra no momento em que se procura estimular o "know-how" nacional, em detrimento do importado.

DE AS SUAS VACAS O SEMIEM PURO DE UM "LATIN-LOVER":

A LIQUIFARM instalou duas fazendas modelares, a Fazenda Santa Cecília em Araçatuba (SP), de 2.000 hectares que serve como estação experimental, e a Fazenda Suiá Missú em Barra do Garças (MT) com 566.000 hectares, que é o conjunto agro industrial para produzir 30.000 toneladas de carne desossada. Para exportar carne nos mercados mais sofisticados, a LIQUIFARM projetou produzir novilhos prontos para o abate aos 24 meses de idade. Para alcançar tal meta pensou no cruzamento de vacas Nelore com touros das afamadas raças italianas de corte Marchigiana e Chianina, com produtos de alta velocidade de crescimento e alta conversão dos alimentos. Os resultados em engorda confinada, confirmam o planejado.

Centros comerciais

MATRIZ: SÃO PAULO - Rua Xavier de Toledo, 161 - 8º
Fones: 37-2591 - 37-3310 - 36-1403.

FAZENDAS: SANTA CECÍLIA - ARACATUBA - SP - Fone: M. 4
SUIA - MISSÚ - BARRA DO GARÇAS - MT.

FILIAIS: RIO DE JANEIRO - GB - Av. Franklin Roosevelt, 137
10º - Fone: 222-1877.

BELO HORIZONTE - MG - Rua Guajajaras, 410 - 13º.
Fone: 24-5611.

GOIANIA - GO - Rua Bahia, 560 (Campinas)
Fone: 30-142

CURITIBA - PR - Av. Marechal Deodoro, 560 - 16º.
Fone: 24-7722.

PORTO ALEGRE - RS - Rua Dr. Flores, 62 - 5º.
Fones: 24-9366/24-9443.



Marchigiana
- o magnífico sedutor!

Liquifarm do Brasil s/a
Agropecuaria

Fazenda Santa Cecília
Fazenda Suiá Missú

MUNDO DA CRIAÇÃO

DEFICIÊNCIAS

A deficiência, tanto de cálcio como de fósforo, segundo técnicos australianos, se é suficientemente prolongada, determina anomalias nos ossos e dentes, diminuição do apetite, do crescimento e da eficiência do peso utilizado, bem como reduz a fertilidade, a produção de leite e de ovos.

As manifestações da deficiência são acompanhadas ou precedidas por modificações bioquímicas do sangue que são diferentes e específicas para cada mineral. Já no século XVII se apreciou a fragilidade óssea e fraturas espontâneas no gado vacum que viva confinado em certas pastagens da Europa. Desde então vem sendo aceito que os defeitos do esqueleto constituem a principal indicação das deficiências do cálcio e do fósforo.

É que os minerais que são encontrados nos ossos são principalmente o cálcio e o fósforo, e que as necessidades quantitativas dos tecidos ósseos para estes dois elementos são muito superiores às que têm os tecidos brandos e os fluidos orgânicos. Por outro lado, são amplas as reservas de cálcio e fósforo nos ossos totalmente calcificados, os quais podem ser subtraídos sem que se produzam alterações graves.

ANEMIA INFECCIOSA

A anemia infecciosa apresenta-se sob três formas: aguda, subaguda e crônica. Os principais sintomas da doença são a febre recorrente, fraqueza muscular, emagrecimento rápido e violento, mucosas ictericas e hemorrágicas com petequias, petequias sub-linguais, petequias na mucosa nasal, edema ventral e de membros e depressão mental.

O diagnóstico clínico tem grande valor, mas deve ser complementado com exames de laboratório, e no caso do animal morrer, deve-se colher dados anátomo-patológicos macroscópicos e histológicos.

Os animais doentes ou portadores da doença devem ser eliminados. Com profilaxia, recomenda-se: isolamento dos animais, protegendo-os de moscas (*Stomox calcitrans*), limpeza das camas (baías), bebedouros higienicos, desinfecção de seringas e agulhas (fomitís) e transporte em caminhões telados.

FONTES DE INFECCÃO

Dentre as principais fontes de contágio, as feiras de animais ou as exposições que, segundo dados epizootológicos, concorrem com cerca de 29% do início de novos surtos. A segunda fonte de infecção é constituída pelos rebanhos vizinhos responsáveis por 11% dos novos focos. As pessoas concorrem com 18% dos surtos. Dentre estas, o ordenhador é responsável por 5% dos focos. Os cães e as aves migratorias podem transportar a grande distância o vírus aftoso. De um modo geral pode-se afirmar que cerca de 5% dos surtos são



As feiras ou exposições de animais são as principais fontes de contágio. Concorrem com 29% do início de novos surtos infecciosos.

provocados por essas duas espécies.

O caminhar do leite é responsável por 1%, o mesmo acontecendo com os vagões de estradas de ferro. As aguadas e os alimentos contaminados são responsáveis por 1% do contágio indireto. Outros fatores desconhecidos ou outros ainda pouco conhecidos influem consideravelmente na ocorrência de febre aftosa. No último surto da doença, ocorrido na Inglaterra, ficou bem caracterizada a importância dos ventos na disseminação dessa virose.

RAÇÕES DE INVERNO

As rações que constam na lista abaixo tem sido empregadas com êxito no Departamento de Zootecnia da Estação Experimental Agrícola de Mississippi. Calculou-se para vacas adultas com um peso de 1.000 libras (450 kg), com parto previsto para a primavera.

- 1) 15 quilos de ensilagem de sorgo; 2,5 quilos de feno de gramíneas; 500 gramas de farinha proteica.
- 2) Feno de farinhas diversas; 500 gramas de farinha proteica.
- 3) Dez quilos de feno de leguminosas
- 4) Pastoreio em forragem de aveia, por três horas diárias
- 5) 22,5 quilos de ensilagem de sorgo; 500 gramas de farinha proteica
- 6) 15 quilos de ensilagem de sorgo; 2,5 quilos de casca de algodão; 500 gramas de farinha proteica
- 7) 10 quilos de bom feno de gramíneas; 500 gramas de farinha proteica.

NUTRIÇÃO MINERAL

Apenas quinze, dentre os elementos minerais, são considerados essenciais para a nutrição animal. É tido como essencial o elemento sempre presente no organismo animal e cuja carencia total ou parcial na nutrição ocasiona perturbações diversas. Os elementos minerais essenciais são os seguintes: cálcio, fósforo, magnésio, cloro, sódio, potássio, enxofre, ferro, zinco, cobre, manganês, iodo, cobalto, molibdênio e selênio.

Alguns deles são normalmente encontrados nas forragens verdes em quantidades suficientes como cálcio, magnésio, potássio, enxofre, ferro, zinco, cobre, molibdênio e selênio, de modo que não merecem atenção no regime de pasto. O cloro e o sódio sempre faltam. O

fósforo é carente com grande frequência em extensas áreas e em certas épocas do ano. O mesmo acontece com o cobalto, porém em menor grau. O iodo falta em muitas regiões de altitudes, distantes do mar. O cobre pode faltar em certas ocasiões.

VACAS IMPRODUTIVAS

Não é prático nem vantajoso manter as vacas de cria com tanta carne como elas se encontram normalmente ao final da temporada do pastoreio; mas também é um erro permitir que elas estejam fracas durante a temporada de inverno.

As vacas que deixam de produzir um bom terneiro cada ano não são lucrativas. É uma boa prática de manejo separar as mães produtoras antes de que chegue o inverno. Desta forma haverá mais espaço e mais alimento para o gado que paga o custo de sua manutenção.

A prova de prenhez no outono permitirá descobrir as vacas improdutivas para que possam ser vendidas antes da estação seca.

VERMINOSE

Causa de enormes prejuízos, os vermes infestam mamíferos, aves, peixes e todos os animais domésticos e selvagens. E, dentre as vítimas está o homem. Um censo helmintológico realizado em uma cidade do interior do Espírito Santo, deu como resultado que as verminoses atingiam 99,7 por cento da população. Assim, por tese, pode-se admitir que todo animal é considerado como infestado por vermes, ate prova em contrário. E toda verminose é patogênica, isto é, causa distúrbios no organismo. Apenas varia a intensidade, conforme a quantidade do verme.

Apresentam-se de três formas: 1) Redondos ou Cilíndricos — são os Neumatodeos, os mais comuns e abundantes. Um exemplo são os *Haemonchus* (verme do coagulador dos ruminantes). 2) Chatos ou em forma de fita — os Cestodeos, que destacam-se pelo tamanho. Exemplo deste tipo é a *Tenia*, também conhecida por "solitária" ou "lombriga". Podem medir mais de um metro de comprimento, soltando, constantemente, pedacinhos de seu corpo, que são vistos nas fezes. 3) Em forma de folha ou de um "trema" — são os Trematodeos, muito conhecidos no Sul do país e mais recentemente no Vale do Paraíba (São Paulo). É a "*Fasciola hepática*", vulgarmente conhecida por "batatinha do fígado" ou "saguaipe".

Para evitar estes vermes, o criador deve fazer tratamentos táticos, que podem ser: após uma chuvarada (15 ou 20 dias); quando piorarem as condições alimentares, pois quando decaem as condições orgânicas, automaticamente, aumentam as verminoses; quando houver interferência de outras doenças, que diminuam a resistência do organismo. Os animais que adoecem, por exemplo, com aftosa ou fazem uma grande caminhada, tem sua resistência diminuída; quando há alteração dos hábitos alimentares, sobretudo com o aumento da população, por área ou mudança de pastagens e após exames de fezes regulares e cultura de larvas. Este é o conselho ideal.

PECUÁRIA

□ Gado leiteiro

Aproveitar vacas difíceis de ordenhar ou más produtoras para criar alguns bezerros de outras vacas, inclusive de alguma que tenha morrido, é um sistema de aleitamento natural bastante usado. Em geral, o bezerro é separado da mãe na segunda semana de idade e habituado a mamar na ama. Vacas boas leiteiras podem criar até quatro bezerros no início da lactação e dois no fim. Como a desmama em geral é feita logo depois de três meses, a mesma ama pode criar facilmente seis a sete bezerros. É importante que os bezerros aprendam a comer ração sólida desde cedo, para serem desmamados aos três meses e é necessário que a quantidade de leite correspondente a cada bezerro seja suficiente. O aleitamento com vacas amas é muito difundido na Inglaterra, principalmente na criação de bezerros destinados à produção de carne.

DESCORNA

A descorna é uma operação particularmente indispensável em fazendas que utilizam gado cruzado ou mestiço. Quando se cruzam duas raças diferentes e os animais cruzados possuem quantidades muito variadas dos sangue de cada raça, a formação dos chifres se processa de maneira muito desuniforme, prejudicando a parte estética do rebanho. Além disso, a eliminação dos chifres corresponde a um risco a menos para os encarregados do trabalho e também para o próprio gado. Procedendo-se a mesma, a energia dispendida na formação do chifre será melhor aproveitada no crescimento do corpo do animal.

A descorna a ferro em brasa é a mais prática. Utiliza-se uma bola de ferro de 3 cm de



A descorna traz muitas vantagens.

diâmetro, com uma das faces achatada, e a outra normal, redonda. Quando o bezerro atinge um mês de idade, limpa-se o cabelo ao redor dos pequenos chifres em nascimento, queimando-os uma vez com a parte chata e uma segunda vez com o lado redondo da bola. Em cada chifre deve-se obter um orifício de 6 a 7 mm de profundidade. Passados um ou dois dias, aplica-se uma pomada, para evitar o endurecimento da pele que vai se formar naqueles locais.

Os pecuaristas novatos em descorna não devem se impressionar com a fundura e o aspecto do buraco causado pelos descornadores. Se no futuro vierem a surgir pequenos "tocos" de chifres, uma segunda descorna poderá ser feita, sem nenhum problema, passados alguns meses.

MINERAIS NO LEITE

Os minerais, segundo a concentração em que se encontram no organismo animal, são

classificados em dois grupos: macroelementos e microelementos. Os primeiros estão presentes no corpo em proporção superior a 1 por 20.000 partes de peso vivo, enquanto os últimos estão em traços. Nas análises, os microelementos são expressos em partes por milhão (ppm) de matéria seca e os macroelementos são expressos em percentagens (%). Abaixo indicamos a concentração de alguns elementos minerais no leite da vaca:

Elementos minerais essenciais e sua concentração aproximada (Por kg de peso vivo)

Macroelementos (g)

Calcio	13 - 18
Fósforo	8 - 10
Potássio	4
Sódio	3
Cloro	3
Enxofre	1,5
Magnésio	0,4 - 0,5

Microelementos (mg)

Ferro	45 - 50
Zinco	20
Cobre	4
Manganés	0,5
Iodo	0,3
Cobalto	0,1
Molibdênio	—
Selênio	—

Concentração de Minerais no Leite de Vaca

Macroelementos (g/kg)

Calcio	1,2
Fósforo	1,0
Magnésio	0,1
Potássio	1,5
Sódio	0,5
Cloro	1,1

Microelementos (mg/litro)

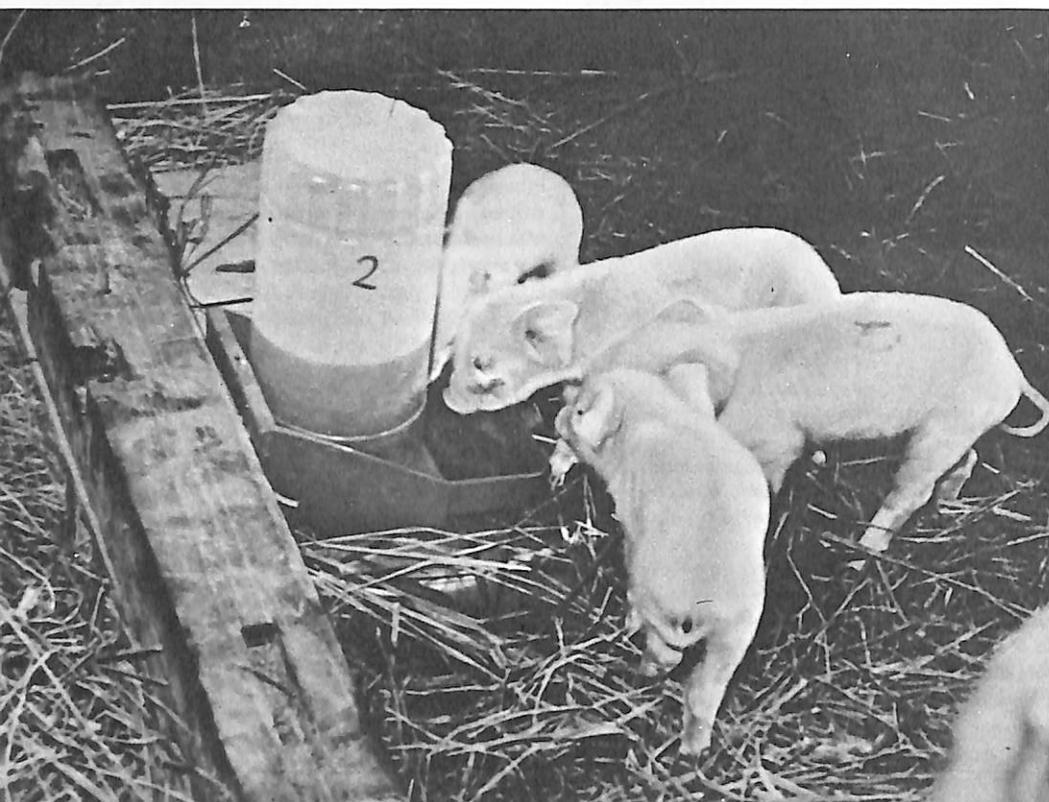
Zinco	4,0
Ferro	0,5
Cobre	0,2
Manganés	0,03
Iodo	0,05

Controle leiteiro — ACH/RS

Lúcio Emídio Richter

NOME DOS ANIMAIS	CRIADOR	IDADE	DIAS	LEITE kg	GORD. kg	%	LIVRO DE MÉRITO
Fascinação de B. Pabst 11	Joaquim Soares Filho	3,3	305	3.425	116	3,39	
Ladina de Bage Pabst-7	Joaquim Soares Filho	3,5	291	4.132	136	3,29	
Guadalup Boy Ilustre	Esc. Tec. de Agricultura	3,5	305	3.117	112	3,61	
Lolas Triunfo Adema	Ernani A. de Oliveira	3,6	213	771	24	3,19	
Zabalua R. Guapa-157	Agro Pec. Itapua Ltda.	3,6	210	2.856	96	3,37	
Lolas A. Boy	Vicente S. Donazar	3,6	231	2.779	97	3,49	
CPO. Belatriz G. Signet	Cel. Pedro Osorio S/A	3,6	305	3.300	115	3,50	
Med. M. Rocket Ilustre	Aristides F. de Moraes	3,6	365	6.789	219	3,22	Livro de Mérito
Apil 107 Rose Madcap	Agro Pec. Itapua Ltda.	3,5	305	4.126	148	3,59	
Catita Madcap F. Duke	Otávio M. Santos	3,7	365	13.300	466	3,55	Livro de Mérito
Planeta C. Reflection	Arthur A. Assumpção	3,8	305	4.044	151	3,73	
Cambarawara V. D. Rocket	Vicente S. Donazar	3,8	250	4.270	145	3,40	
Rufina 41 Wis Captain	Dácio Paiva	3,8	290	3.146	100	3,20	
Sylvia Margo P. Master	Adahyr de Oliveira	3,10	197	1.428	50	3,53	
Med. P. R. Sovereign 133	Aristides F. de Moraes	3,9	365	9.271	290	3,12	Livro de Mérito
Cambarawara 64 P. Optimo	Vicente S. Donazar	4,0	365	5.402	200	3,70	Livro de Mérito
Natalia M. 446 Ilustre 171	Walmirante S. Silveira	4,1	305	3.394	112	3,32	
Natalia I. G. Prilly-175	Walmirante S. Silveira	4,1	305	4.815	155	3,22	
Prenda 79 P. J. Chieftain	Adahyr de Oliveira	4,3	270	2.656	91	3,44	
Americana V. E. President	Jacob Martens	4,6	305	6.026	206	3,43	Livro de Mérito
Med. Pabst C. Captain	Aristides F. de Moraes	4,6	365	5.942	193	3,25	

Métodos de combate à anemia dos leitões



Bebedouro especial contendo solução de ferro, vitaminas e antibióticos.

Quando os criadores iniciaram a prática de encerrar porcas para o parto, e criar os leitões em ambientes fechados e assoalhados, era comum espalhar-se uma camada de terra no piso. Os leitões consumiam este material rapidamente. Algumas vezes, cristais de sulfato de ferro eram adicionados para aumentar as quantidades deste elemento à terra fornecida aos leitões.

Este método de fornecimento de ferro ainda é usado em algumas regiões onde predominam as criações pequenas. Em criações intensivas de larga escala, este método apresenta 2 desvantagens que desaconselham seu uso, ou seja, é um processo diário que envolve alta demanda de mão-de-obra e, não permite qualquer grau de controle sobre as quantidades de ferro administradas.

Devido a esses problemas, muitos criadores passaram a usar em seus leitões preparados injetáveis de ferro. No entanto, métodos seguros e baratos de administração de ferro via oral, foram desenvolvidos nos últimos anos, os quais merecem consideração.

Absorção — Durante algum tempo acreditou-se que a administração oral de ferro não teria valor, pois apenas uma pequena quantidade seria absorvida pelos intestinos.

Calculava-se que a quantidade absorvida não passaria de 6% (o que por si só já é suficiente para suprimir sintomas de anemia e permitir rápido crescimento). Contudo, recentes pesquisas no Danish Agricultural Re-

search Laboratory mostraram que 36 horas após o nascimento, moléculas grandes são absorvidas pelo trato intestinal. Na verdade, graças a isso é que o leitão recém-nascido consegue assimilar os anticorpos do colostro que lhe garantem proteção até que seu próprio sistema de resistência alcance completo desenvolvimento.

Isto significa que, se uma preparação contendo moléculas grandes de ferro, e dada oralmente horas após o parto, estas serão eficientemente absorvidas. Além disso, eles podem armazenar suficientes quantidades de ferro para suas necessidades durante aproximadamente 3 a 4 semanas, período após o qual já estarão ingerindo alimentos sólidos e a idade sujeita a anemia já terá passado.

Dosagem única — A descoberta acima levou ao desenvolvimento de um processo no qual os leitões recebem uma dose oral única de ferro, imediatamente após o nascimento. Para assegurar o máximo de assimilação, os leitões são tratados 12 horas após o nascimento.

Um laboratório britânico comparou, recentemente, a performance de suínos que receberam injeções intramusculares de ferro aos 3 dias de idade, com a daqueles que receberam uma dosagem oral única no primeiro dia de vida. A conclusão deste teste foi a seguinte: excelentes resultados para o tratamento oral, confrontando-se favoravelmente com o tratamento intramuscular.

Para reduzir a mão-de-obra dos criadores

que usam preparações de ferro injetáveis e vitaminas, um laboratório oferece preparação para dosagem oral única, contendo ferro e vitaminas. Além do fato de reduzir a mão-de-obra por combinação dos dois tratamentos numa só operação, o fabricante afirma que a preparação oral é mais barata.

Ferro-dextran	200 mg
Vitamina A	5.000 UI
Vitamina D ₃	500 UI
Vitamina E	5 mg

Blocos sólidos — A vantagem da dosagem oral única é a certeza de que cada leitão recebe suficientes quantidades de ferro para prevenir qualquer risco de anemia. A única desvantagem do processo (como ocorre na terapia intramuscular) é a necessidade de se pegar os leitões um a um para o tratamento. Em fazendas com grande número de animais, esta operação envolve grande mão-de-obra, além do fato de uma ou outra leitegada ficar sem tratamento, quando o responsável é premido pelo tempo.

Uma alternativa que não envolve maior mão-de-obra, é o uso de blocos sólidos contendo ferro inorgânico.

Através deste processo os leitões se automedicam e satisfazem suas necessidades de ferro com apenas algumas lambidas por dia.

As quantidades de ferro assimiladas neste processo, variam de acordo com o tipo de bloco. Teste com um tipo destes blocos, envolvendo 350 leitegadas, evidenciou um nível de hemoglobina de 10,6 g/100 ml de sangue aos 21 dias de idade. No mesmo teste, injeção intramuscular de ferro dextran produziu um nível de 11,5 g de hemoglobina por 100 ml de sangue. Isto não quer dizer que o bloco é inferior ao tratamento intramuscular porque a possibilidade de anemia só existe abaixo de 7 g de hemoglobina por 100 ml de sangue e, além disso, os leitões em teste, apresentaram o mesmo peso.

Em outro teste com outro tipo de bloco, os resultados foram completamente diferentes. Aos 21 dias de idade, leitões tratados com blocos contendo ferro, apresentaram níveis de hemoglobina mais altos que os injetados, como se vê abaixo:

Leitões não tratados	- 5.8 g/100 ml de sangue
Leitões tratados com injeção de ferro	- 10.5 g/100 ml de sangue
Blocos contendo ferro	- 11.0 g/100 ml de sangue

Uma vez mais não houve diferença no ganho de peso aos 21 ou 56 dias de idade.

Tratamento na água — Um terceiro método de administração de ferro via oral é através da água de beber dos leitões. Embora seja um ponto importante no manejo dos leitões, quase sempre relegado a segundo plano, água fresca deve ser fornecida aos leitões desde o primeiro dia de vida. Isto porque pesquisas demonstraram que o leite da porca não satis-

faz as reais necessidades de ingestão de líquido dos leitões e que os leitões começam a ingerir ração quando ainda são muito jovens, tendo a água neste caso papel importante no desenvolvimento do processo de ingestão e digestão de alimentos sólidos.

Fabricantes de preparações de ferro para administração através da água, oferecem o produto em forma de pó solúvel e acompanhado de um bebedouro especial. Afirmam eles que o tratamento na água de beber é superior aos blocos porque, mesmo quando doentes os leitões sempre beberão água. De fato, os leitões sempre procuram água para recompor os líquidos perdidos devido à febre e diarreia. Por outro lado, leitões doentes nem sempre acham palatáveis os blocos de minerais.

Uma grande vantagem das preparações de ferro para uso na água é que elas possibilitam a combinação ferro-vitamina, evitando mão-de-obra adicional na aplicação em separado das vitaminas. Na verdade, um fabricante le-

vou o processo um passo à frente incluindo ferro, vitaminas e antibióticos em sua formulação. Após 3 anos de uso nos Estados Unidos esta formulação conquistou 15% do mercado. Esta preparação é agora também encontrada no Brasil.

Promoção de crescimento — Pesquisas sobre este produto na Universidade de Illinois, revelaram que os leitões tratados apresentaram aos 21 dias de idade 11,9 g de hemoglobina por 100 ml de sangue. Em contraposição, os níveis de hemoglobina dos leitões tratados intramuscularmente eram de 13,24 g por 100 ml de sangue. Porém a preparação solúvel em água produziu 0,45/kg de peso a mais por leitão aos 21 dias de idade e, acentuadamente, maior porcentagem de sobrevivência.

Este aumento no crescimento não pode, é claro, ser atribuído à forma de ferro apresentada, mas sim à combinação ferro, vitaminas e antibióticos.

As vitaminas contribuem, notadamente, para o desenvolvimento geral do organismo dos leitões do primeiro ao 21º dia de idade, período no qual, na prática, elas não estão ao alcance dos leitões. O antibiótico (neste caso a Neomicina) previne a debilitação associada com a diarreia. A Neomicina tem a vantagem de não ser absorvida, atuando apenas no trato intestinal.

Pesquisadores na Universidade de Tóquio, Japão, investigaram esta preparação de ferro, vitaminas e antibióticos, e obtiveram resultados muito superiores aos até então obtidos. Testes com suínos que reconhecidamente caracterizavam-se pela alta mortalidade, apresentaram substancial aumento no número de leitões desmamados por leitegadas.

Três métodos de combate à anemia foram aqui discutidos, cabendo agora ao criador escolher aquele que melhor se adapta a seu manejo particular de leitões.

□Ovinocultura

CUIDADOS SANITÁRIOS

Com a intensificação da criação de ovinos na Inglaterra, surgiu a necessidade de se aperfeiçoar a administração e de se dar mais cuidado à saúde dos rebanhos. Para os animais mantidos em pastagens, o problema mais difícil é a infestação de vermes parasitários, o que pode ocasionar grandes perdas, mas o fe-

nômeno é agora controlado com uma única injeção ou com tratamento oral. A distomatosa hepática também pode ser evitada graças a uma vacina que acaba de ser criada. As deficiências minerais de que sofrem os rebanhos em alguns países podem ser vencidas com suplementos dietéticos, uma vez que o problema tenha sido diagnosticado. Os carrapatos, um problema que não é encontrado frequente-

mente na Grã-Bretanha, mas a causa de grandes estragos em climas mais quentes, pode ser reduzido com um novo tipo de pulverizador.

Desde que o padrão de administração seja alto e recorra-se ao emprego de modernas técnicas, a situação mundial parece tender a um grande aumento na produção de carneiro gordo e de la natural para substituir as fibras sintéticas. Em todos esses fatores, a experien-

INDUSTRIAL PAMPEIRO

A MAIOR FÁBRICA DE SECADORES DA AMÉRICA LATINA



CARRETAS GRANELEIRAS; TRANSPORTADORES ROSCA-SEM-FIM (caracóis); CORREIAS TRANSPORTADORAS; ELEVADORES; CAÇAMBAS PARA ELEVADORES; MAQUINAS DE PRÉ-LIMPEZA; SECADORES INTERMITENTES E CONTÍNUOS; SILOS METÁLICOS E DE MADEIRA, PARA CARGA E DESCARGA DE SECADOR; DETERMINADORES DE UMIDADE; CLASSIFICADORAS DE SEMENTES; TRIEUR; CICLONES DE ABSORÇÃO DE PÓ E IMPUREZAS; SILOS DE MADEIRA VENTILADOS; EMPILHADERA DE SACOS; PROJETO E EXECUÇÃO DE INSTALAÇÕES DE TRANSPORTE AUTOMÁTICO E ARMAZENAGEM DE CEREAIS; SILOS E ARMAZENS GRANELEIROS; ESTRUTURAS METÁLICAS.

INDUSTRIAL
PAMPEIRO
S.A.
MÁQUINAS E MONTAGENS



Av. Pres. Kennedy, 450 - Fone 4
C. Postal, 1 - Barra do Ribeiro - RS
Av. Farrapos, 1258 - Fones 22-5322
e 22-2943 - Porto Alegre - RS
Av. Tirandentes, 62 - Fone 22-3659
Londrina - PR

cia britânica, com inúmeras gerações de rebanhos ovinos, é de incalculável valor e encontra-se gratuitamente à disposição de todos os interessados.

RECOMENDAÇÕES

Algumas recomendações para o tratamento dos ovinos com suplementos de vitamina A, a qual é necessária para a reprodução e também indispensável para a boa manutenção de saúde e estado geral para os animais adultos, como também para manter o apetite normal, o bom crescimento e desenvolvimento das crias: Cordeiros — caso nascidos em épocas secas e o alimento de suas mães ter sido forragens secas, de má qualidade, pode ser necessário saturar cada cordeiro com 500.000 UI de vitamina A. No caso de cordeiros, é aconselhável a administração de uma dose de um milhão de unidades de vitamina A, de seis a oito semanas antes do acasalamento, caso não receberem pasto verde.

OVELHAS PRENHES

As ovelhas prenhas devem ser separadas do rebanho e colocadas em pastagens boas, sem acidentes de terreno, em local que permita a visita frequente do criador. É aconselhável também, evitar-se a passagem de cães e cavalos. Um fator importante é a alimentação. Assim, além das pastagens, as ovelhas prenhas devem receber rações que podem ser prepara-

das com farelos, aveia, sal e farinha de ossos. Mas, nem os pastos nem os alimentos comuns podem proporcionar as quantidades corretas e equilibradas de sais minerais para o organismo do animal. Concentrado de sais minerais misturado ao sal comum ou às rações, assegura quantidades cientificamente balanceadas de 11 minerais essenciais, corrigindo as deficiências dos pastos e dos alimentos comuns. As ovelhas nestas condições não devem ser submetidas a longas caminhadas, não podem ser apertadas em porteiras e corredores e, 30 dias antes do parto, é necessário suprimir-se o banho sancida para evitar o perigo de intoxicação. O criador não precisa interferir no parto, a não ser que verifique que o cordeiro não nascerá sozinho. Se estiver presente, o criador deve secar os cordeiros e auxiliá-los a encontrar o úbere, além de prestar atenção se o mais fraco está mamando a sua parte do leite.

É necessário este cuidado pois a ovelha costuma amamentar apenas o mais forte. Porém, há um método para ajudar o mais fraco: amarrar a ovelha para que o cordeiro possa mamar.



As deficiências do campo nativo no inverno obstaculizam o desenvolvimento normal dos cordeiros.

PRODUTIVIDADE

A insuficiência alimentar derivada da baixa produção de forragem do campo nativo durante o inverno é muito prejudicial à criação de ovinos. Os prejuízos manifestam-se com maior intensidade do rebanho de cria e refletem-se na qualidade da lã produzida, na taxa de natalidade e no desenvolvimento dos cordeiros.

Experimento já conduzido na Estação Experimental de "Cinco Cruzes", integrante do Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Sul (IPEAS), com pastagem cultivada, para as ovelhas com cordeiros ao pé (no período crítico da produção forrageira), resultou em considerável aumento, tanto na produção de lã como no desenvolvimento do cordeiro.

APARELHO GENITAL

Qualquer alteração no comportamento do animal deve despertar suspeita de doença. Uma das regiões que, a partir daí, devem ser observadas é a do escroto.

Bolsas escrotais muito pendulosas, com os testículos próximos ao chão significam maiores possibilidades de traumatismo por pedras, ou mesmo pela batida constante dos pés do animal contra a glandula, o que poderá acarretar degeneração do órgão.

Acidentalmente, quando o animal se encontra febril ou nas situações de calor exagerado, o mecanismo termorregular do escroto pode determinar sensivelmente o abaixamento do órgão, por atividade dos músculos cremaster e da tunica dartos.

Se os testículos estão muito próximos ao corpo, talvez os mesmos não estejam completamente desenvolvidos, e em consequência, o carneiro não está completamente fértil.

Se no exame geral não for detetada a causa da anormalidade, deve-se obrigar o animal a sentar e, através de um auxiliar, efetuar-se um exame pormenorizado do escroto e do pênis.

EPIDIDIMITE

A Epididimite ovina, doença infecciosa de localização genital, poderia ser também denominada de Brucelose ovina, pois está definitivamente reconhecido que o agente etiológico pertence ao gênero *Brucella*, denominada *Brucella ovis*. Além disso, a denominação "Epididimite" é mais genérica, já que outros agentes também causam lesões inflamatórias no epidídimo. São recomendadas como providências profiláticas: Exame prévio à estação de reprodução, de todos os carneiros; manter sempre os animais jovens isolados dos carneiros adultos; este isolamento deve ser absoluto, em qualquer circunstância; não introduzir reprodutores de estabelecimentos que não sejam indenes à doença; quando constatada a doença em uma propriedade, realizar exames periódicos até completa erradicação.

MÉTODOS DE SELEÇÃO

Maior fertilidade, ganho em peso e carcaças mais magras, em alguns países, não foram fatores conseguidos apenas com o cruzamento das raças. A seleção tornou-se mais sofisticada e começou a ser feita em escala computadorizada. Três métodos principais estão sendo empregados: registro de ovelhas, testes de prole e testes de desempenho.

O valor principal do registro de ovelhas é que ele ajuda na administração do rebanho e no controle sanitário, mas é também útil como um guia para a seleção dos rebanhos futuros. Tem ainda grande importância econômica.

Os testes de prole são para ajudar na descoberta dos fatores negativos transmissíveis. É também um meio de identificar os reprodutores de grandes méritos.

Os testes de desempenho dos reprodutores, por último, estão sendo usados progressivamente no desenvolvimento de cordeiros como reprodutores potenciais. A taxa de crescimento e talvez a qualidade mais importante com que o reprodutor contribui para a sua descendência e com a seleção feita constantemente a taxa de crescimento vem aumentando sem parar.

UM HECTARE DE PASTAGEM VALE MENOS QUE UMA VACA

E SALVA MUITOS ANIMAIS!

SEMEIE NO OUTONO:

Aveias amarela, preta, mista, Suregrain e Coronado • Azevém anuais Oregon e "criolo" • Azevém perene Kangaroo Valley • Capim Lanudo • Cevada forrageira • Centeio forrageiro • Falaris Tuberosa • Festuca K 31 • MIX-1 • Pensacola nacional e americana • LEGUMINOSAS: Alfafa Hairy Peruvian • Cornichão • Ervilhaca • Serradela • Trevo branco Ladino Regal • Trevo branco NZ • Trevo encarnado • Trevo vermelho • Trevo híbrido Alsike • Trevos vermelhos Levezou e Alsike • Trevos subterrâneos Clare, Mountbarker Woogenellup e Yarloop.

PEÇA LOGO A SEMENTE QUE PRECISA À SUA

BRAZISUL

Av. Fernando Ferrari, 330 (Bairro Anchieta) - Caixa Postal, 1457 - Fone 22-17-77 - Porto Alegre - RS

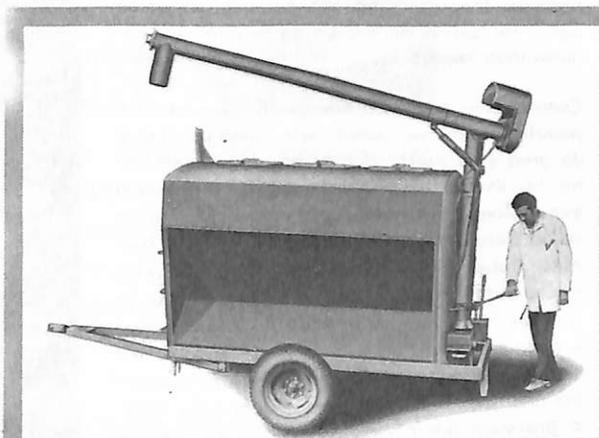
LANÇAMENTO

Carreta LUCATO para transporte de ração a granel.

Modelo C-3



Versátil, prática e robusta é a CARRETA C-3 que LUCATO acaba de lançar. Ela vai resolver de vez, o problema do transporte de ração em sua granja.



CARACTERÍSTICAS DA CARRETA C-3

- capacidade : 3.000 kgs.,
- sub-divididos ou não em 3 repartições de 1.000 kgs.,
- 3 bocas de entrada para carga de ração,
- 3 motores de 1 HP. trifásico de 1.730 rpm.,
- registros externos individuais para descargas de ração por seção,
- sistema hidráulico para elevação dos tubos de descarga,
- alavanca movimentadora direcional dos tubos,
- altura máxima : 2,45 ms.,
- altura útil : 1,60 ms.,
- largura máxima : 1,85 ms.,
- comprimento total da estrutura : 2,70 ms.,
- comprimento só da caçamba : 2,30 ms.,

LUCATO

Rua Tiradentes, 1315
Fones: 1400 - 3900 - 2146
Telegramas: "LUCATO"
CEP 13480 - Limeira - SP.

Coronado, uma aveia de duplo propósito

O Brasil não dispõe, até hoje, de uma aveia de duplo propósito, ou seja, que sirva bem ao campo e a indústria. Por esta razão, estamos importando, anualmente, milhares de toneladas desse grão da Argentina. Até o Rio Grande do Sul, que atendeu em outras épocas as necessidades do País, passou também a categoria de importador. É que nos limitamos nos últimos anos, por motivos que não cabem ser examinados aqui, a cultivar variedades indefinidas que se destinam mais à formação de pastagem que à produção granífera. Realmente, as variedades de estrigosas que se popularizaram em nosso meio, são boas produtoras de massa verde, mas o grão não tem aproveitamento industrial, nem rendimento para a alimentação animal.

Essa falha em nossa economia agrícola deverá ser reparada, agora, com a utilização de variedades de aveias norte-americanas de duplo propósito. As variedades ensaiadas tanto pela empresa privada como pelo Setor de Forrageiras da Universidade Federal do R. G. do Sul (UFRGS) revelaram-se notáveis produtoras de grãos e de massa verde.

Sob qualquer dos aspectos mencionados, superaram longe a produção das aveias nacionais, inclusive da bizantina argentina, tão apreciada aqui como em outras áreas do país.

Coronado — Além da Suregrain, que está se popularizando em nosso meio como produtora de grão e de pasto, outra variedade americana se destacou, positivamente, como uma excepcional aveia de duplo propósito. Trata-se da Coronado, apontada, há anos, pelo técnico Rubens Diesinger como uma aveia de muito futuro para o país e cuja previsão se tornou, hoje, uma realidade. A Coronado não é apenas notável como produtora de grão, mas simplesmente "fora de série" pelos excelentes resultados que vem apresentando. Em 1972, o professor Ismar Barreto, da UFRGS, semeou com essa aveia, para sementes, uma área de 10 hectares, na propriedade do sr. Pery Macedo, em São Gabriel, RS, colhendo 3.000 quilos de grãos por hectare. Resultados semelhantes, comprovando a alta capacidade granífera dessa variedade, foram alcançados em muitas outras propriedades no plantio de 1973. Assim, na fazenda do dr. Mario Flores Soares, em Butiá, RS, a produção proporcionada pela Coronado em 25 hectares não foi menos significativa, atingindo a 2.400 quilos por hectare. Mas, na propriedade do dr. Carlos Alberto Soares de Souza, em Rio Pardo, RS, foram superados todos os resultados conhecidos até agora no Estado gaúcho com uma produção de 3.200 quilos de grãos por hectare. Além dessa destacada produção granífera, apresenta, ainda, essa aveia uma característica singular, que é sua notável resistência à ferrugem. A própria Universidade do Texas, criadora dessa variedade, ressalta essa importante qualidade, que causa, em certos anos, avultados



Grão de qualidade e alto volume de massa verde.

prejuízos à produção granífera de nossos aveiais.

Em pastoreio — Como variedade de duplo propósito, a Coronado revelou-se igualmente, uma excelente planta para corte e pastoreio. Ao avaliar a aveia em si como produtora de forragem para o Estado, o professor Jesse Scholl, da Universidade de Wisconsin e integrando o Setor de Forrageiras da UFRGS, verificou não apenas sua capacidade de produção, como sua rapidez de crescimento e poder de recuperação. Em experimento efetuado em maio de 1971, a Coronado permitiu o primeiro corte 60 dias após a semeadura e mais dois cortes subsequentes a intervalos de 30 dias cada um. A produção desses cortes foi

muito boa, sendo maior no último, quando atingiu 5.190 quilos de matéria seca por hectare. Sob o regime de pastoreio, propicia essa planta um ótimo engorde e suporta uma boa lotação por hectare, como demonstram os trabalhos realizados no Centro Agrônomo de Guaíba, nos arredores de Porto Alegre. Introduzida à máquina em diversos poteiros de campo nativo, em linhas distanciadas 30 cm uma da outra, suportou, durante 82 dias, de julho a outubro, uma lotação de 6 novilhas desmamadas por hectare. O ganho de peso desses animais, mantidos em pastoreio contínuo, correspondeu a 290 quilos por hectare. Como forrageira, oferece, ainda, essa gramínea a característica de vegetar bem durante os meses de inverno, suprimindo, assim, as defici-

ências dos pastos nativos e, também, do próprio azevem, cujo aproveitamento se verifica, normalmente, de meados de agosto em diante.

Semeadura — Como se sabe, a aveia é entre os cereais a espécie que permite ser cultivada nos mais diferentes tipos de solos, desde que não sejam extremamente úmidos ou excessivamente arenosos. Para se obter um bom volume de forragem nos meses críticos de inverno, é conveniente que o plantio seja efetuado cedo, ao fim do verão ou logo no início do outono. Já para a produção granífera, a semeadura pode ser efetuada tardiamente, até fins de julho, com bons resultados. A máquina, a Coronado e outras aveias de grãos graudos exigem 80/85 quilos de sementes por hectare, em linhas distanciadas entre si 15 ou 17 cm, conforme o tipo de semeadeira a ser utilizado. A lanço, são necessários ao redor de 100 quilos de sementes por hectare, não só para se conseguir um maior volume de forragem, como para a eliminação dos inços. É importante, para se obter uma alta produtividade, de forragem ou de grãos, ou ambas, que a adubação seja correta e adequada. Para se alcançar as produções graníferas já mencionadas, foram empregados 250 kg/ha da fórmula



Coronado apresenta bom rendimento por hectare.

la 14 - 36 - 10, além de 100 quilos de uréia em cobertura, quando as plantas começaram a perfilhar. Recomenda-se aos que semeiam visando um duplo aproveitamento não deixarem de efetuar a cobertura nitrogenada na quantidade indicada, ao retirarem os animais da pastagem para obterem uma boa produção granífera. As adubações nitrogenadas são também, em muitos casos, valiosas como recurso para acelerar a produção de forragem durante

o inverno e enriquecer o valor protéico da própria pastagem.

Possibilidades — Não há, realmente, a menor dúvida de que as aveias Coronado (amarela) e Suregrain (branca) estão em condições de resolver o problema da alimentação animal, tanto sob a forma de pasto como de grão. Sob esse duplo aspecto, poderão desalojar, facilmente, do mercado nacional as similares argentinas, chilenas e até canadenses, que importamos regularmente em quantidades apreciáveis. Resta, ainda, a possibilidade de seu aproveitamento pela indústria de alimentos humanos, que, embora utilize esse cereal em menor volume, contribuirá, expressivamente, para ampliar o mercado de consumo dessas aveias. Com os ótimos resultados colhidos até aqui, não se justifica mais o cultivo de certas aveias populares em nosso meio, porque, fracas na qualidade do grão e no volume de produção, têm o seu uso limitado apenas à formação de pastagens. O contrário sucede com as variedades norteamericanas, que deverão se constituir num bom negócio para o Estado e para outras regiões do país de clima semelhante ao nosso, mesmo que o aproveitamento do grão fique restrito apenas à alimentação animal.

Darcy Ribeiro

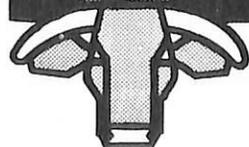
A SIMPLES E EXATA ESTÓRIA DO BOI QUE TEM PRESSA DE IR PARA O MATADOURO.

Enquanto um boi comum leva de 4 a 5 anos para poder ser abatido, pesando não mais de 450 quilos, um boi Santa Gertrudis numa faixa de 18 a 24 meses de idade já está pronto para o corte, passando de 500 a 600 quilos e com melhor acabamento.

E não é só a economia de produção que conta. Indo bem mais cedo para o matadouro, o Santa Gertrudis tem a carne bem mais tenra, bem mais saborosa.

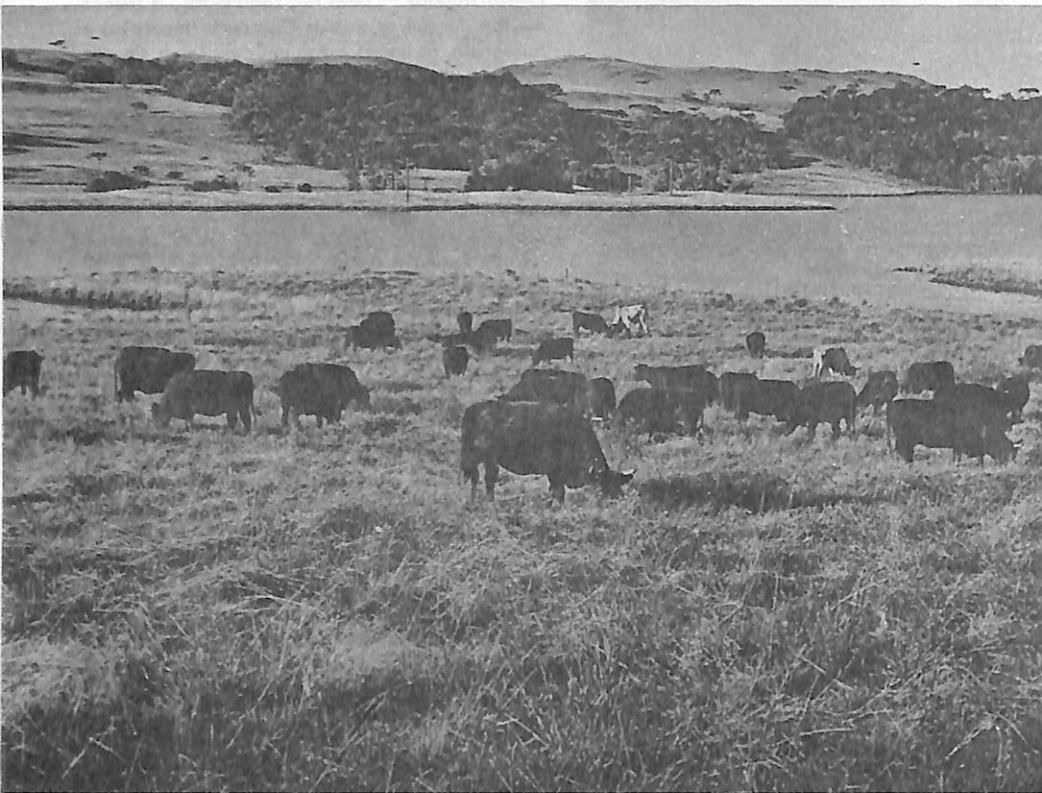
Por suas comprovadas características

de rusticidade, fertilidade, capacidade de conversão de alimentos e velocidade de engorda (precocidade), a raça Santa Gertrudis vem participando da melhoria dos nossos rebanhos, quer pela multiplicação de animais apurados, quer pelo emprego de reprodutores no cruzamento com matrizes, puras e mestiças, das raças originárias da Índia. Numa palavra: Santa Gertrudis é o "filé mignon" da pecuária de corte.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SANTA GERTRUDIS
RUA 24 DE MAIO, 35 - 12.º andar - sala 1213
FONE: 37-3920 - SÃO PAULO

Rancho Centaurus inaugura novas instalações



Nos poteiros de 1,5 hectares, as pastagens perenes e de inverno do Rancho Centaurus. Ao fundo o Rio Santa Cruz.

No último dia de dezembro passado, cerca de cem pessoas, a convite da administração do Rancho Centaurus, de propriedade desta revista, se deslocaram de Porto Alegre até os Campos de Cima da Serra para, às margens do Rio Santa Cruz, a 15 quilômetros de São Francisco de Paula, serem recepcionadas com um churrasco realizado no interior de um moderno paiol, inaugurado na ocasião.

A nova dependência, financiada pelo CONDEPE, através do Banco do Brasil como agente financiador, servirá para abrigar o parque de máquinas, sendo sua parte superior destinada ao armazenamento da silagem e feno. Com 1.250 metros quadrados, sua capacidade de estocagem, porém, é dobrada, pois pode ser ocupada em seus dois pisos. Com a construção desse paiol de alvenaria, o Rancho Centaurus coloca em funcionamento mais uma unidade de serviço na sua infraestrutura de empresa rural moderna.

Dentre os cem convidados ao churrasco, destacavam-se, entre outros, Carlos Aloísio Schuch e José Severino Toigo, respectivamente Diretor Estadual do Ministério da Agricultura e Gerente do Banco do Brasil, Agência de São Francisco de Paula, agente financiador do CONDEPE.

Empresa-laboratório — Numa paisagem agreste, a pouco mais de 100 quilômetros da Capital do Estado gaúcho, no município de São Francisco de Paula, está localizado o Rancho Centaurus. Esta fazenda possui uma

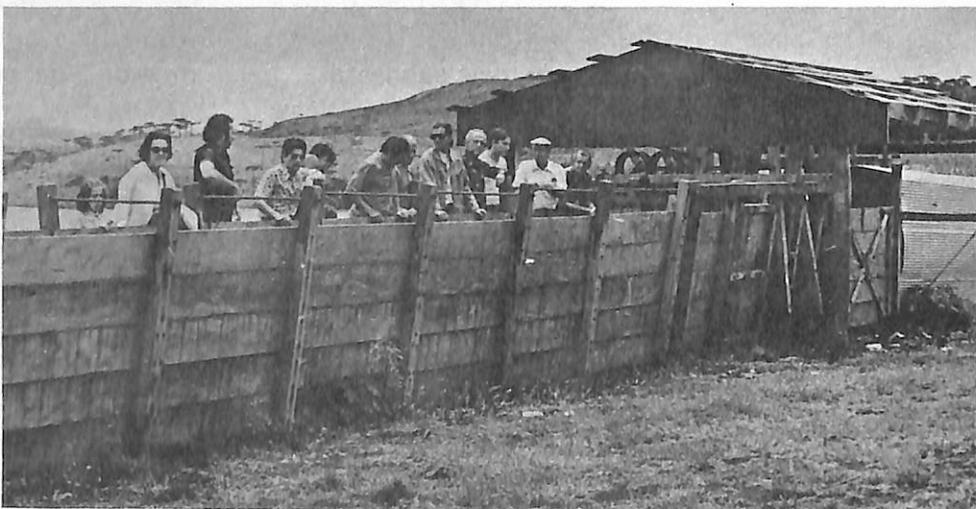
área de mais de mil hectares, delimitados pela rodovia municipal que liga o centro da cidade à Barragem do Blang e pelas margens do Rio Santa Cruz. Idealizada em termos de empresa rural, é utilizada pela A Granja, como um verdadeiro laboratório de pesquisas agropecuárias, com o objetivo de fornecer ao que veicula em suas páginas o necessário embasamento, de modo a beneficiar, em última análise, seus leitores.

Desde o início de seu funcionamento, o Rancho Centaurus tem sido um "campus" aber-

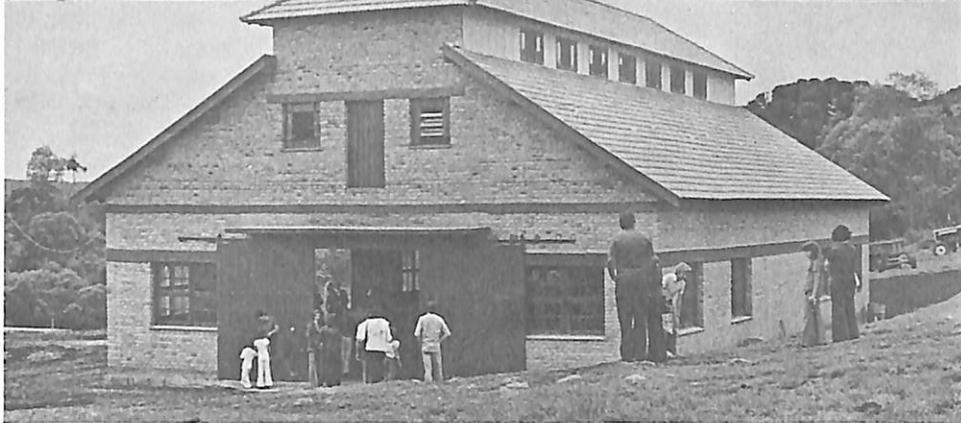
to aos agrônomos, veterinários e empresários, para demonstração e experimentação das técnicas modernas que são aplicadas na área. Esse conagração constante tem demonstrado que o desafio lançado à Agropecuária gaúcha nos tempos de hoje — produção intensiva mais produtividade — é plenamente aceito pela empresa, que conta com o decidido apoio de diversas áreas ligadas ao setor. Por outro lado, esta infraestrutura confere à revista um respaldo imenso de autoridade e a certeza na precisão e honestidade de sua informação.

Métodos modernos — Ligada à sede do município de São Francisco de Paula por uma rodovia municipal de traçado sinuoso, mas em perfeito estado, a fazenda utiliza os métodos mais modernos e racionais, com o uso de equipamento adequado assim como corretivos e instalações apropriadas para a criação de gado de corte. Cortadas pelo Rio Santa Cruz, se encontram pastagens perenes e de inverno (aveia, centeio, trevo branco, trevo vermelho, pensacola e Rhodes) nos poteiros de 1,5 hectares, onde o gado é manejado através do pastoreio rotativo racional e intensivo. Desde há algum tempo no Rancho Centaurus, como resposta ao proposto nas páginas de A Granja, vem sendo feito o cruzamento industrial do gado zebu com gado europeu, com o objetivo de aumentar a velocidade no ganho de peso. Juntamente com a equipe de colaboradores, as administrações d'A Granja e do Rancho Centaurus, irmanados no mesmo ideal, acreditam na bovinocultura intensiva e cruzamentos, como diretriz básica para uma pecuária que persegue fins econômicos.

Campo de provas — No Rancho Centaurus, A Granja, como revista técnica, tem seu campo de provas próprio. Os projetos aplicados naquela área são baseados na mais avançada tecnologia, incluindo a criação intensiva, o



As modernas instalações do "Centro de Manejo de Bovinos", composto de mangueiras, seringa, tronco, banheiro carrapaticida e balança.



O paiol de 1.250 metros quadrados, já em funcionamento, é a mais nova unidade de serviço da fazenda.

melhoramento do solo, o cultivo de cereais e forrageiras, a mecanização e a administração rural. Os campos de São Francisco de Paula são bastante ácidos, por isso necessitam ter seu pH corrigido. Daí o emprego do calcário, os fertilizantes, o trator, o arado, o arrastão, Daí o emprego de sementes selecionadas. Daí o brete completo, a balança, a ensilagem e o banheiro por aspersão. A meta prioritária é obter peso dos animais em menor tempo possível.

Casa de amigos — A direção da Revista A Granja e do Rancho Centaurus sempre pretenderam fixar uma imagem: a sede da fazenda, a já famosa Casa de Pedras, como uma casa de amigos, bem a feição da hospitalidade gaúcha tradicional. E, na realidade, o que acontece e que no seu interior e ao longo de toda aquela área, a troca de idéias, informações e opiniões, tem sido uma constante, de maneira mais informal e amena. Assim, ao inaugurar sua mais recente obra, o Rancho Centaurus teve a oportunidade de mostrar aos visitantes, dentre os quais empresários rurais, técnicos, industriais, personalidades de governo e jornalistas, o trabalho que vem sendo desenvolvido.



Vista parcial do interior do paiol inaugurado, onde foi oferecido o churrasco aos visitantes.



O agreste dos Campos de Cima da Serra é a característica principal da área em que está situado o Rancho Centaurus.

JANEIRO 1974

nutrição é nossa especialidade



agora também terapêutica na fórmula exata

Hidrovit—Neostat—Nutrifer—Piperazina
Solutetra—Tetramisul pó solúvel — Tetramisul
Vit-Ade-Hipovita — Vitazina — Masticort
Ciclomat — Coccidone — Avitin — Furavit
Suivitín — Sais Minerais RM-1001 — Sais
Minerais SM 2001 — Neostat Suspensão — Glico-
Vit— Vitazina comprimidos — Oto-flux —
Bacivit — Aspumim — Rumistar AD-3



VITASUL S/A IND. E COM.
ESCR. Visconde do Rio Branco, 794
Fone 22-00-50 — Porto Alegre — RS.
Av. Lins de Vasconcelos, 1713 SÃO PAULO

HORTELÃ-PIMENTA

Em condições normais, a hortelã-pimenta produz cerca de dez toneladas de rama murcha na soma do primeiro e segundo cortes, caindo para perto de 3 toneladas no terceiro, considerando-se a área de 1 hectare. Desta forma, 13 toneladas anuais de rama murcha por hectare, com rendimento médio de 1% em óleo essencial, fornecem a média de 130 quilos de essência por hectare, por ano. Por outro lado, essa mesma cultura, em condições normais, pode permanecer produtiva até 5 anos. O número de cortes, a quantidade de massa verde, o rendimento em óleo, a duração da cultura no mesmo terreno, estão na dependência do clima, solo, tratamentos culturais, pragas, moléstias, cuidados na destilação, tipo do conjunto destilador, etc.

FORMIGAS SAÚVAS

No combate à formiga saúva, é preciso saber, antes de tudo, como elas trabalham e constituem suas cidades. O formigueiro é uma sociedade muito bem organizada. Um determinado tipo de formigas, as chamadas operárias, cortam e carregam as folhas. São de diversos tamanhos, possuem grande força e grande capacidade de trabalho. Os soldados, maiores e agressivos, são encarregados da defesa da cidade. As jardineiras vivem no interior do formigueiro, dentro de panelas. São muito pequenas e cuidam do fungo cinzento, que se desenvolve nas folhas trituradas. Esse fungo é que serve de alimento para a formiga. Os machos ou bitus surgem durante a revoadas, quando o formigueiro enxameia. Possuem asas e sua missão é fecundar as fêmeas durante o voo, morrendo logo a seguir. As fêmeas ou iças também aparecem quando o formigueiro enxameia. São fecundadas pelos machos, e encarregam-se de formar novos formigueiros, tornando-se rainhas. A rainha é responsável pela ordem e é a mãe de todas as formigas do formigueiro. Somente se ela morrer, o formigueiro desaparecerá. Caso contrário, pode-se eliminar o resto do formigueiro, que ele ressurgirá, talvez mais adiante. O início do saúveiro ocorre com o retorno da rainha à terra, onde ele cava um pequeno canal. Nele a rainha constrói uma pequena câmara (panelinha), onde deposita os ovos e inicia o cultivo do fungo ou mofo cinzento. Com o nascimento das operárias e jardineiras, começa a abertura dos canais. Depois de 2 a 3 meses está em funcionamento o novo formigueiro, surgindo no interior muitos olheiros e grande quantidade de operárias cortadeiras.

PLANTIO DE CANA

As variedades de cana-de-açúcar utilizadas no Brasil são híbridas, resultantes de cruzamentos realizados em instituições de pesquisa nacionais ou estrangeiras. As variedades de prefixo "Co" foram selecionadas em "Coimba-



O cultivo em faixas é uma das "proteções" conservacionistas do solo no combate à erosão.

to" na Índia, as de prefixo "POJ" procedem da ilha de Java — "Proofstation Oest Java". Do Brasil, temos principalmente as variedades "CB" provenientes da Estação Experimental de Campos, no Estado do Rio de Janeiro e "IAC" do Instituto Agronômico de Campinas.

Considerando que a safra desta gramínea tem, normalmente, a duração de 6 meses, estendendo-se de julho a dezembro, e ainda que a cana deve ser fornecida em parcelas proporcionais à capacidade industrial das usinas, torna-se necessário, para o bom andamento das operações, que o plantio seja feito com variedades diferentes, que tenham épocas distintas de maturação.

Variedades precoces (corte de junho a julho); recomenda-se o plantio das variedades (em 15% a 20% da área total) Co 419; CB 40-69; CB 41-70; CB 47-15; IAC 48-65.

Variedades médias (corte de agosto a setembro); o plantio deve abranger 60% a 70% da área total, com as variedades Co 413; Co 419; CB 41-76; CB 40-77; CB 41-14; IAC 49-131; IAC 50-134.

Variedades tardias (corte de outubro em diante); as variedades Co 421; Co 413; Cb 36-24; Cb 41-76; IAC 55-26; IAC 49-131, devem ocupar 15% a 20% da área total.

Para fins forrageiros, face à maior produção de folhas verdes durante a seca, grande poder de perfilhação e possibilidade de ser cortada duas vezes por ano, recomenda-se a IAC 36-25. Na sua falta, pode ser utilizada a Co 413, que tem características vegetativas semelhantes, e mais rica em açúcar, se bem que mais exigente em solo. Ambos apresentam pouco "joçal" (felpas).

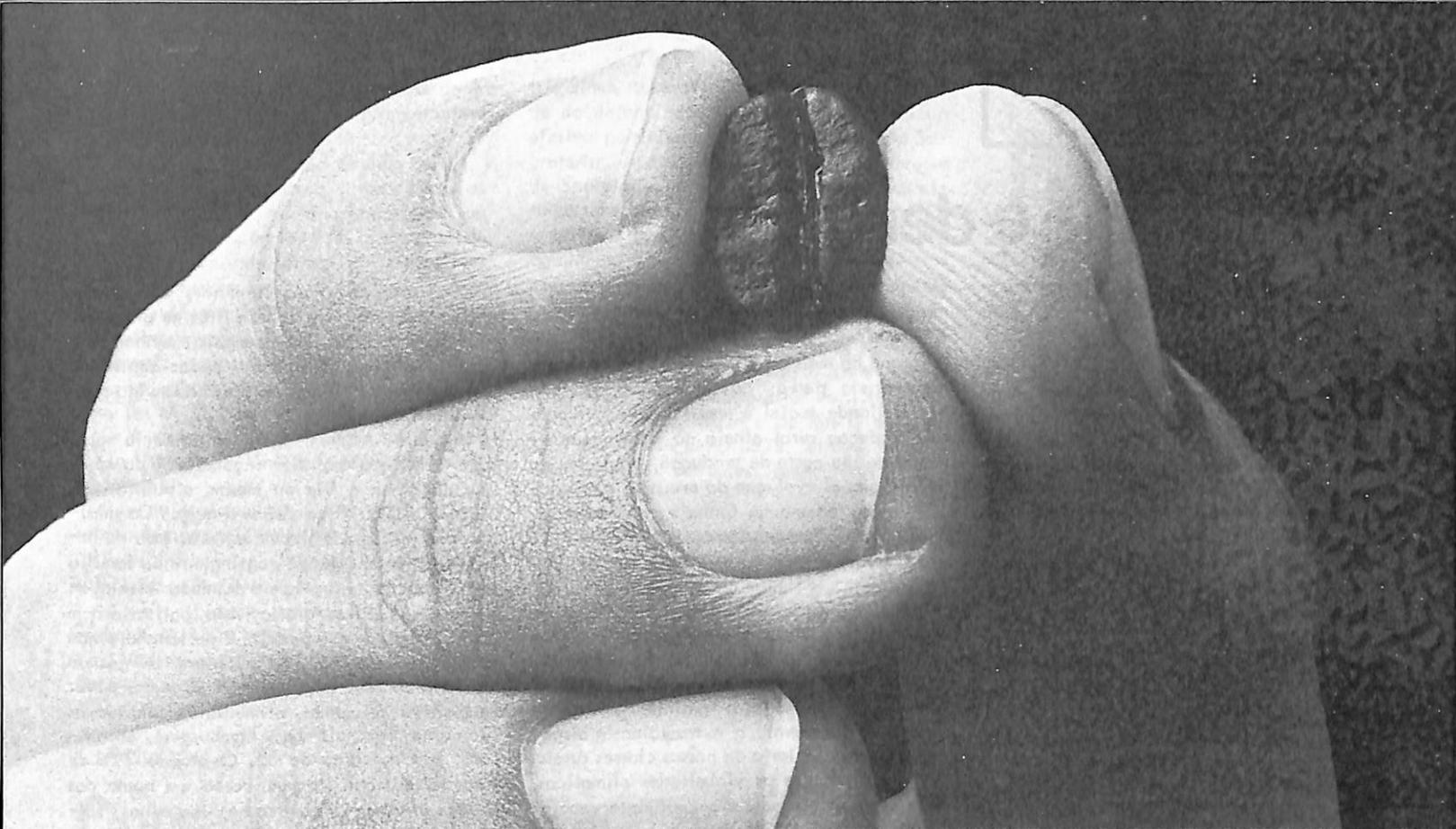
COMBATE À EROÇÃO

Muitas vezes, só se vai perceber muito tarde que a gleba cultivada perdeu muito solo pela ação das águas da chuva. Há um tipo de erosão que arrasta a terra sem que se possa notar, que corta a parte mais rica do terreno como se descasca uma laranja: bem de leve, por cima. Este é o pior tipo de erosão, deno-

minada "erosão laminar" porque corta o solo em lâminas, em camadas finas, deixando no chão apenas a parte inferior do solo, menos rica, menos fértil, menos valiosa. A erosão laminar leva para as baixadas, o solo melhor, o que dá um milho bem espigado, um arroz bem granado, um algodão de alto valor. A erosão laminar, se as chuvas continuam a cair e o terreno da gleba não está protegido, tenderá a destruir mais solo, passando então a se chamar erosão em sulcos. No combate à erosão, é preciso antes de tudo buscar a ajuda técnica de um engenheiro agrônomo, o qual, provavelmente, vai ajudar o proprietário da gleba a aplicar práticas conservacionistas do solo, tais como plantio em nível, rotação de culturas, construção de terraços, cordões em contorno, cultivo em faixas, etc. Estas práticas são os meios (bastante simples, por sinal) para combater a erosão, causa de muitos prejuízos para os agricultores.

ADUBAÇÃO DA VINHA

O emprego de adubos químicos durante o ciclo vegetativo da videira é necessário para suprir as deficiências do solo. O azoto é indispensável, porém em quantidades que não propicie um desenvolvimento foliar exagerado em detrimento de outros órgãos, o que permitiria campo fértil para as doenças criptogâmicas. O potássio e outro dos elementos que asseguram resistência às geadas e às doenças, além de melhorar a qualidade do fruto. Também provoca o desenvolvimento do sistema radicular, tornando a planta mais resistente à seca. E ainda condiciona a fecundação da planta. Como resultado, obtêm-se vinhos mais finos, mais alcoólicos e mais agradáveis ao paladar. O anidrido fosfórico também é essencial ao bom desenvolvimento da planta e agente principal da frutificação, ativando a floração e a maturação da uva, além de completar a ação da potassa, dando grossura aos sarmentos e encurtando os entrenós, proporcionando mais firmeza a essa parte da videira.



O SEGUNDO MAIOR NEGÓCIO DO MUNDO

Não é necessário ser um grande economista, nem versado em mercado internacional, para saber que, depois do petróleo, o café é o segundo negócio do mundo.

E que o Brasil é o primeiro produtor mundial.

Mas talvez você não saiba que a posição ocupada pelo café é o resultado de um trabalho de proteção internacional desenvolvida pelos países produtores em elevado grau de entendimento com as nações compradoras.

E que a posição do Brasil é o resultado de uma política desenvolvida pelo Instituto Brasileiro do Café, que presta uma total assistência ao cafeicultor em todas as fases do processo produtivo, desde o plantio até a comercialização.

Somente este ano foram registrados pedidos para a plantação de 300 milhões de novos pés de café.

O investimento setorial do Governo brasileiro na nova política do café é de 800 milhões de dólares.

Por tudo isso, pode-se dizer que o café está em boas mãos.

IBC-Instituto Brasileiro do Café

IBC-CAFÉ MAIS FORTE
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO

Trigo, carne e demagogia

O homem vale pelo que come e, por extensão, uma nação vale pelos alimentos que proporciona a seus filhos.

Se a técnica realizou aparentes milagres no campo da física, foi obrigada a dobrar-se no campo da biologia aos limites que a natureza lhe impôs. Produzir automóveis é uma coisa e produzir lentilhas é outra. Os russos conseguiram dominar o cosmos antes de dominar sua produção de cereais. Os Estados Unidos conseguiram tornar-se o país mais poderoso do mundo em todos os tempos, depois de se terem tornado o maior produtor de alimentos de todos os tempos.

Nenhum gênio das finanças (que segundo Galbraith só é gênio até o dia em que o deixa de ser), conseguira jamais mudar esta ordem de coisas de forma duradoura.

O falado milagre brasileiro terá exata e rigorosamente a dimensão do seu progresso agrícola e pecuário. Quaisquer euforias industriais ou de exportações de jazidas inteiras, ou de empréstimos fabulosos a serem pagos com os seus próprios rendimentos na melhor das hipóteses, são uma ilusão, se não forem respaldadas e consolidadas pela linfa criada por que brota da integração homem-terra.

Aí está a História Antiga e a Contemporânea respondendo por estas afirmações. São os países ditos desenvolvidos os grandes produtores e exportadores de trigo, carne e leite, ao passo que os subdesenvolvidos, mesmo populosos e de grande extensão territorial, que não são nem industrializados e nem grandes produtores desses mesmos produtos fundamentais à alimentação do homem. Vejamos em cifras essa correlação sintomática originária de estudos da FAO:

	Desenvolvidos	Subdesenvolvidos	C. Planejados
Laticínios	95%	1%	4%
Leite	83%	13%	4%
Trigo	79%	5%	7%
Carnes	71%	16%	13%

O Brasil, com seus 8,5 milhões de km² e seus

100 milhões de habitantes, concorre para as mínguas porcentagens da coluna do meio... E porque?

Porque há mais de 40 anos a carne bovina é considerada pelos governos como fator de tranquilidade social e popularidade, ficando sua produção rural alheia ao contingenciamento de seu custo de produção, o que impede a racional evolução do processo criatório.

O trigo, da mesma forma e, no momento, sangrando desnecessariamente o erário de divisas vivas, quando já poderíamos estar tranquilamente no limiar do autoabastecimento. Digo autoabastecimento do sub-consumo de 3,5 milhões de toneladas, significativamente quase o mesmo de 15 anos atrás, quando éramos só 60 milhões de brasileiros. Continuamos todos os dias a matar a "galinha dos ovos de ouro" que representa a extraordinária disposição e amor à terra de nossas classes rurais, que lutam contra as vicissitudes climáticas, fiscais e estapafúrdias intervencionistas do setor. É uma espécie de castigo pelo crime de teimar em querer produzir, desafiando perspectivas contábeis.

Durante 18 anos os tricultores tinham seus preços de custo simplesmente ignorados ante uma falsa alegação de que o trigo importado do estrangeiro era muito mais barato (porque subsidiado lá e cá). Hoje, ante a inexorabilidade da conjuntura econômica mundial, o trigo estrangeiro custa de Cr\$90,00 a Cr\$100,00 p/sc e o nacional permanece em Cr\$45,00 bruto, comprometendo todo o edifício da produção. E o argumento do estrangeiro barato onde fica? Parece uma nova versão da fábula do lobo e o cordeiro.

Enquanto as exportações de carne do Rio Grande do Sul atualmente sofrem limitações, o confisco cambial cresce em sentido inverso de zero para 200 e para 500 dólares por tonelada exportada, os negócios se estagnam e toda a dinâmica econômico-ecológica do processo criatório fica totalmente perturbada.

Os planejamentos técnicos que visam entre outros objetivos incrementar as vendas, tornam-se anti-econômico ante o intervencio-

nismo irracional. Para culminar, acusa-se a classe laboriosa dos fazendeiros de atrasada, infensa à técnica, latifundiária, senhorial e que tripudia sobre o baixo poder aquisitivo dos pobres que ficam sem carne bovina para se alimentar.

Pergunto? Alguém de sã consciência neste país acha que faz diferença a 80% da nossa população se o file ou mesmo a paleta vale 30, 20, 10 ou 5 cruzeiros o quilo? De qualquer forma, e infelizmente, esta fora do orçamento desse grande contingente da família brasileira. A única forma de mudar esse quadro é uma política rural correta, paritária com outros setores, que permita o deslanche e não o cerceamento tal qual acontece. A grande maioria do povo americano, o de maior poder aquisitivo do mundo, alimenta-se, em termos de carne, com salsichas, hamburgers, enlatados, isto é, carne de 3^o. Os nossos 20% de brasileiros, que comem carne em nome dos 80% restantes, exigem carnes vermelhas, farras churrascarias a preço de galinha e de peixes. A propósito, se até hoje não se desenvolveu mais a avicultura de corte do Brasil, e porque o boi de 4 anos a campo — único viável — paradoxalmente concorre com o frango confinado em baterias, com 60 ou 90 dias.

A propósito daqueles que investem tão insistentemente no setor que, de forma inexorável, é o suporte de todas as nossas expectativas de grandeza moral e material como nação livre política e economicamente, lembro o sugestivo pensamento do filósofo Martin Heidegger interpretando a "verdade rural":

"Do caminho do campo ergue-se no ar variável com as estações uma serenidade que sabe, e cuja face parece muitas vezes melancólica. Esta gaia ciência é uma sabedoria sutil. Ninguém a obtém sem que já a possua. Os que a tem receberam-na do caminho do campo."

Ante tal subjetividade, na intercessão da poesia com as mais puras aspirações do ideal nacional, não é de estranhar-se que tal programação seja rejeitada pelo computador da tecnocracia.

Léo Fett

□ Agro-Indústria

ITEMA: Gerando tecnologia

Recentemente foi criado um organismo de amplitude nacional, com sede no município gaúcho de Santa Rosa, com a finalidade de promover pesquisas, aperfeiçoar mão-de-obra e gerar tecnologia para importantes setores de nossa economia.

Trata-se do ITEMA — sigla adotada pelo Instituto Tecnológico de Máquinas Agrícolas,

da Agro-Indústria e Afins, criado por iniciativa do Conselho de Desenvolvimento de Santa Rosa e que contou com o apoio do Ministro Prati de Moraes, dentro da orientação governamental de criar tecnologia própria a fim de podermos evitar, em futuro próximo, a importação de "know-how", que tantas divisas tem custado a Nação.

Willy Klaus, presidente do órgão instituidor e responsável pela coordenação do ITEMA, juntamente com o dr. Alberto Cordigg, assessor do Ministro da Indústria e Comércio, a disposição do órgão recém criado, informaram que o Instituto deverá repassar recursos da área federal em favor da concretização de projetos tecnológicos que visam a melhoria de

qualidade e criação de novos produtos dentro do admirável surto de desenvolvimento da economia nacional.

A região noroeste do Rio Grande do Sul, a qual pertence Santa Rosa, conta com adiantadas indústrias de maquinaria agrícola, entre as quais destacam-se duas importantes fábricas de colheitadeiras automatizadas. Entretanto, frizaram, o Instituto pretende atuar em favor de toda a indústria do setor de máquinas agrícolas de nosso país e da Agro-Indústria, recebendo recursos mediante aprovação dos projetos pela Secretaria de Tecnologia Industrial do MIC. Toda a indústria mencionada poderá ter enormes benefícios, associando-se ao Instituto e participando na concretização dos projetos.

Além do apoio do MIC, conta a nova instituição com a decidida participação da Secretaria de Indústria e Comércio, já que seu titular, Edson Baptista Chaves, vem dispensando significativa atenção ao ITEMA, inclusive cedendo técnicos para os estudos.

A integração com o corpo de técnicos da Secretaria da Agricultura, por sua vez, foi objeto de entendimentos com o professor Edgar

Irio Simm, tendo sido levantada a possibilidade de determinados projetos contarem com a efetiva participação de técnicos daquela Secretaria, especialmente em vista do interesse do Secretário para que sejam procedidos estudos para a mecanização do minifúndio. Nas reuniões havidas em Santa Rosa e na capital, agrônomos da pasta tiveram saliente presença nos estudos e debates. O próprio Ministro da Indústria e Comércio sugeriu a plena integração do Instituto com aquela Secretaria.

De igual forma, pretende-se fixar normas que integrem igualmente as Universidades Federais de Santa Maria e do Rio Grande do Sul, bem como a PUCRS, através de seus departamentos de solos, engenharia rural e outros setores.

Em março próximo, durante a II FENAJOJA, da qual Willy Klaus é Presidente, estará sendo feita uma exposição de máquinas agrícolas, juntamente com a 13ª Exposição Nacional de Suínos, Gado Leiteiro e Indústria e Comércio. Na mesma ocasião, Pratiní de Moraes prestigiará o certame dando posse à primeira diretoria do ITEMA.

□ Adubos

Operando em ritmo acelerado

Numa prova de ousadia, que transformou-se em excelente investimento, a Luchsinger Madbrin S/A, fabricante dos Adubos Trevo, importou, no final do ano passado, 22 toneladas de matéria prima para a fabricação de fertilizantes. A compra do material e contrato para o transporte foram efetuadas antes que as instalações do terminal marítimo daquela empresa, no superporto de Rio Grande, estivessem inteiramente concluídas. Para o desembarque do material, que, conforme cálculos, seria realizado em cinco dias, foram dispendidos apenas dois e meio de trabalho efetivo, estabelecendo um recorde de tempo em operações deste tipo.

Com esta importação de superfosfato triplo, fosfato de amônia e cloreto de potássio, a Luchsinger Madbrin até maio iniciará a produção de ácido fosfórico 100% (P₂O₅), na nova fábrica instalada em Rio Grande. Além disso, com a rapidez da descarga dos navios, a empresa espera, adquirindo grandes quantidades de matéria prima, reduzir o custo dos fretes atualmente cotados a 30 dólares a tonelada em média. Nesta primeira experiência isso ficou demonstrado ser possível, pois estes custos de transporte foram reduzidos em mais de 40% aproximadamente.

Para a nova fábrica, cuja implantação encontra-se em fase final, foi destinada uma verba de 190,522 milhões de cruzeiros. O estabelecimento ocupa uma área de cem mil m², com uma produção prevista de 650 toneladas diárias de ácido fosfórico 100%.

Mas vai além a expansão dos fabricantes de Adubos Trevo, Em 5 de dezembro passado, o Grupo de Estudos e Projetos, do Governo Estadual, aprovou, entre os principais projetos estudados, a ampliação da área da empresa,

em Rio Grande, concedendo-lhe mais 60 hectares. Em abril/maio deste ano, já estarão sendo produzidos superfosfatos simples e triplo, estando previsto que em agosto/setembro a fábrica deverá atingir sua plena capacidade de produção. A Luchsinger Madbrin previu um investimento total de 400 milhões de cruzeiros, a ser empregado, em suas instalações, junto ao superporto, até 1978.

Conferência



Com uma interessante conferência, o Secretário da Agricultura do Estado, Edgar Irio Simm, deu abertura aos trabalhos da VI Convenção de Representantes Manhã. Ao encontro, realizado no Parque Samuara, em Caxias do Sul, estiveram presentes a alta direção daquela empresa, autoridades, conferencistas, representantes, inspetores de venda, agrônomos e convidados especiais.

Na foto, o Secretário Irio Simm, quando dirigia-se aos convidados, aparecendo ainda a alta cúpula administrativa da Manhã.

PULVERIZADOR

Holder®

Trilhoteiro

O PROTETOR DA LAVOURA.

HOLDER/TRILHOTERO possui uma linha completa de pulverizadores, sempre com um modelo adequado a cada tipo de serviço:

ASB-40



Este modelo foi especialmente projetado para a pulverização de lavouras baixas. Possui barras de aspersão de 6, 8, 10 e 12 m, dobráveis, com dispositivo de retorno. Tanque de fiberglass para 200 até 400 litros. Distância entre esguichos: 50 cm.

AS20-TU-5



Muito utilizado em cafezais e pomares, o modelo AS20-TU-5 foi projetado para trabalhar com pequeno trator. Equipado com turbo-hélice. Tanque para 200 litros. Alcance de 8 m para cada lado. Produz 12.000 m³ de ar p/hora.

BRTU5-200



A carreta HOLDER/TRILHOTERO, também com turbo-hélice, para tração animal, destina-se à pulverização de plantações onde não há espaço para a movimentação de grandes tratores. Tanque para 200 litros. Alcance de 8 m para cada lado. Produz 12.000 m³ de ar p/hora.

HOLDER/TRILHOTERO é o único pulverizador brasileiro com sistema injetor direto, que evita o retorno da calda à fonte de abastecimento, impedindo sua contaminação.

Assistência técnica dos revendedores, que garante o funcionamento permanente do seu pulverizador.

Trilhoteiro

TRILHOTERO IND. DE MÁQ. AGRÍCOLAS LTDA.
Rua Dona Teodora, 1461 — Fones: 22-9711,
22-9098, 22-9136 e 22-9153 — Caixa Postal,
1125 — P. Alegre — RS

PORTO ALEGRE — PELOTAS — RIO GRANDE
BLUMENAU — CURITIBA — SÃO PAULO.



MESA REDONDA — SÃO PAULO



Momento em que era instalada a Mesa Redonda sobre Avicultura, no São Paulo Hilton Hotel.

A partir das 9 horas da manhã do dia 6 de dezembro último, recepcionamos duas dezenas de líderes da avicultura nacional, nos salões do São Paulo Hilton Hotel para debaterem sobre assuntos de ordem econômica do setor. Gravamos todos os debates e, conforme prometemos na ocasião, este número destaca o que de mais importante se discutiu e estabeleceu naquela reunião.

Muitas foram as proposições importantes dos avicultores, técnicos e empresários presentes, dentre as quais fazemos notar a apresentação da ideia de criação da Frangobras, entidade que coordenaria e fiscalizaria todo o processo de comercialização dos produtos avícolas em todo o território nacional.

Cabe-nos esclarecer que os propósitos que tínhamos para a referida Mesa Redonda foram plenamente cumpridos pelo sucesso alcançado e a presença marcante de líderes da Avicultura Nacional. Praticamente os aspectos técnicos como manejo, sanidade, genética e temas afins foram esgotados no Congresso de Avicultura, de categoria internacional, promovido no semestre de 1973. Em razão disso, a Mesa Redonda patrocinada pela A Granja

Rechonchudas e bem limpinhas. Ah! Como são boas as galinhas de minha terra.



Elas são o que se poderia chamar de apetitosas. E quando elas estão peladinhas, peladinhas, então, ninguém consegue resistir. Elas são demais. É porém na hora de prepará-las para que outros as comam, que vem o mais difícil. O momento mais delicado de toda operação. E é aí que surge o nome da MADEF. A MADEF tem para lhe oferecer a mais moderna linha de equipamentos para limpeza, embalagem e resfriamento de aves. São componentes com capacidade de colocar o seu abatedouro ao nível dos mais avançados com aprovação da "Inspeção Federal". Aí seus clientes comerão as melhores galinhas do mundo.

martins & andrade



Rua Arlindo, 441
C. Postal, 466
Fones: 23-1421 e 23-1041
Porto Alegre - RS

objetivava esmiuçar os aspectos econômicos, em especial a sua comercialização, a promoção dos produtos avícolas e a federalização da carne avícola, o que foi feito.

Entretanto, o tema que levou os participantes do encontro promovido pela A Granja a se envolverem numa grande polémica foi o da exportação de frangos e ovos. É que, se de um lado ficavam os defensores da conquista dos mercados estrangeiros, de outro postavam-se os que acreditavam na ampliação do mercado nacional, antes de passar ao plano externo.

Estes e outros assuntos debatidos, que cumpriram integralmente com a pauta programada pela revista para a Mesa Redonda, estão transcritos, nesta edição, na qual depositamos nossas esperanças de que se torne importante subsídio para a Avicultura de nosso País e aos que operam no setor. Acreditamos também que esta seja uma contribuição valiosa para os homens de governo, de forma a que ressalte ainda mais a importância econômica dessa atividade, fornecedora de saudável proteína e que concorra indiscutivelmente para o crescimento do produto interno bruto brasileiro.

Participantes da Mesa Redonda d'A Granja, realizada no São Paulo Hilton Hotel, dia 6 de dezembro/1973, no Salão Dourado.

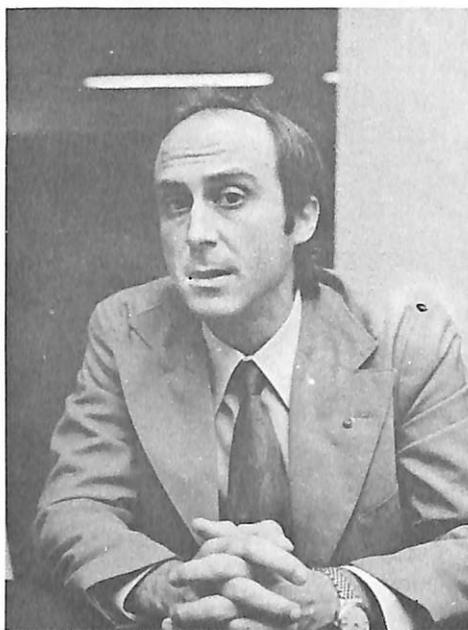
Aguinaldo de Fiori, Vice-Presidente da Anderson & Clayton, SP; Alfredo Pauletti, Frigoletti, Jundiá, SP; Ícaro Damasio Alves, Vet. do Ministério da Agricultura, DIPOA; Irineu Lucato, Diretor da Lucato & Cia., Limeira, SP; Jeff Penfield, Vet. Diretor da Divisão Veterinária da ELANCO; Eng. Agr. João de Faria Burnier, Diretor da Divisão de Rações da Duratex, Rações Anhanguera, Campinas, SP; Jorge Petrelli, Diretor da Cargill Agrícola, São Paulo, SP; José Argentieri, Soc. Avícola Louveira, Louveira, SP; Laerte Silvio Traudi, Vet. Presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo; Luiz Octávio Guimarães, Lucato & Cia. Ltda, Limeira, SP; Marne dos Santos Lima, Presidente da Associação Pernambucana de Avicultura; Nelson Luiz Fabrís, Secretário Executivo do Sindicato das Indústrias Produtoras de Rações Balanceadas do Estado de São Paulo; Ricardo Bebiano Costa, Vet. Presidente da União Brasileira de Avicultura; Roberto Soares Pessoa, Vet. Presidente da Associação Cearense de Avicultura; Ronaldo Gonçalves de Azevedo, Presidente da Associação Mineira de Avicultura; Salyador Firace, Presidente do Sindicato das Indústrias Produtoras de Rações Balanceadas do Estado de São Paulo; Sergio Cagiuby Novaes, Presidente da Socil Pro-Pecuária S/A.

EXPORTAR É A SOLUÇÃO?

Ricardo Bebiano Costa — A oferta de carne vermelha influi diretamente nos preços de comercialização do frango. Infelizmente, as informações que nos obtivemos a respeito do abastecimento da carne foram as mais diversas e pouco incentivadoras.

A grande oferta que houve no primeiro semestre de 73 causou uma fase de preços muito baixos, a ponto de em junho irmos ao Ministro da Fazenda fornecer-lhe uma sugestão para a solução do problema, que já estava causando uma diminuição da produção de frangos no país. Tivemos a sugestão negada pelo Governo Federal por ser considerada uma medida anti-popular.

A proposta da UBA, que na ocasião foi divulgada, seria de durante uma semana de cada mês, suprimir a carne bovina do mercado. Com o excesso de carne o próprio governo poderia regular o preço do frango, ofertando mais ou menos a carne, e no caso do preço do frango se mantiver em níveis razoáveis, exportar esta carne. Não fomos atendidos e tivemos a informação de que a carne bovina continuaria normalmente abastecendo o mercado até o fim do ano. Quinze dias após, a carne desapareceu do mercado. Ocorreu então esta violenta oscilação no preço do frango, que permanece até agora, e que como



Ricardo Bebiano Costa

sempre causa a nós avicultores uma falsa impressão de boa fase.

É ainda o desconhecimento de qual será a política do preço da carne bovina para 74 que nos preocupa quanto ao preço do frango. Existem notícias de que as exportações foram limitadas em 80 mil toneladas e não há estatísticas sobre a produção de carne para este ano. Portanto, somente baseado na cota de exportação, aparentemente temos a impressão de que a oferta de carne bovina será grande e mais uma vez teremos o fantasma da carne atrapalhando o preço do frango. Por outro lado, temos a informação de que a produção da carne bovina não será grande. Considero desta forma, que o preço do frango para 1974 é para nós um mistério ainda indecifrável, por não sabermos como se comportará o produto que é o nosso principal concorrente em termos de preços.

A nossa grande preocupação em 73, junto ao Governo Federal, foi mostrar a eles que

preços de produtos avícolas não dependem de política estabelecida por ninguém. É uma questão pura e exclusiva da lei de oferta e procura.

Resumindo a minha explanação econômica sobre as perspectivas para 1974 posso afirmar com certeza quase absoluta, que teremos pelo menos nos três primeiros trimestres um ano razoavelmente bom para preços de ovos e quanto a frangos, a nossa preocupação é intensificar a implantação de exportações, mesmo a níveis pequenos para que possamos utilizar esta ferramenta como fator de correção dos preços caso a carne venha a ser ofertada na mesma forma que o ano passado (1972) levando os nossos preços a níveis desencorajadores.

José Argentieri — Com relação a exportação de frangos, como o Governo Federal tem se pronunciado a respeito? Houve, por parte da Cacex alguma proibição?

Ricardo Bebiano Costa — Não, não houve proibições. Inclusive a realização de um pool de exportadores surgiu de uma sugestão do próprio governo durante reunião com o Ministro da Fazenda no Rio de Janeiro.

Irineu Lucato — As dificuldades de exportação do frango têm como causas o granjeiro, os abatedouros que não estariam preparados, ou é por falta do produto?

Ricardo Bebiano Costa — Não, e acho inclusive que não existem dificuldades para exportar. Eu solicitaria ao Dr. Burnier, Vice-Presidente da UBA — União Brasileira de Avicultura, que desse uma explicação sobre o assunto, pois ele é quem mais está entrosado e tem comandado as reuniões sobre exportação.

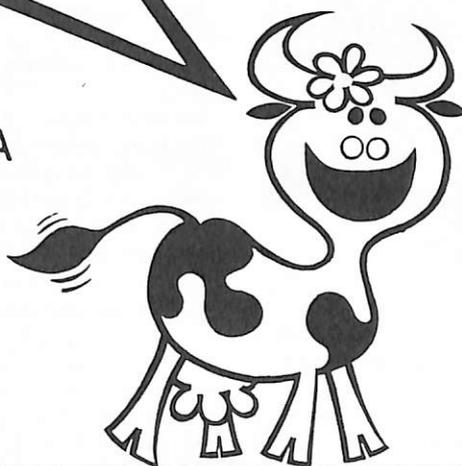
João de Faria Burnier — Na exportação nós enfrentamos dois problemas que consideramos serios e fundamentais. Em primeiro lugar, a falta de experiência, que evidentemente é o maior. Sabemos que os nossos abatedouros têm boas condições sanitárias e possibilidades de oferecer um bom produto. As nossas embalagens estão dentro de níveis internacionais e possuímos uma capacidade de produção muito grande que pode perfeitamente atender a solicitação do mercado internacional, mas no entanto, apesar de sabermos de tudo isto, resta-nos realizar diversas experiências de exportação. Sem dúvida alguma, a política atual do Governo Federal é de permitir e incentivar a exportação desde que seja plenamente atendido o mercado interno. Quanto ao segundo grande problema, que é justamente a área criatória, teremos restrições no mercado internacional, de tamanho e cor dos frangos, mas tudo isto poderá ser resolvido de uma forma bastante rápida e satisfatória. O avicultor brasileiro tem condições perfeitas para se adaptar a estas novas exigências e poderíamos, inclusive, pensar em criações programadas para exportação.

Salvador Firace — A explanação feita pelo Dr. Burnier sobre as tentativas de exportação de produtos avícolas já foi objeto inclu-

FAÇA JÁ A SUA ASSINATURA DE a granja E GANHE DINHEIRO!

A partir de 1.º de março o preço da assinatura da revista A GRANJA será aumentado.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, aproveitando ainda o preço antigo e prevenindo-se contra futuros aumentos.



A partir de março é mais caro!

COMPARE AS DUAS TABELAS E VEJA QUANTO VOCÊ VAI LUCRAR

Preços atuais até 28.02.74

1 ano - Cr\$ 40,00
2 anos Cr\$ 70,00
3 anos Cr\$ 95,00

Preços a partir de 1.03.74

1 ano - Cr\$ 50,00
2 anos Cr\$ 85,00
3 anos Cr\$ 115,00

É fácil! Preencha e devolva o cupom ao lado, acompanhado de cheque pagável em Porto Alegre ou de vale postal, para: EDITORA CENTAURUS LTDA. Rua Vig. José Inácio, 263 - 3º andar Cx. Postal, 2890 - P. Alegre-RS



Nome:
Enderêço:
Cx. Postal: Cidade:
CEP:
Estado: Profissão:

sive de uma conversa pessoal que tivemos, quando, naquela oportunidade, fizemos algumas observações e colocamos o nosso ponto de vista, que não é contrário à exportação, mas eu dizia que não se deveria falar em exportação. Ocorre que nós tivemos um ano, como foi 1973, em que toda a avicultura nacional esteve praticamente subsidiada com preços de frangos. E ninguém em sua consciência pode fazer uma política de projeção no campo internacional tomando por base valores artificiais. Somente poderíamos partir para a exportação, na minha opinião, no momento em que tivermos valores reais internos e pudermos disputar mercado dentro de uma realidade. Em contra-posição nós temos um mercado internacional avido por artificialismos ao contrário do que temos aqui no Brasil. Pensávamos anteriormente em buscar preços que realmente pudessem vigorar tanto no Brasil quanto na Europa ou outro lugar. Estamos a-



Salvador Firace

gora verificando que muitos países de tradição como exportadores de aves, sempre conseguiram preços especiais no exterior ao contrário dos preços internos. Isto quer dizer então que qualquer esforço no sentido de exportarmos aves traria de imediato vários inconvenientes. Em primeiro lugar exigiríamos um sacrifício das áreas de produção, em benefício do consumidor estrangeiro que não participou desse esforço.

O próprio governo afirma que exportar é a solução, mas este é um tratamento diferente quando temos a casa própria abastecida. Sendo assim, realmente exportar é a solução. Mas, quando temos uma casa com as reservas medidas, justas e exatas para o consumo interno, exportar não é a solução. É necessário guardar para que um povo que está em evolução e em desenvolvimento tenha realmente aquilo de que precisa para se alimentar e tenha tranquilidade de operar em todos os campos da produção sabendo que existe uma reserva segura na manutenção dos estoques de alimentos.

Quando então, naquela conversa pessoal com o Dr. Burnier, observei que a nossa opinião com respeito a exportação seria contrária, era porque sentíamos que os mesmos percalços havidos nos últimos 10 anos da avicultura vinham se repetindo sistematicamente. Todo mundo sabe que as crises cíclicas da avicultura sempre foram objetos de políticas imediatas. Portanto, sempre se tentou construir uma avicultura em edifícios verticalizados e que não resistem a sopros de ventos mais fortes. Por isto sempre temos crises no setor. E ninguém nunca se preocupou em construir horizontalmente uma avicultura que permitisse sedimentar toda a sua economia. Aqui mesmo, no Hilton Hotel, no início deste ano, por ocasião do Congresso, foi dito pelo então presidente da UBA que os índices per capita de consumo interno estavam em torno de 33% de consumidores de produtos avícolas e os restantes 67% nada consumiam. Então afirmei, na ocasião, que por estes motivos era contrário a euforia da exportação, pois tínhamos um mercado de consumo monstruoso para acordar. Ou a avicultura nacional passa a ter uma maturidade para se manter realmente como uma economia forte, estável, ou então estaremos sempre procurando um apanágio para ou colocar as desculpas dos nossos fracassos em outros setores, como a carne por exemplo, ou então limitar esta vastidão de horizonte que é o Brasil como consumidor, ainda mais que sabemos que existe 67% de mercado a ser conquistado.

Irineu Lucato — Mas nesse caso deveríamos saber se os 67% de não consumidores têm condições econômicas para consumir.

Salvador Firace — Foi muito oportuna a sua colocação, porque é exatamente este o problema: saber se estes 67% têm condições para comer. Nós já verificamos que é necessário unirmos esforços no sentido de consolidar a grande conquista da avicultura, não no sentido da economia, mas no campo social, onde ela se firma constantemente em todos os quadrantes do país, com uma economia de base, fixando o homem nas comunidades, e criando também unidades de produção e logicamente uma economia de consumo. Poderíamos inclusive valeremo-nos da estatística e verificar onde anda hoje o vendedor de pintinhos. Vamos verificar que a verticalização da comercialização dentro das áreas de grande produção, como São Paulo e Rio, que atingia até bem pouco tempo, todos estes rincões com aves e ovos, hoje está enviando o pinto, a matéria prima, a ração, produtos veterinários, etc. No fundo estamos crescendo horizontalmente. E crescendo horizontalmente estamos promovendo a comunidade e fazendo um trabalho de profundidade de promoção do homem, para que ele possa vir a aumentar esta faixa dos 33% dos consumidores.

Apenas para completar meu argumento, gostaria de resumir para os senhores os resultados de uma enquete que realizei entre os presentes a uma reunião de diretoria da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Primeiramente perguntei aos 104 representantes que

compõem a máquina manufatureira e produtora do Brasil, sobre quais os índices de elevação de produção, ou melhor, qual o crescimento real de cada um. Obtive respostas com percentuais que vão de 28 a 45% de crescimento nos setores industriais, informação prestada por 14 presidentes de sindicatos. Após isto, perguntei aos líderes sindicais presentes sobre quantos exportam e apenas um líder afirmou que exportava. Tudo isto prova a nossa capacidade de consumir, porque estes setores, estas indústrias tiveram esse excelente crescimento porque venderam, porque conquistaram parte de um mercado adormecido. Precisamos apenas semear o terreno que os frutos virão a curto e médio prazo.

Irineu Lucato — Muito bem colocada a sua observação, Firace, mas eu pergunto quanto tempo levaremos para conquistar uma parte dos 67% de que estamos falando, se até hoje levamos todo o tempo para conquistar apenas 33%.

Salvador Firace — Também achei muito bem colocada a sua pergunta e aqui a resposta: esses 33% que não se ampliam serão sempre um motivo de divisão a toda hora que desenvolvermos a avicultura. Eu mesmo disse, dias atrás, numa reunião no Nordeste, que se a avicultura de lá tinha que crescer para vir disputar mercado com a avicultura do Brasil Central nesses 33%, nós estaríamos criando entre nós um enorme buraco. Ninguém tem certeza sobre o que será o futuro. É como nos disse o Ricardo Bejiano Costa, que não sabe como se comportará a avicultura no futuro e mesmo em 1974, é fruto da falta de dados e informações mais detalhadas para projetarmos e realizarmos previsões não só para 74, mas também para 75 e 76. É da forma em que nos encontramos não é possível jogar uma economia como a avicultura, a terceira fonte de renda no país, dentro de uma dúvida sobre o que será o futuro. Dentro do meu setor, como presidente do Sindicato das Indústrias Produtoras de Rações Balanceadas do Estado de São Paulo, é esta a forma como vimos observando o desenvolvimento da avicultura. Aqui mesmo nesta Mesa Redonda, promovida pela A Granja, estão presentes alguns executivos de empresas de rações, como o Petrelli, da Cargill, Aguinaldo de Fiori da Anderson Clayton, Burnier, da Duratex, e o Sérgio Caiuby Novaes, da Socil, que poderão depois colocar cada um as suas posições.

Sérgio Caiuby Novaes — Realmente a indústria de ração aumentou muito pouco o preço de venda do produto em 1973, em relação a outros produtos industriais e isto foi devido, todos sabem, a política de contenção de preços do Governo Federal, bem como o contingenciamento das exportações. Os avicultores presentes nesta Mesa Redonda sabem que a ração aumentou em torno de 10% enquanto que outros produtos chegaram a ter aumentos de até 70 e 80%. Então, me parece, que não seria muito oportuno exportar no momento. Mas eu não posso concordar com o nosso Presidente de Sindicato, de que a carne bovina

não influencia o mercado avícola. Eu acho que numa economia pobre de consumo como o Brasil, qualquer despesa a menos que se faça no campo da alimentação doméstica tem uma influência tremenda nos hábitos de compra e eu vejo isto por vários exemplos que todos conhecem. Acho que a avicultura tem que se firmar, mas devera estar muito atenta para o preço da carne bovina. Na minha opinião ela não poderá firmar-se sozinha. E isto não acontece apenas no Brasil, mas em todas as nações do mundo. O comprador vai buscar a proteína onde ela estiver mais barata. E, se em 73 não tivemos condições econômicas, como disse o Burnier, e tampouco políticas, como afirmou o Salvador Firace, acho que a perspectiva de exportação deve ser mantida em pauta permanente, principalmente porque uma baixa do preço da carne bovina, no meu entender, tem uma influência muito grande no mercado avícola. O nosso produto é perecível, e muito difícil de se controlar a produção. A programação de pintos, por exemplo, é uma coisa que é muito difícil de se interromper na metade do ciclo sem que ocorram graves consequências, ao contrário do boi que pode permanecer por tempo quase indeterminado nas pastagens. Por outro lado, dentro em pouco, no máximo um ano, na minha opinião, estaremos com problemas de super-produção de frangos porque a população, que hoje consome, não terá condições de absorver o excesso previsto. E isto fara com que ocorram pressões,

lação entre os preços de soja e milho e os preços do frango no mercado internacional deve existir matematicamente. No entanto, se nos formos ver qual é o preço pago de soja e milho no mercado internacional em julho e qual era o preço nesta mesma época do frango, internacionalmente, vamos verificar que o preço do frango subiu e permaneceu, enquanto a soja e o milho baixaram. Pode ser

que no futuro este preço do frango venha a baixar, mas pelo menos a nossa posição atual é de observar. Se vai baixar mais ainda o preço das matérias primas ou mesmo do frango, pelo menos alguém tem que ficar olhando para ver o que ocorre. Uma outra maneira de responder ao que o Salvador Firace afirmou é o seguinte: nos, do setor de rações, trabalharíamos com preços subsidiados porque o avicultor teria que continuar produzindo, e o governo federal adotou estas medidas, justamente porque sabia que dos pastos não sairiam mais bois suficientes para atender a demanda interna. E se não se comesse carne bovina ou frangos o que a população iria comer? Da mesma maneira posso lhe dizer que os preços foram subsidiados, com pauta de exportação de quantidade, porque, caso contrário, tudo seria exportado. No entanto a nossa filosofia quanto a exportação é de apenas exportar uma pequena parte, no sentido exclusivo de regularizar os preços no mercado interno, mantendo-os em níveis satisfatórios. E veja que se exportou de uma forma quase desenfreada que hoje estamos importando óleo de soja. Dessa forma, uma maneira joçosa de responder a questão desse subsídio é a de que a avicultura se propore exportar, desde que os preços o permitam e manteremos uma faixa de quantidade para subsidiar os preços aos funcionários das fabricas de óleo de soja. Acho que para isto não haveria problema. A colocação do problema, como o encaramos, é muito importante, ou seja, não queremos ti-



João de Faria Burnier



Sérgio Caiuby Novaes

provocadas indiretamente por nós mesmos, de baixas nos preços avícolas, a não ser que se pense em exportação, e de uma forma bastante seria.

João de Faria Burnier — Meu caro Presidente Salvador Firace, eu de fato já conhecia a sua opinião a respeito das exportações de produtos avícolas, e concordo em parte com você, achando inclusive que até um pouco de polémica seja interessante na nossa reunião. Eu gostaria apenas de lembrar que essa co-re-

não divida com os roedores...

os lucros de sua Empresa! No exterminio aos ratos, mantemos equipe especializada em profilaxia, desratização e antirratização. Visitas semanais e garantia contratual. Atendimento em toda Região Sul.

MOSCA LTDA.
uma década de bons serviços

P. Alegre - Rua Benjamin Constant, 1575
Curitiba - Rua Alferes Poli, 600

rar o produto do mercado interno, queremos simplesmente aliviar e folgar - esta a filosofia - o avicultor de possíveis estoques desnecessários, que são muito perigosos. Ficaremos, se for necessário, observando o mercado internacional, para possíveis exportações o tempo que for preciso, sejam dois, três ou cinco anos.

Ronaldo Gonçalves de Azevedo — Concorde com o que disse o Salvador Firace a respeito do subsídio com que este ano a avicultura foi mantida, mas é que nos dois anos anteriores quem subsidiou o consumidor foi justamente a avicultura. Mas o subsídio de que gozamos este ano é apenas em função dos dois anos anteriores. Apenas uma troca de posição.



Ronaldo Gonçalves de Azevedo

Quanto ao tema da exportação que estamos discutindo, acho que o ponto de vista do Sérgio Novães e do João Burnier são válidos e também é válido o do Salvador Firace em relação à conquista de novos mercados de consumo internamente. Mas enquanto esse mercado interno for latente e não conseguirmos despertá-lo, porque o poder aquisitivo vem crescendo muito mais lentamente que a nossa oferta, nós temos que nos agarrar nestas exportações para regularizar a oferta e a procura para posteriormente voltarmos ao mercado interno. Nós temos que sobreviver a estas fases mas da avicultura que, como sabemos, são cíclicas. E esse crescimento horizontalizado de que fala o Firace somente a exportação poderá representar para nós, nas horas críticas, a justa medida de uma válvula de escape, porque não podemos regredir. O tema de exportação é um assunto que deve sempre ser mantido em pauta.

Salvador Firace — Talvez eu não tenha sido bem claro na minha explanação, quando o Sérgio falou que eu coloquei a carne como referência de fator influente na cotação de preços avícolas. Realmente a carne é um dos fatores, mas não é o máximo hoje. Nós esta-

mos diante de uma política de preços do Governo Federal para a carne bovina que dentro de 30 ou 60 dias deverá ser reformulada, principalmente quando ao sistema de corte de carnes no varejo. O que tem feito a avicultura para acompanhar as diretrizes que vão marcar uma nova estrutura de codificação de carnes? Nos temos um percalço na venda de carne bovina porque a dona de casa prefere sempre a carne de primeira em detrimento da carne de segunda, e caminham nesse sentido todas as atenções do Governo Federal. Acho que nós temos que acompanhar este sistema de cortes porque a partir daí estaremos tomando uma posição. Por outro lado, gostaria de dizer que não sou contrário a exportação, somente acho que ele terá a sua hora certa e que este não é o momento propício.

Ricardo Bebiano Costa — Apenas como um adendo ao que já se falou sobre exportação, gostaria de lembrar que a nossa filosofia sobre o assunto é de corrigir as distorções existentes, para permitir um crescimento uniforme a longo prazo para a avicultura e todos os setores que dela dependem ou juntamente trabalham. E nós já tivemos oportunidade de expor ao Governo o aspecto de que a avicultura se encontra num ponto de crescimento muito perigoso. Ela é grande demais para o consumo interno atual e pequena demais para buscar novos mercados no exterior. Precisamos então arranjar um mecanismo que permita a ela um crescimento normal e firme para que fique menos sensível as oscilações de oferta e procura que ocorrem normalmente.

Alfredo Pauletti — O preço do frango nos Estados Unidos, que estava há dois meses atrás (out/73) em Cr\$ 11,00 o quilo agora esta sim-



Alfredo Pauletti

plesmente a Cr\$ 5,55 no varejo. Isto é para demonstrar a violência de que se reveste o sistema de comercialização da nossa mercadoria. O que nós vamos encontrar lá fora em termos de exportação? Novos problemas eco-

nômicos, simplesmente. E nem vou mencionar outros aspectos como a própria problemática de exportação, a condição de estocagem, problemas de especificações técnicas de ordem geral, e ainda o não atendimento do mercado interno. E me permita o Ricardo Bebiano Costa de discordar da posição dele quanto ao tamanho da nossa avicultura, pois ela é exatamente ainda muito pequena para o mercado interno, em vista das possibilidades existentes.

João de Faria Burnier — Apesar de poder parecer que existem aqui opiniões divergentes, tenho a impressão que todas estas opiniões na realidade são convergentes. De fato, a exportação é nada mais do que um cliente, apenas que diferente do supermercado. Quanto a realidade da avicultura, vemos hoje um setor que se encontra em fantástica expansão e a uma conscientização também muito grande graças a uma santa inspeção federal da carne avícola, e acho inclusive que este foi o fato mais benéfico que aconteceu para a avicultura em 1973, e que, sem dúvidas, vai marcar em duas etapas a nossa estória. Por outro lado, conforme já foi aqui comentado, devemos realmente tornar a avicultura uma atividade forte. Se não andamos de "chapeu da mão" é porque nós temos brio, porque motivos existem. Jamais a Volkswagen vendeu um carro abaixo do preço, mesmo em épocas ruins, e no entanto em 72 a avicultura comercializou dezenas de milhares de frangos muito abaixo do custo de produção. Precisamos realmente, isto sim, de realizar uma reformulação, e o que falta apenas é se criar uma conscientização da área de comercialização, aplicando-se marketing, merchandising, tentando nos desvincular cada vez mais da carne bovina. A nossa responsabilidade, a nossa tarefa, é de verificar o quanto dependemos. Quanto à falta de informação, de estatísticas, mesmo do setor avícola, hoje o governo dispõe de melhores informações do que nós próprios. Precisamos passar a conhecer melhor o mercado do nosso produto. Se dependemos 20%, 30% ou 40% da carne bovina, é apenas uma particularidade da comercialização do setor avícola e teremos que aprender a viver neste esquema. A exportação possibilita não exatamente fugas, mas expedientes para regularizarmos os preços no mercado interno mantendo os nossos ganhos estáveis.

Luiz Octávio Guimarães — Partindo do pressuposto de que a nossa exportação será justamente o excesso da nossa produção não consumida no mercado interno, gostaria de saber qual foi o excesso de produção que tivemos em 72 ou 73, ou se houve realmente este excesso de produção.

Ricardo Bebiano Costa — Você tocou num assunto que tem sido motivo de muitas discussões na União Brasileira de Avicultura desde que assumimos a sua presidência. O Burnier momentos atrás também citou este aspecto da absoluta falta de informações existentes sobre a produção avícola no Brasil. A grande falta de dados nos impossibilita não só de sabermos

A chave do sucesso

A sua granja está em perfeitas condições sanitárias? É certo que a vacina contra a doença de Marek surtiu um efeito fora do comum. Mas, quem esqueceu-se da desinfecção (a base de uma criação sadia) com a introdução no país da vacina contra Marek, já está com problemas ocasionados pela E. Coli, Estafilococos, Pseudomonas, etc, que provocam estágios avançados das doenças respiratórias, diarreias, etc.

Quem está bem sucedido nunca esqueceu a desinfecção!!



OBANOL 516

O reconhecido efeito e a baixíssima toxicidade, o recomendam para a desinfecção de galpões, equipamentos, corpo das aves e, até da água de beber.

ORTOZOOL

Sua alta eficiência bactericida e, além disso, o fato de ser o desinfetante que mata os oocistos de Eimeria (coccidiose), o tornam indispensável para a desinfecção de galpões e aparelhos.

indústria, comércio e importação **FATEC** Ltda.

Rua Dr. Rodrigo Silva, 70-7º and. - s/74 - S. Paulo



que tamanho tem a avicultura como também que tipo de problemas vamos enfrentar no futuro. Nos temos um projeto audacioso de estabelecer o que temos chamado de medição constante da nossa avicultura e que ainda não foi colocado em implantação por causa do seu alto custo e pela necessidade de um investimento inicial muito grande, com, "a posteriori", despesas mensais também muito grandes. Nos precisamos primeiro "vender" a ideia à classe e conseguir dela a necessária subvenção para realizar este projeto. Seria este projeto realizado através de questionários, contatos pessoais ou telefônicos, entrevistadores de campo, e teríamos então uma estatística total e permanente da produção da avicultura em termos de custo de produto, quanto se produz, quanto se pretende produzir, quanto se vende e quanto projeta-se vender. Um trabalho deste tipo imediatamente daria uma resposta à pergunta feita pelo Luiz Octávio e que é também a pergunta de muitos elementos ligados à avicultura. Hoje em dia, pelo menos no momento, não tenho condições de responder a sua pergunta. Acredito que organizações particulares muito grandes disponham de dados e números bem próximos da realidade. No entanto, como eu já disse, este assunto já foi motivo de muitas discussões na UBA, e tanto eu como o Burnjer, estamos preparando para "vender" a ideia da realização desta pesquisa permanente, que terá um custo, conforme já possuímos orçamento em mãos, de quarenta mil cruzeiros para o seu início e depois despesas da ordem de dezesseis a vinte mil cruzeiros mensais. Apesar do alto custo, como reconhecemos, as respostas nos darão margem para responder a todas as perguntas que porventura nos sejam feitas, como as que existiram aqui nesta Mesa Redonda, hoje. E consequentemente teremos condições para projetar planos, saber o quanto custará o frango dentro de dois ou três meses, ou um ano, a quanto irá cair o preço, quantos frangos ou ovos irão sobrar dentro de alguns meses, etc. A partir daí poderemos controlar as ofertas, resistir a tentativas de especulações baixistas e nos manter senhores da situação. O preço que este trabalho irá custar, será pago em termos de lucratividade maior para o avicultor, tornando o setor mais estável. E a dificuldade em "vender" a ideia desta pesquisa permanente está no seu custo que só poderá ser pago inicialmente por grandes empresas que terão um retorno desse investimento a médio e longo prazo, enquanto que o lucro imediato será do pequeno e médio avicultor, como todos sabemos.

Aguinaldo de Fiori — Discordo com alguns aqui presentes, que dizem que a avicultura está insegura em relação ao próximo ano, ou melhor, de que não sabe o que terá em 74. Acredito na avicultura, como sempre acreditei, desde quando nela ingressei em 1950 e nunca a vi tão promissora quanto está no presente ano em relação ao próximo. A situação da avicultura nacional é excelente e não conheço nenhum lugar do mundo que tenha uma avicultura com tantas perspectivas como a nossa. Pudemos observar desta maneira, que

alguns podem achar um pouco otimista, em virtude de uma série de aspectos que eu gostaria de colocar aos presentes. Para que possamos pensar no futuro necessitamos lembrar não só do presente como também de um passado não muito longínquo, como em 57, numa reunião então realizada no Ministério da Agricultura, no Rio de Janeiro, quando falou-se de exportação de frangos e de ovos porque achava-se que o mercado interno estava com sobras. Dois meses após esqueceu-se a exportação. Em 62, numa exposição em Mogi das Cruzes, SP, novamente se falou em exportação e da mesma maneira, meses depois, o assunto foi esquecido, inclusive alguns membros daquela reunião, favoráveis a exportação na época, não foram encontrados para assinar um memorial que foi feito sobre a reunião. Os



Aguinaldo de Fiori

preços não eram favoráveis para a exportação e hoje continuam da mesma forma. Por isto acho que a avicultura encontra-se, digamos, de parabéns, porque melhor situação interna é impossível, em termos de preços de frangos e de ovos. Acho bom pensarmos em exportação. É evidente que um conhecimento melhor da situação interna colaboraria muito para um controle efetivo da comercialização, não só no Brasil como também no mercado externo. O nosso grande problema é a comercialização, inevitavelmente. É espantoso sabermos, por exemplo, que no interior do Estado de São Paulo, em muitas cidades consideradas grandes apenas dois ou no máximo três açougues trabalham com frangos, e mais espantoso ainda é sabermos que as nove horas da manhã nestes mesmos açougues não mais existem frangos para vender. Então, a dificuldade para o consumidor e conseguir frango para comprar, como se pode constatar facilmente. Deveríamos reunir todos os avicultores possíveis, ler tudo o que já foi dito e falado em reuniões, e fazer um programa de prioridades para o que deveremos fazer, pois de tudo que já se disse, praticamente nada se fez, desde muito tempo atrás, quando já se tentava or-

ganizar a avicultura. Acho excelente o fato de possuímos um mercado a conquistar como esses 67% de que falamos tanto desde fevereiro último. Qual a indústria que possui este percentual de mercado para desbravar? Acho que o poder aquisitivo não é limitante. Vamos criar o poder aquisitivo, como bem falou o Salvador Firace. E a medida em que criarmos esse poder aquisitivo deveremos dominar este mercado potencial de consumo. Para completar volto a afirmar o absurdo que temos observado da falta de frango, inclusive nas épocas de crise da chamada superprodução se é que a temos realmente. E as nossas crises de preços são sempre a mesma coisa desde que a avicultura existe. Basta um caminho de frangos ou de ovos virar para que o preço seja modificado, por vezes nacionalmente. Falta para o avicultor a agilidade comercial de sair para vender o seu produto pois ele está por demais acostumado com a ideia de que o comprador deve ir a sua granja para comprar. Enquanto houver esta mentalidade os 67% de mercado disponíveis nunca serão conquistados.

Roberto Soares Pessoa — Possuímos realmente grandes perspectivas e condições para desenvolver um trabalho social de valorização do homem, da criação do poder de compra. Em termos de exportação, pessoalmente acho, como representante de uma entidade de avicultores do Ceará, que a avicultura no Brasil-Central já exporta e bastante, porque mandar frangos e ovos para o Nordeste, a mais de 3 mil kg e quase exportação. As exportações



Roberto Soares Pessoa

para o exterior, seriam muito benéficas para nós nordestinos porque fariam com que desenvolvêssemos a nossa comercialização. Quando a avicultura nordestina começou a sentir sinais de melhora, passou a concorrer com produtos do sul, que lá serão comercializados, fugindo de preços baixos e nos forçando a vender pelo mesmo preço.

Salvador Firace — Alguns números que acho

**Cada quilo de ração Anhanguera contém:
proteínas, uma equipe de técnicos,
vitaminas, veterinários, aminoácidos,
orientação permanente, cálcio, um
completo laboratório de análises, ferro, etc...**

Para o proveito máximo do investimento e trabalho aplicados na criação, a Anhanguera oferece ao criador, entre outros, os seguintes serviços:

- Assistência veterinária de emergência - Assistência de extensão rural - Orientação completa sobre meios e técnicas que possam ser utilizados para aumentar a produção e, conseqüentemente, os lucros - Planejamento de instalações - Laboratórios para diagnósticos - Análises de produtos e matéria-prima - Suprimento de rações a granel, com fornecimento de silos livre de despesas adicionais - Rede nacional de representantes, prestando ao cliente todo tipo de ajuda, inclusive quanto a crédito e financiamento. Isso é o que você leva de graça, comprando a melhor ração que se produz no Brasil. Nem que seja apenas um quilo.



Rações Anhanguera.

Unidade Industrial da Duratex S. A.

Fábricas: Travessa "A" da Rua Eng.º Augusto Figueiredo s/n.º - Tel.: 8-5112 - Campinas - SP - Rodovia BR 116, Km 0 - Tel.: 24-0812 - Curitiba - PR • Vendas: Gerência Geral - Rua Coronel Quirino, 532 - Tels.: 2-5854 - 9-3095 - Campinas - SP • Escritório Regional - Rua Buenos Aires, 658 - Tels.: 24-0164 - 24-6053 - Curitiba - PR

interessante e que passo aos presentes, diante da falta de informações, são os percentuais existentes hoje de pessoas que vivem em função do campo no Estado de São Paulo, e que são de 18% atualmente, enquanto em 65 eram de 51%. Este percentual é muito significativo porque a população rural cresceu de poder aquisitivo indiscutivelmente e o que comprova, por exemplo é o outro número que passo aos senhores, sobre o faturamento da indústria de rações em 73 que chegará a casa de um bilhão de dólares, sendo o quinto faturamento da indústria nacional. E se lembrarmos que 85% do faturamento das indústrias de rações provém da avicultura, veremos o porque desse setor ter evoluído tanto a ponto de se tornar a terceira fonte de renda agrícola no Estado de São Paulo. Portanto, os percalços que passamos agora são pequenos diante destes números, e principalmente do crescimento que vem tendo a avicultura. Quanto a exportação, deparemos sempre com uma personalidade, que não é o consumidor, mas o comércio internacional. Recentemente tivemos um diálogo com um grupo holandês a respeito desse assunto. Nós não poderemos nunca, conforme informamos a eles, ficar a mercê de grupos como aquele, que nos vai comprar para vender para um revendedor e este para outro. Nesse caso, a nossa posição sobre exportação será de dependente de um grupo que procurará sempre especular preços tentando encontrar as melhores ofertas.

Ícaro Damásio Alves — Parece-me, segundo informou o Ricardo Bebiano Costa, que o grupo que formará o pool de exportação manteve contato com importadores, mas que são comerciantes e não representam as autoridades sanitárias de seus países de origem. Somente para dar uma ideia do problema de como funciona o relacionamento dos estabelecimentos para exportação, informo aos senhores que todo interessado deve endereçar ao Ministério da Agricultura um requerimento, e praticamente todo abatedouro com inspeção federal instalada tem condições sanitárias para exportar. A partir daí, esse estabelecimento ingressará na relação geral das empresas aptas para a exportação. Existem, entretanto, alguns países do Mercado Comum Europeu, e mesmo os Estados Unidos, como outros países, que fazem exigências particulares e especiais em termos sanitários. Poderíamos nos perguntar nesse caso se a tecnologia que utilizamos para abate está desatualizada, mas facilmente poderemos constatar que muitas vezes as nossas condições de abate, mesmo em suínos e bovinos, são bem melhores do que dispõem países mais adiantados. As nossas salas de matança são verdadeiros hospitais perto de abatedouros similares do estrangeiro. Mesmo assim, vários países, conforme exemplifiquei, fazem exigências e solicitações especiais para uma série de quesitos importantes que já estamos usando e que eles mesmos ainda não tiveram condições de aplicar. Infelizmente desconhecemos a legislação de cada país que possa vir a ser importador dos nossos produtos avícolas. Nesse caso, após o estabelecimento, deve-se enviar o requerimento para o Minis-

tério da Agricultura. Faremos uma consulta ao país importador, solicitando informações detalhadas sobre as exigências e especificações técnicas necessárias. Somente para dar um exemplo, citamos o caso da Alemanha que, recentemente, para importar carne de gado bo-



Ícaro Damásio Alves

vina, exigiu nos matadouros a existência de currais de ferro, sem o que não importam a carne.

Ricardo Bebiano Costa — Creio que o assunto exportação já foi fartamente discutido na primeira parte desta Mesa Redonda, brilhantemente promovida pela revista A Granja, e a conclusão que a UBA tira de tudo isto, cremos inclusive que engloba o pensamento de todos os presentes estabelecendo uma linha geral de opiniões, que é aliás exatamente a filosofia de ação da atual diretoria da UBA. Isto é, a avicultura necessita de um crescimento para atingir níveis mais estáveis e para obter esse crescimento seriam necessárias duas providências, sendo, em primeira escala, a exportação, tanto de imediato como a longo prazo, como um fato regulador de preços no mercado interno e uma outra estratégia que seria uma maior e melhor exploração do mercado interno que indiscutivelmente tem muito ainda para ser conquistado, como foi muito bem exposto pelo Salvador Firace e pelo Aguinaldo de Fiori. Lembrem-se apenas de que, quando iniciamos o movimento para exportação, pensávamos que, se não podíamos atingir o mercado que atualmente nos atuamos e que não consome frangos, deveríamos exportar para estarmos preparados para atender o mercado interno quando houvesse por parte deste uma solicitação de fornecimento de proteína avícola. Obviamente não vamos esperar que este mercado solicite, mas vamos também procurar motivá-lo e estimulá-lo a consumir o nosso produto. Tenho a impressão, portanto, que é do pensamento geral, que inicialmente deveríamos realizar exportações modestas, mas a título de experiência, e co-

mo função de regularização de preços desde que evidentemente venhamos conseguir bons preços no mercado internacional. Para poderemos justamente aumentar a nossa fatia de participação no mercado interno, desde o ano passado a UBA possui um grupo trabalhando com promoção dos produtos avícolas visando um maior consumo junto a população.

"FEDERALIZAR PARA CRESCER"

Ícaro Damásio Alves — Falar-se sobre a implantação da inspeção federal da carne avícola me parece desnecessário, porque as diversas manifestações, inclusive aqui já citadas, são todas favoráveis. A aplicação da Lei 5.760 que iniciou no Rio Grande do Sul em bovinos e suínos, foi executada no ano passado também na Grande São Paulo. Através da portaria nº 100 de 22/10/73 do Diretor do Departamento Nacional de Produção Animal, DNPA, foram designados os vários grupos para aves, carnes, leite, etc, para que implantassem a federalização da inspeção da carne no Estado de São Paulo. Em termos de Brasil estas portarias estão sendo baixadas e as federalizações vão sendo executadas conforme o programa previa. No Paraná, por exemplo, inicia-se o levantamento do número e condições dos abatedouros, e no Rio Grande do Sul de idêntica forma estão sendo levados a efeito os necessários levantamentos. A federalização será executada em três etapas. Em primeiro lugar será feito um levantamento geral para conhecermos todos os abatedouros que não possuem inspeção, tanto em quantidade como em qualidade de trabalho. Essa primeira fase, segundo o nosso planejamento, demoraria cerca de 45 dias e de imediato seria dado um julgamento, ou melhor, promulgaríamos julgamentos aos abatedouros sobre se eles seriam recuperáveis ou irrecuperáveis, ou ainda recuperáveis a longo, médio ou curto prazo, como também se merece de imediato a inspeção federal. Teríamos então três tipos de opções aos abatedouros, como os recuperáveis, os irrecuperáveis e os de imediata instalação da inspeção federal. Isto posto, iniciariamos a segunda etapa, ou seja, o planejamento de quando seria iniciada a fase de inspeção propriamente dita. A terceira fase logicamente seria a execução do julgamento e do planejamento proferido pela comissão encarregada. Falou-se muito aqui na falta de dados e informações de produção de frangos, e posso fornecer a nossa previsão de abate para 1974, no Estado de São Paulo, o que é de 99 milhões de frangos a serem abatidos, para uma produção total de 160 milhões. Em 1971 abatemos, em São Paulo também, 17 milhões de aves, sendo que foram produzidos, segundo dados da APA — Associação Paulista de Avicultura, 97 milhões de aves. Em 1972 abatemos 22 milhões sendo que a produção anual foi de 112 milhões. E em 1973, até setembro último, nós abatemos, também sob inspeção federal, 17 milhões de aves, para uma produção total de 140 milhões de aves. Vejam que os percentuais de aves abatidas sob inspeção federal deverão ter um aumento muito grande porque muitos abatedouros passarão a contar com este

serviço. E este aumento do percentual de abate de aves inspecionadas deverá ser maior, em virtude de muitos abatedouros estarem com previsaes de aumento das suas condições de trabalho. Temos então seis abatedouros com inspeção federal instalada com capacidade de 2.080 aves/mês em jornadas de oito horas diárias, contando-se 20 dias ao mês. Existem no Estado de São Paulo 4 matadouros com projetos de ampliação, e com capacidade atual instalada de 960 mil frangos mensais, dentro do mesmo regime de trabalho que mencionei e o aumento previsto é para 1 milhão e 600 mil aves por igual período. Possuímos também 4 matadouros em construção final, com capacidade de abate de 1 milhão e 40 mil aves/mês e já com aumento previsto para 1 milhão e 280 mil. Segundo as firmas fabricantes de equipamentos, esses 4 matadouros tem uma estimativa de investimento de doze milhões de cruzeiros. E sobre abatedouros em estudo, estamos com 20 em avançado estado de planejamento que deverão partir para uma execução rapidamente, com capacidade prevista de 3 milhões e 984 mil aves/mês, também no mesmo regime de trabalho mencionado anteriormente. A previsão de investimento é de cerca de 40 milhões de cruzeiros. Esse é o quadro com que nos defrontamos em setembro último com os abatedouros instalados, em instalação, ou com projetos de aumento de suas capacidades e os investimentos ainda em estudo, dando-nos desta forma uma perspectiva bastante promissora para a federalização e evidentemente para a avicultura paulista. Nestas 3 etapas da federalização, ou seja, o levantamento, o planejamento e a execução, nós iremos verificar a capacidade de produção das indústrias de equipamentos. E não só a capacidade de produção, mas também a de entrega. Se ela não cumprir os prazos não haverá condições para se executar a implantação da federalização da inspeção da carne, dentro de um prazo bastante curto como se pretende.

A Granja — A federalização é de responsabilidade do Ministério da Agricultura. Perguntaríamos ao Dr. Ícaro, da possibilidade de realização de convênios com secretarias de agriculturas, que estejam preparadas economicamente e equipadas, principalmente, de elementos humanos especializados, no sentido de não só facilitar o trabalho do Ministério da Agricultura, mas também de poder exercer um trabalho com maior vigilância.

Ícaro Damásio Alves — Realmente a sua observação é oportuna e aproveitada para informar que a lei prevê esta possibilidade. A lei já previa o estabelecimento destes convênios com secretarias de agricultura que tenham condições técnicas e econômicas para executarem a inspeção. Na prática isto ainda não existe, e não é ideia do Ministério pretender transferir esta responsabilidade.

Ronaldo Gonçalves de Azevedo — Um dos fatores que realmente tem contribuído para a normalização do preço do frango, além da carne do boi, é a federalização porque ela

Hospede seu carro em Porto Alegre



ESTACIONAMENTO PARA 100 CARROS

Quartos com banho privativo e apartamentos com rádio, TV ou ar condicionado opcionais. Vantagens de um Motel, serviços de um Hotel. Restaurante com ar condicionado. Pague com seu cartão de crédito preferido.



Hotel São Luiz

Farrapos, 45 - junto à nova elevada da Conceição.
Fone: 24-9522 - Porto Alegre - RS

INTERESSA A TODOS

- VETERINÁRIOS
- AGRÔNOMOS
- CRIADORES
- ESTUDANTES

Biblioteca de Produccion Animal

do prof. M. E. Ensminger
Traduzido ao espanhol da 4ª edição norte-americana, sob orientação do dr. Maurício B. Helman
Composta dos seguintes volumes:

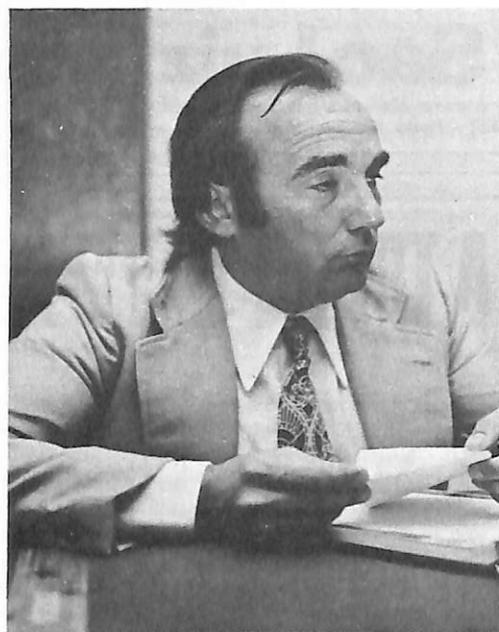


- () Produccion Porcina Cr\$ 130,00
- () Bovina para carne Cr\$ 130,00
- () Equina Cr\$ 130,00
- () Ovina Cr\$ 130,00
- () Zootecnia General Cr\$ 205,00
- () Manual del Ganadero Cr\$ 205,00

LIVRARIA "EL ATENEO" DO BRASIL S/A
P. Alegre - Av. Borges de Medeiros, 453 - cj. 94 - fone: 24-00-03 - Caixa Postal 688 - R. Janeiro - Rua da Alfandega, 111 - Gr. 301 - fone: 221-42-83 - S. Paulo - Av. Rio Branco, 320 - Gr. 23 - Recife - Praça Machado de Assis, 63 - Gr. 403.
DESEJO RECEBER PELO REEMBOLSO POSTAL OS VOLUMES MARCADOS COM (X)

NOME
RUA
CIDADE

realmente permite um processamento técnico que pode sem dúvida alguma manter o nível da oferta e procura o mais equilibrado possível. Se o estabelecimento possuir câmara de estocagem adequada terá melhores condições para se defender das oscilações de preços que freqüentemente ocorrem dentro do nosso mercado. Mas, essa luta que o Ministério da Agricultura vem mantendo para implantar a federalização, numa verdadeira mudança de mentalidade, sabemos que é uma verdadeira guerra e das mais arduas. Consideramos justa a proposta sugerida pela UBA ao Ministro da Agricultura no sentido de apressar o processo da federalização no Estado do Espírito Santo, porque é uma medida que dará exemplos. O empresário de uma maneira geral sente a sua necessidade porque sofre os prejuízos na própria pele. Além disso, não tem coragem para



Jorge Petrelli

investir em equipamentos e ainda aumentar o seu prejuízo sabendo antecipadamente que terá na linha de produção várias aves rejeitadas em função do processo de inspeção federal que, como sabemos, é muito rigoroso. A condenação de aves torna-se para ele uma fonte de concorrência dentro do seu próprio estabelecimento abatedor. Estando marginalizado pela federalização, desta forma, muitas vezes, ele obterá um maior rendimento e conseqüentemente lucros bem mais agradáveis do que um estabelecimento similar vizinho que esteja sendo fiscalizado. Em função disto, o apoio que as classes avícolas poderiam dar ao Ministério da Agricultura é justamente a idéia de se acelerar a federalização no Espírito Santo para servir de exemplo taxativo. Pelo que estamos observando, todos esperam a data que deverá ser fixada para iniciar o esquema de fiscalização. Todos estão convictos não só da necessidade como também conscientizados e esperançosos pela federalização, mas a nós so ver, uma data deverá ser fixada. Todos esperam uma data para iniciar a corrida de preparação para ampliarem seus estabelecimentos, e atenderem as exigências. Se esta data

não for marcada, vai continuar contribuindo para atrasar ainda mais a federalização. O que falta é um brado de alerta, uma data, nada mais do que isto. Se necessário, posteriormente se adiará esta data, mas um marco deve existir.

Ícaro Damásio Alves — Sem dúvidas é louvável essa iniciativa da UBA em apresentar ao Ministro da Agricultura a idéia de federalizar o Espírito Santo para motivação. Somente não concordamos com a posição dessa entidade em apenas um aspecto, no que diz respeito à fixação de datas. Imagine se durante a fase de planejamento nós fixarmos uma data, e esta data tiver que ser adiada uma, duas, ou mais vezes ainda. Fatalmente cairíamos num descrédito total.

Aguinaldo de Fiori — Mas será que a federalização ainda não caiu em descrédito?

Ícaro Damásio Alves — Acho que não porque justamente o quadro de produções, abates e previsões de abatedouros a serem ampliados e instalados, que citei anteriormente aos senhores é bastante representativo. E quando em janeiro iniciarmos este levantamento de que já falamos não haverá nenhum descrédito.

Aguinaldo de Fiori — Mas se também não soubermos quando terminará o levantamento, de nada adiantará...

Ícaro Damásio Alves — Conforme já informei, o levantamento deverá ser efetuado em 45 dias. Imediatamente após, o proprietário do estabelecimento abatedor receberá o julgamento sobre a sua condição de trabalho, ou seja, recuperável ou irrecuperável. Haverá tempo inclusive para o empresário preparar-se para uma atualização que será necessária face as novas exigências.

Alfredo Pauletti — Nós estamos numa expectativa muito grande. O que o empresário tem feito para atender as novas exigências, antecipadamente, está a olhos vistos. A própria indústria de equipamentos não tem dado vencimento para os pedidos de automatização dos abatedouros. E isto tudo diante de uma condição psicológica dos empresários de se prepararem antecipadamente as novas leis vigentes. E a federalização, inclusive, chegará um pouco antes do que podíamos imaginar.

Aguinaldo de Fiori — O senhor, então, vem confirmar a minha observação, de que o processo de federalização vem crescendo de intensidade pelo interesse dos empresários do setor, e não simplesmente em função de uma nova legislação a qual todos deveriam se adaptar.

Salvador Firace — No início deste ano, em maio e junho mais precisamente, trocamos correspondência com uma empresa inglesa que produz equipamentos para industrialização de resíduos industriais e ela nos informou na época que estava ultimando uma instalação no Japão. Interessamo-nos pelo assunto e um mês

recebemos as fotografias desse complexo industrial instalado, que é o primeiro a entrar em funcionamento. Esse equipamento de que falo é preparado para moer e desidratar todos os resíduos industriais. É uma central de industrialização de carcaças condenadas que faz de tudo uma espécie de farinha, e que



Nelson Luiz Fabris

por um processo, trabalhando a mais ou menos 600 graus centígrados, reduz e neutraliza determinadas bactérias e essa farinha volta para a alimentação animal. Dias atrás, comentando o assunto com o Presidente do Conselho de Ciências do Japão, num jantar que houve aqui em São Paulo, informou-me ele que esta unidade é comunitária, não sendo propriedade de apenas uma empresa. Os diversos abatedouros utilizam-se dela, para reaproveitarem seus resíduos. Mesmo as aves sendo condenadas vivas tem esse destino, recomeçando novamente todo o processo. Como vê o Ministério da Agricultura esse sistema?

Ícaro Damásio Alves — O Ministério da Agricultura nas normas que regem a federalização da inspeção da carne, exige que os abatedouros tenham forno crematório ou área para a graxaria. Fornos para aqueles casos em que a ave morta num engradado de viagem ou na plataforma de recebimento seria cremada no próprio estabelecimento. Ou área para graxaria nos estabelecimentos maiores, englobando não apenas estes casos, mas também as aves renegadas. Em todos os casos, é necessário identificar um sistema de coleta de resíduos industriais. Quanto a uma central de reaproveitamento, uma região típica para a existência dela, seria a região de Louveira, Jundiá, Atibaia, no Estado de São Paulo, onde o estabelecimento permitiria a desnatação desse material e sem haver os gastos ociosos do equipamento para graxaria. Logicamente a graxaria, com todo o seu equipamento mais depósito e vapor, etc, traz uma série de inconvenientes. Num abatedouro acima de 10 mil aves mensais o Ministério da Agricultura

DITO E FEITO. TYLAN E HYGROMIX GARANTEM O SUCESSO DO GRANJEIRO.

Aguarde.
Novos granjeiros
bem sucedidos
vêm aí.
Um deles deve
ser você.

Tylan
Hygromix




"Tylan é o único produto capaz de controlar a DRC"

afirma o Sr. Vitor Menechini



Vitor Menechini, como todo granjeiro bem sucedido, não tem dúvidas quanto à eficiência de Tylan na controle da DRC. Programa da Granja Tylan, em Maracá (SP), com uma área de 52 hectares e um plantel de 80.000 aves, já vem usando Tylan há 4 anos e obtendo excelentes resultados.

Para que pudesse falar mais algumas palavras o Sr. Menechini entrevistamos e registamos suas opiniões.

«Tylan na Granja Menechini, em Maracá, SP, está sendo usado há 4 anos, assegurando uma taxa de conversão semelhante às melhores técnicas

Uma Tylan há 4 anos e o resultado, ao comparar com outros produtos, é excelente. A conversão de peso é de 2,2% para 1.350 e 1.540 kg e a retenção de água é de 10 a 15 dias de idade. Já em outros produtos, a retenção de água é de 15 a 20 dias de idade. Isso resulta em Tylan para mim, um excelente produto.

Como proprietário da Franquia distribuidora de Tylan, sou muito feliz em poder falar de Tylan e Hygromix. O Sr. Vitor Menechini também usa Tylan e Hygromix e que ele disse de um jeito.

«Sou distribuidor de Tylan há 2 anos, acho que é o único produto capaz de controlar

Tylan



Cooperativa de Cafelândia aumenta a produção de ovos com a ajuda de Hygromix



Alimentação e Cooperativa Agrícola Ltda. de Cafelândia integra-se com a Cooperativa Agrícola de São Paulo, em um projeto de produção de ovos. A produção de ovos é de 100 milhões de ovos por ano. A produção de ovos é de 100 milhões de ovos por ano. A produção de ovos é de 100 milhões de ovos por ano.

RESULTADO DA CLASSIFICAÇÃO DOS Ovos EM PONDOS

MEZ	CLASS.	UNID.	MOND.	PERDIDA	NOTAS
01/74	1.0	450	380	60	1.1
02/74	1.0	450	380	60	1.1
03/74	1.0	450	380	60	1.1
04/74	1.0	450	380	60	1.1
05/74	1.0	450	380	60	1.1
06/74	1.0	450	380	60	1.1
07/74	1.0	450	380	60	1.1
08/74	1.0	450	380	60	1.1
09/74	1.0	450	380	60	1.1
10/74	1.0	450	380	60	1.1
11/74	1.0	450	380	60	1.1
12/74	1.0	450	380	60	1.1

Hygromix




Tylan garante plantel mais uniforme e resistente nas granjas Mizumoto



(Declaração de Sr. Yuzaka Mizumoto)

«Tylan garante plantel mais uniforme e resistente nas granjas Mizumoto»

Tylan



orienta para a construção de graxaria. Mas, sempre que possível, se houver uma região onde se concentram num raio de 30 ou 40 km vários abatedouros desse porte, seria conveniente a instalação de uma central de reaproveitamento destes resíduos industriais.

DEVEMOS CRIAR A FRANGOBRÁS

Salvador Firace — A revista A Granja nos deu a oportunidade de dialogarmos. Os gaúchos nos dão outro exemplo de união permanente, e através da FECOTRIGO, INSTISOJA, FARSUL, IRGA, etc, defendem a ferro e fogo os seus interesses comuns. Chegou a hora, creio, de iniciarmos a instalação de uma entidade dessa espécie para defender os interesses dos avicultores. Poderia inclusive levar já o nome de Frangobrás. Supervisionaria toda a comercialização de frangos e ovos no Brasil, coordenando, estimulando e fiscalizando tudo o que venha dizer respeito à avicultura em termos de comercialização. A Frangobrás armazenaria os excedentes nos fins de safra, entresafra, e teria uma posição real da situação do frango e do ovo em várias regiões do Brasil, e poderia então comercializar com preços reais, e não fictícios. Com essa entidade não resolveríamos apenas os problemas de aviculturas regionais ou isoladas, ou ainda problemas sazonais do setor. Teríamos todo o controle da avicultura no Brasil inteiro, inclusive em termos de exportação.

Ronaldo Azevedo — O próprio Governo Federal, parece-me, está orientando as atividades primárias para a criação desse tipo de bolsas e entidades, como as CEASAs, de tipos de estocagens e de comercialização.

Salvador Firace — O supletivo é normativa do Governo. Mas não devemos aguardar do governo uma intervenção na comercialização.

Ronaldo Azevedo — O Governo cria a CEASA e a entrega para a iniciativa privada. Ele apenas faz o controle extra que lhe interessa. Quem realmente maneja são particulares, em termos de comercialização. Parece-me que esta sua ideia já tem uma espécie de início na criação destas CEASAs.

Salvador Firace — Semanas atrás fomos convidados pelo Ministério do Planejamento para encontro no qual aquelas autoridades queriam saber tudo sobre avicultura. Tivemos a oportunidade de falar sobre o setor quase que durante uma manhã inteira. Posteriormente, numa outra oportunidade tivemos, proporcionado pelo Presidente da COBAL, a satisfação de assistir a exibição de uma centena de slides sobre o sistema distributivo dessa entidade, mostrando o que a COBAL tem em matéria de postos de distribuição no Brasil. Nesse aspecto tudo o que eu considero importante pode-se dizer que está praticamente pronto. A COBAL já possui um sistema de estoque e distribuição do qual poderemos nos aproveitar. A Frangobrás apenas coordenaria e fiscalizaria em termos econômicos, pois o sistema de estoque de distribuição a ser utilizado pelo

setor avícola, com bastante eficiência, poderia ser o da COBAL.

Aguinaldo de Fiori — Vejo, particularmente, com muito bons olhos, a possível criação de uma entidade que coordene e fiscalize a comercialização dos produtos avícolas no Brasil. Serviria para estabilizar, em termos definitivos, a economia avícola.

A Granja — Que mecanismos deveriam ser acionados, no sentido da criação da Avebrás ou Frangobrás?

Ricardo Bebiano Costa — Acho que a primeira coisa a ser feita é quantificarmos a nossa avicultura, que é exatamente a nossa grande preocupação neste momento. Fazer a estatística do quanto produzimos e avaliar a nossa potência de produzir e o potencial de mercado. Isto, como passo inicial. Todas estas informações é que iriam dar subsídio para a criação e como formar a Frangobrás, que a gente já pode colocar o Salvador Firace como pai e a UBA tentará ser a mãe.

A Granja — Cremos que a pergunta não foi entendida. Perguntamos que mecanismos deveriam ser acionados para se criar a Frangobrás. Mecanismos no sentido de homens, empresas, verbas, subsídios governamentais, etc. Cremos que o aspecto de quantificar a avicultura e avaliar o seu potencial poderia perfeitamente ser um dos muitos encargos da Frangobrás.

Salvador Firace — A nosso modo de ver, a criação da Frangobrás só poderá ir adiante caso seja uma empresa privada, sem interferências governamentais. Teria que ser, basicamente, uma empresa constituída com a finalidade precípua de que já falamos. Todos os elementos que atuam na avicultura, direta ou indiretamente, teriam condições para participar efetivamente da Frangobrás, aproveitando este subsídio extraordinário que já possuímos e que são as entidades de classe dos avicultores. A Frangobrás teria um trabalho imenso pela frente. Teria lucros, sem dúvidas, pois teria despesas, mas tiraria a preocupação de quem mexe com a avicultura, do grande problema que até hoje ninguém conseguiu resolver, que é o econômico. Daria um respaldo de segurança ao avicultor como empresário. E indiretamente a todas as atividades que dependem da avicultura. Isoladamente este movimento nunca frutificará. Terá que ser feito em conjunto a exemplo, conforme já falei, de outros institutos ou entidades que defendem os interesses de outras áreas de produção do setor primário como a soja, o açúcar, o trigo, a carne, etc. Se todos agirmos em conjunto, em outras reuniões ou Mesas Redondas como esta, o Roberto Soares Pessoa, ou qualquer outra pessoa, não irão falar que a avicultura, do Brasil Sul e Central, está "exportando" para o Ceará e Nordeste, ao invés de exportar para o exterior.

Aguinaldo de Fiori — A criação da Frangobrás somente se dará, como empresa de capital aberto ou fechado, sociedade limitada ou ano-

nima, a partir do momento que dois ou três elementos tiverem interesse comercial no assunto. Hoje a situação é mais política do que comercial. Acredito que a primeira solução seria criar entre os órgãos ou pessoas, que fa-



Iniciativas, como a da criação da Frangobrás e a exportação de aves, galvanizou a atenção dos presentes.

zem da avicultura um setor verdadeiramente industrial, uma entidade que seria mais política do que comercial. No futuro ela poderia vir a ter um cunho comercial. Ninguém hoje irá aplicar dinheiro num negócio que não possa a vir ser rentável. E mesmo politicamente ela trará rendimentos altamente favoráveis para a avicultura. O que vemos hoje é uma situação que, pode-se dizer, é uma verdadeira bagunça. Quando o governo chama o produtor de ração culpa-o de que o preço dos ovos está caro. Quando chama os produtores de ovos estes culpam as rações de estarem muito caras. Isto é sinal de falta de união e entrosamento entre as classes avícolas, e a Frangobrás nos uniria a todos.

Ricardo Bebiano Costa — Vejo com muito bons olhos, a proposição feita nessa Mesa Redonda, sobre a criação da Frangobrás. Tenho impressão de que ela virá automaticamente como consequência de uma série de fatores, como por exemplo, a implantação da federalização dos abatedouros. A nossa ideia na UBA de realizar um sistema de estatística permanente, creio, servirá como uma espécie de embrião para a formação da Frangobrás, porque tenho a impressão também de que esta entidade não terá uma longa vida se ela não tiver números sobre a nossa produção e a disponibilidade do mercado de consumo.

Alfredo Pauletti — A criação da Frangobrás nada mais é do que o fortalecimento da classe. É um movimento para o qual nós devemos dar todo o nosso apoio, e incentivar para que se concretize de uma forma o mais rápido possível. A avicultura tem que ser uma atividade forte, tem que ter uma entidade ou uma associação onde todos participem dos bons e

maus tempos a que estamos acostumados a passar. Realmente é crítico o aspecto daquele avicultor que perde um caminho de frangos ou milhoes de cruzeiros nos preços de seus produtos quando não encontra mercado, mas que não se dispõe a colocar vinte cruzeiros mensais como contribuição para o fortalecimento da sua entidade de classe, que sempre defendera os seus interesses. Nas épocas ruins todos se unem, aguardando providências e resultados imediatistas, mas nas épocas boas cada um vai para o seu lado. Se conseguirmos realmente unir os avicultores numa entidade como a Frangobras, então teremos uma avicultura bastante forte, projetada dentro de tudo o que se falou aqui hoje.

A PROPAGANDA É A ALMA DO NEGÓCIO

Irineu Lucato — Gostaria de que alguém nos fizesse uma explanação sobre o que é mais



Jeff Penfield

vantajoso atualmente para a avicultura. Faremos campanhas de promoção para o aumento do consumo do mercado interno, investindo maciçamente, ou exportarmos aos preços do mercado internacional, que normalmente é um preço mais barato que o do nosso mercado interno?

Salvador Firace — Justamente a Frangobras viria resolver todos os nossos problemas. Ela ditaria as normas de tudo aquilo que é mais importante.

Ronaldo Azevedo — Acho que antes de pensarmos em custos de promoção interna para maior consumo de frangos ou em exportarmos, deveríamos verificar que tipo de produto será colocado a venda para o grande público. Corremos o risco de realizar uma campanha muito bem feita, mas colocar no mercado um frango não qualificado, que não corresponderiam ao produto anunciado. Poderemos, portanto, jogar por terra todo um investimento por mau processamento das aves.

Ricardo Bebiano Costa — A ideia da UBA é exatamente isto. A exportação praticamente não tem custo para nós, porque como o Burnier já expos, nós não estamos vendendo e sim estamos sendo comprados. E não se pensa em exportação como forma de ganhar dinheiro, mas como forma de não perder dinheiro no mercado interno. O custo que temos a analisar, então, é o custo da campanha de aumento de consumo no mercado interno, porque é um investimento de resultados a longo prazo, justamente por causa dos percalços que o Ronaldo citou. E a exportação é simplesmente uma ferramenta para regularizar os preços, e que não nos oferece custos.

Roberto Soares Pessoa — Existe alguma coisa preparada quanto a esta campanha promocional no mercado interno? Ouvi falar dias atrás que iria ser atacado um ponto, que diz respeito ao ovo, que parte da população pensa ser prejudicial à saúde, e que colaboraria para o aumento do colesterol?

Ricardo Bebiano Costa — Quem preparou uma campanha nesse sentido foram homens altamente especializados. Infelizmente eu não participo de nenhuma das comissões que foram formadas na UBA para deliberar sobre esta campanha. Quem pode fornecer maiores informações é o Burnier, e posso adiantar somente que já existe um filme, para ser exibido em cinemas de todo o Brasil, promovendo os produtos avícolas.

João de Faria Burnier — O que está sendo feito, glêm do filme, é a tradução de um boletim técnico, sobre trabalhos medico-científicos, dizendo que o ovo não tem nada a ver com o colesterol. Este trabalho será distribuído por mala-direta, somente na classe médica brasileira. Não será feita nenhuma campanha ao grande público nesse sentido. E este trabalho parece muito bem feito, e muito abalizado, com perfeitas condições para convencer realmente os médicos da eficiência do ovo como alimento, e não como estimulador do colesterol, fazendo com que eles pelo menos pensem duas vezes antes de retirar o ovo de uma dieta alimentar.

Irineu Lucato — Temos o exemplo recente de uma campanha feita pela Granja Ito através de televisão e cartazes de rua.

Ricardo Bebiano Costa — Foram somente cartazes de rua e a campanha era uma promoção de marca do ovo Ito, de consumo de uma marca de ovo específica.

Alfredo Pauletti — Tenho informações de que o Governo Federal truncou o andamento da campanha porque o preço do ovo estava alto e a campanha contribuiria para um maior consumo e portanto o preço tenderia a elevar-se mais ainda. Segundo o Governo a campanha teria tendências inflacionárias.

A Granja — É básico em propaganda, que quando se promove e anuncia um produto, es-

te existe para a venda, seja em estoque ou em linha de produção que está sendo aumentada. No caso específico do ovo Ito foi apenas uma campanha institucional de promoção de marca. A revista A Granja mais uma vez se coloca a disposição dos senhores para ser a portadora de novas ideias ou proposições no sentido da avicultura realizar campanhas promocionais de aumento de consumo junto aos tão falados 67% da população que não consomem produtos avícolas. Talvez não seja uma ideia nova, mas o que acham os senhores de campanhas conjuntas com outros produtos como carne de suínos, ovinos, coelhos, peixes, etc?

Irineu Lucato — Mas de que adiantam campanhas publicitárias se o Governo Federal pode vir a truncá-las?

Agualdo de Fiori — Acredito que a avicultura irá atravessar um período em que não haverá necessidade de se fazer propaganda para maior aumento do consumo de frangos e de ovos. Qualquer promoção que venhamos a fazer no momento, ela, naturalmente, será



Irineu Lucato

mal vista pelos órgãos governamentais. Campanhas publicitárias se fazem somente quando existe a mercadoria para venda ou para manter o nome da mercadoria ou produto em evidência, mas sempre com um único objetivo que é o de vender. E atualmente o nosso problema não é de propaganda e sim de comercialização. É a facilidade que o consumidor não tem para encontrar o nosso produto nas prateleiras dos supermercados ou em açougues. Ovo e frango, na minha opinião, não precisam ser vendidos para ninguém. Todos sabem dos valores nutritivos dos produtos avícolas. O que falta é a disponibilidade do produto.

Ricardo Bebiano Costa — No início deste ano, em contato pessoal com o Ministro da Fazenda, pedi-nos ele uma avaliação dos preços que iriam vigorar durante o ano de 73

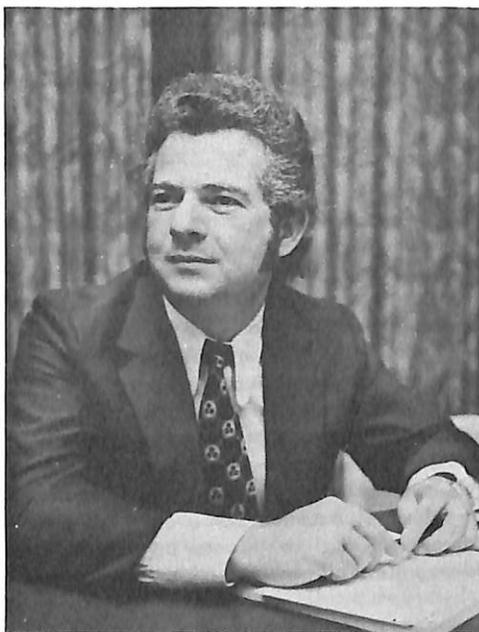


Laerte Sílvio Traudi

para frangos e ovos. Nós expusemos que os preços deveriam se estabilizar até junho/julho e iniciar um processo de queda em agosto com a entrada da safra. Paralelamente, as Organizações Ito iniciaram uma medida tentando pegar uma fatia maior do mercado, promovendo o ovo justamente nessa fase em que, imaginávamos, o consumo iria cair um pouco em relação a média do primeiro semestre. Nesta mesma ocasião faltou a carne bovina no mercado interno. Faltou também o frango e nessa ocasião os supermercados estavam vendendo somente o ovo. Em consequência disso o preço do frango em agosto, que estava previsto para uma queda, subiu de preço. Fomos então conyocados para uma reunião urgente no Ministério da Fazenda e o Ministro nos colocou a questão dizendo que havíamos afirmado que em agosto o ovo baixaria, mas o preço do ovo não caiu e ainda por cima nós avicultores estávamos fazendo uma campanha de maior consumo de ovos. Argumentávamos as autoridades do Ministério da Fazenda, que o fato de ainda pedirmos licença para exportar 10 mil caixas de ovos, comprovava que nós avicultores estávamos manobrando maliciosamente os preços dos ovos, além de tentar enrolar o governo. Naturalmente que foi dada uma explicação minuciosa do Sr. Ministro demonstrando o tiro fora que a Granja Ito deu calcada numa informação honesta que havíamos dado a eles em junho, o que fez-la empregar uma verba de mais de 240 mil cruzeiros, verba que seria desnecessária se soubéssemos o que iria ocorrer no mercado. Assim como houve essa reclamação, houveram, de parte do Governo Federal, várias solicitações para que tentássemos manter estaveis os preços dos produtos avícolas. E isto realmente foi tentado se não fosse a ação das bolsas de frangos e ovos que obviamente não se pode impor, os preços teriam sido muito mais elevados do que foram. Com respeito ainda a campanha da Granja Ito eu não sei ao certo se realmente houve uma pressão para parar, o que sei de fato é que a parte que estava pre-

vista foi realizada. O que houve também foi uma solicitação para que não se pressionasse o mercado já que as tendências eram de alta. A campanha do Grupo Ito foi explicada ao Governo como uma iniciativa inteiramente particular de uma organização que tomava uma posição frente ao seu mercado de consumo e tentando também conquistar novos mercados. Eu queria deixar bem claro que quando pensamos em campanha promocional da avicultura nós a concebemos em duas fases. A primeira servindo, como a exportação, de ferramentas regularizadora de preços no mercado interno, e a segunda fase somente quando a avicultura atingir um tamanho em que as oscilações de preços não sejam tão grandes. Nesta é que entraríamos no mercado com uma campanha promocional de maior consumo de frangos e ovos.

Luiz Octávio Guimarães — Deveríamos formar um fundo para a promoção de produtos avícolas. Com a existência desse fundo, uma comissão teria condições de promover a avicultura dentro das épocas mais oportunas. Não ficaríamos dependendo de atitudes imediatistas como normalmente acontece. Seria mais um passo no sentido da criação da Frangobras.



José Argentiéri

Ronaldo Gonçalves de Azevedo — Já existe este fundo e com um capital, ou melhor, uma verba de quase 200 mil cruzeiros para promoção dos produtos avícolas. A comissão também já existe, está trabalhando e os frutos não demoraram a aparecer. Participam dessa comissão não somente uma parte da diretoria da UBA como também o Sindicato de Rações, o Sindicato de Produtos Veterinários, produtores de pintos, matrizeiros e uma série de avicultores.

Alfredo Pauletti — Gostaria de saber se ao lançarmos uma campanha promocional, e se por um outro motivo qualquer o preço do frango tiver uma alta, o Governo Federal não nos

obrigaria a parar com ela na metade, causando-nos de certa forma um dispêndio de esforço desnecessário, sob a argumentação novamente, de que estaríamos tentando inflacionar o mercado de forma maliciosa, conforme o Ricardo Bebiano Costa já nos contou que ocorreu com o caso da promoção da Granja Ito.

João de Faria Bumier — Eu gostaria de informar que o filme que está sendo produzido apenas vende a imagem da avicultura. É muito comum encontrar-se junto ao grande público uma imagem da avicultura que é bastante distorcida da realidade. Quando um cidadão passa por uma granja na beira de uma estrada encara aquilo como uma simples criação de galinhas. No entanto se dissermos a eles que aqueles quatro ou cinco galpões que se enxerga criam mais ou menos 100 mil frangos de corte num espaço de menos de dois meses, o assombro desse cidadão é muito grande. Outra coisa que é comum para o consumidor urbano, que não imagina nem de longe o grau de tecnificação que hoje alcançamos, é a velha imagem que ele guarda do momento do abate de um frango, com pescoços torcidos, sangue por todo lado, penas, miúdos e cheiros nada agradáveis, barulheiras normais que as donas de casa realizam para o sacrifício de um frango. A juventude hoje começa a ter uma imagem diferente da avicultura e justamente a função do filme que pretendemos exibir nos cinemas do Brasil é a de mudar esta imagem de uma forma mais rápida. O propósito não é apenas de se aumentar o consumo, que vira por consequência dessa nova imagem.

Salvador Firace — As campanhas de promoção de outros produtos primários conforme temos visto na televisão e outros veículos de divulgação, tanto do açúcar, do chocolate, etc, e fruto de uma união dos produtores e principalmente de uma cota de sacrifício de cada um deles.



Luiz Octávio Guimarães

José Argentieri — Eu acho que o avicultor não aceita essa cota de sacrifício. Nós temos sentido isso na Bolsa do Frango, onde existe uma cota de contribuição nossa a esse fundo para promoção e propaganda dos produtos avícolas, que recolhemos e destinamos a UBA. Ocorre que para recebermos esse dinheiro tem sido uma verdadeira luta. Muitas vezes chegamos a convidar publicamente os participantes, chamando um por um, para pagar a sua parte. Por isto, acho muito bonito dizermos que vamos fazer tal promoção dessa ou daquela forma. Na hora contudo de se arranjar o dinheiro todo mundo simplesmente some, negando-se a contribuir.

Salvador Firace — Então essa cota de sacrifício do avicultor teria que vir de uma outra forma. Teria que vir daqueles que enxergam no crescimento da comercialização, o amparo do seu próprio crescimento, e a tranquilidade de um retorno rentável para o seu investimento. A única maneira então de se fazer com que alguns avicultores venham a participar desse esforço é fazê-los ver resultados positivos.

José Argentieri — Nesse aspecto, inclusive, é muito válida a criação da Frangobras. E já levantamos a hipótese, tempos atrás, de que a cota de participação mais efetiva, para a constituição de um fundo de promoção dos produtos avícolas, deveria partir dos matizeiros ou dos vendedores de pinto de 1 dia. Cobriria-se nesses casos uma taxa pela produção de matriz ou pinto vendido.

Marne dos Santos Lima — O avicultor no Nordeste não acredita em associações. E de certa forma é de se dar razão a ele pois se os próprios líderes não sabem lhe dizer como esta a situação da avicultura e o que poderá acontecer realmente é difícil convencê-lo que a minha vinda a São Paulo, como Presidente da Associação Pernambucana de Avicultura, para participar de uma reunião na UBA e também a esta Mesa Redonda promovida pela revista A Granja, poderá levar subsídios no sentido de fortalecer a avicultura pernambucana. E sabe-se que hoje o homem bem informado decide melhor e mais rápido. No entanto, pensam lá que eu vim a São Paulo fazer turismo.

□ Rações

Socil amplia instalações



A Socil Pró-Pecuária S/A, dando prosseguimento a sua expansão no Rio Grande do Sul, acaba de dobrar a área construída de sua fábrica de rações, em Esteio. À inauguração das novas dependências estiveram no Estado os diretores nacionais da empresa, Rodrigo Cláudio de Oliveira e Fernando Salles de Carvalho. Em

breve, também serão instalados novos escritórios e laboratórios de análises, cujas obras são consideradas complementares para aquela fábrica. Após os atos de inauguração, foi oferecido aos visitantes um churrasco, por iniciativa de Walter Camejo, gerente geral da Socil no Rio Grande do Sul.

**PIPERAZINA
NÃO É SÓ
O VERMÍFUGO
MAIS EFICAZ.
É O MAIS BARATO.**



A maioria das infestações de vermes em aves e suínos só tem fim com Piperazina.

Entre os vermífugos à base de piperazina, este é o mais concentrado e o mais seguro.

O próprio animal elimina o excesso. Piperazina você pode comprar mais porque custa menos, e tem maior rendimento. Acabe com os vermes economicamente.

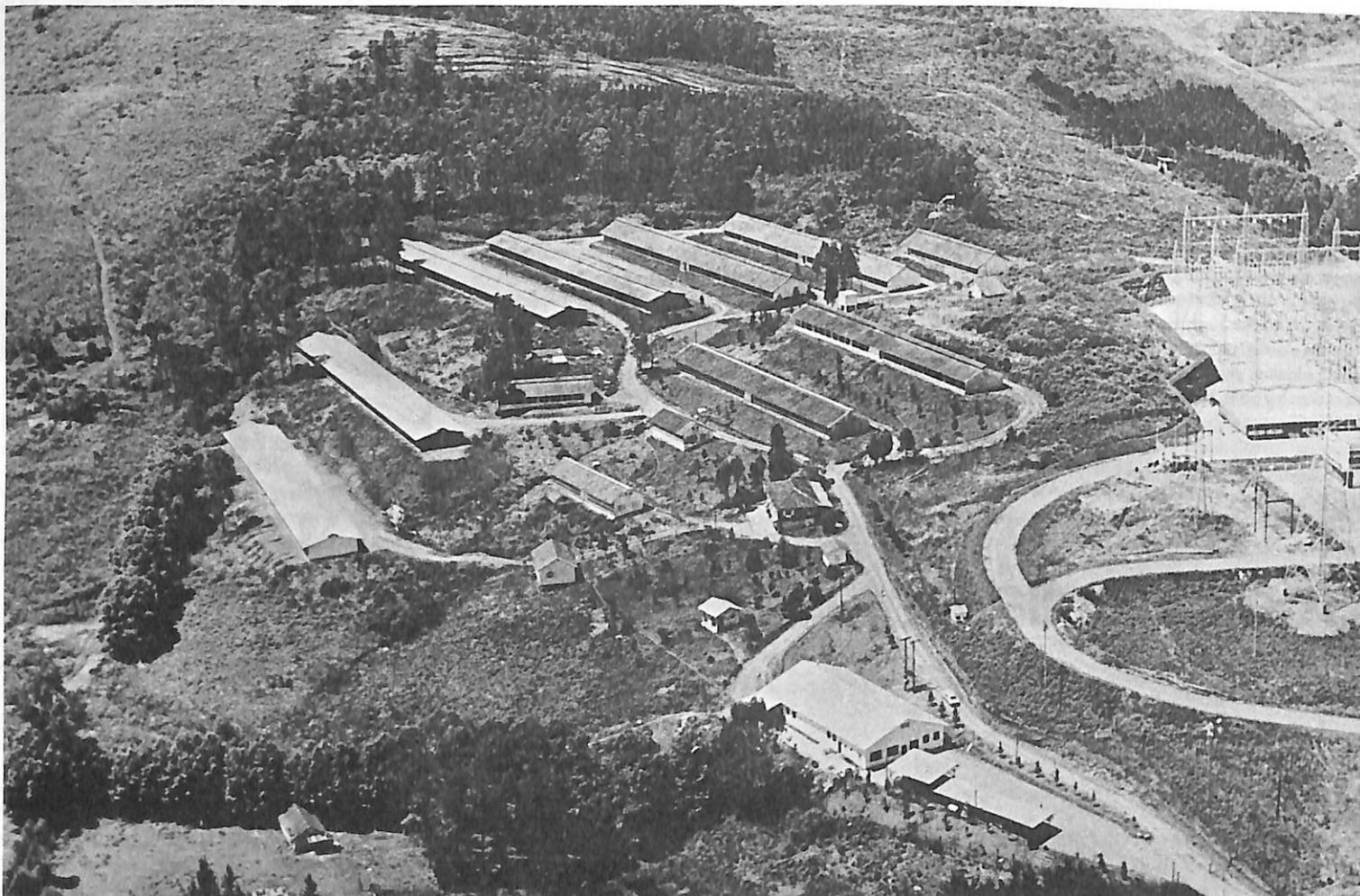


**ABBOTT
LABORATÓRIOS
DO BRASIL LTDA.**

DIVISÃO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS
RUA NOVA YORK, 245 - SÃO PAULO, SP

ISABEL/LETÍCIA

uma união para um milhão de pintos



Granja Isabel: em primeiro plano o incubatório e o prédio da administração.



Luiz Carlos Franken e Hilmar Hollatz, diretores dos complexo avícola Isabel/Letícia.

Empresa das mais destacadas no setor da Avicultura nacional, a Granja Isabel, de Farroupilha, RS, assumiu recentemente o controle total da Granja Letícia, localizada em Chapecó, SC, cujo patrimônio ultrapassa a casa dos dez milhões de cruzeiros. A união das duas empresas coloca em relevo um fato, dos mais significativos para o desenvolvimento avícola de nosso país: o deslançe do empreendimento, que, segundo previsões de Luiz Carlos Franken, seu diretor superintendente muito em breve, a Granja Letícia estará produzindo mensalmente um milhão de pintos Kimber, destinados ao corte e à postura.

Um salto adiante — Verdadeiro salto no sentido de alcançar índices de produção muito elevados, a Granja Isabel, com a aglutinação de sua similar catarinense, esta reafirmando no cenário avícola nacional o dinamismo de seus dirigentes — Luiz Carlos Franken (diretor superintendente), Alfredo Franken (diretor presidente) e Hilmar Hollatz (diretor financeiro) — e a excelência de seus planteis. Re-



Para economizar tempo na ligação entre Farroupilha e Chapecó a empresa adquiriu um Cessna de quatro lugares.

presentantes exclusivos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina da Kimber Farms, a Granja Isabel há muito tempo vem exportando de Farroupilha, cidade gaúcha típica da zona de colonização italiana, aves da linhagem Kimber, operando com os tipos K-137 (postura), K-44 (corte), Kimbrow e K-163.

Granja Isabel — No Estado gaúcho, a empresa mantém duas modernas granjas, uma das quais abriga o incubatório e as instalações para as matrizes. A outra é destinada à postura comercial. A primeira unidade, denominada Granja Matriz, está instalada em onze hectares, sendo que a área construída (15 galpões) ocupa 9.052 metros quadrados. Nessas dependências são produzidos 280 mil pintos Kimber por mês, resultantes de um trabalho de mais de 50 mil matrizes, e destinados aos mercados gaúcho e catarinense. Os pintos são produzidos por três modernas incubadoras, com capacidade para eclodir em 21 dias, cada uma, 99 mil ovos. Além dessas máquinas, as instalações são dotadas de recursos dos mais modernos utilizados na indústria avícola, como renovação de ar, salas de fumigação de ovos, classificação, limpeza e lavagem de bandejas, expedição, montagem de caixas, grupo gerador, almoxarifado e escritórios.

Instalações modernas — A Granja de Postura Comercial, como é chamada a segunda unidade, fica instalada a 11 quilômetros de Farroupilha, na localidade de Desvio Blauth, num terreno de 31 hectares, no qual se erguem

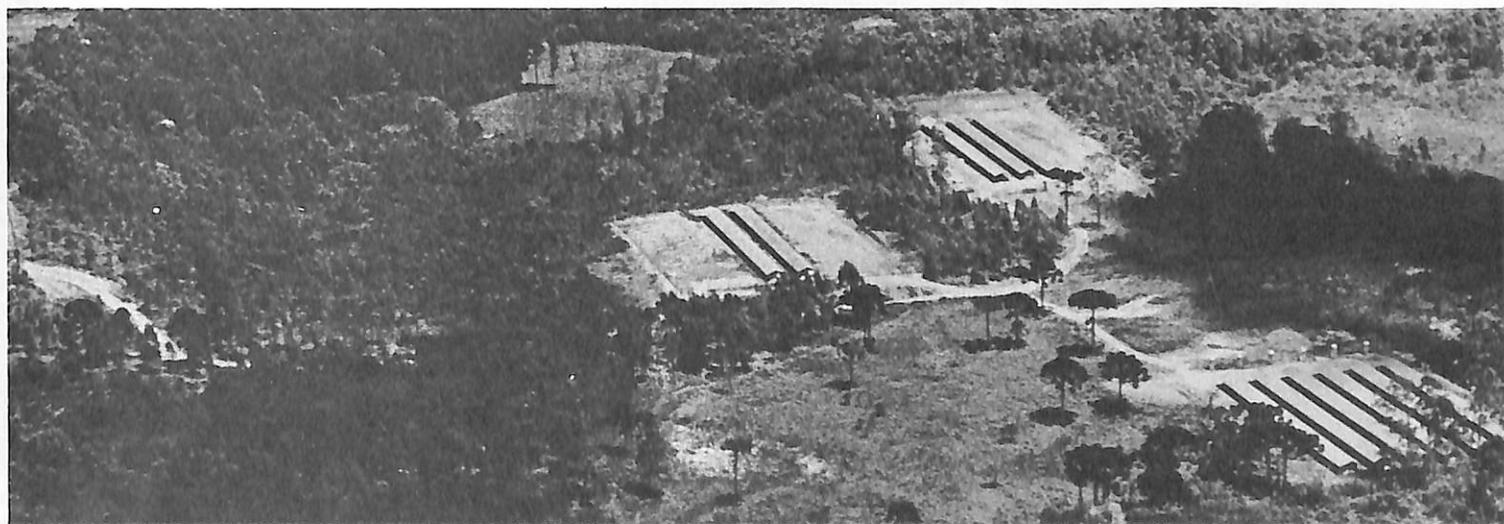
onze galpões de postura, dois de recria e um pinteiro, dispendo de uma caixa d'água com capacidade para 28.500 litros (além da caixa individual para cada galpão). O local é privilegiado para a instalação de poedeiras, pois é isolado (ideal para evitar-se o stress das a-

ves, fator que ocasiona enorme diminuição de ovos) e protegido da ação dos ventos. Essa proteção é feita por mata natural, bastante densa, que circunda as instalações, desempenhando também o papel de verdadeiro "pulmão verde" da área. A construção e a aquisição de equipamentos para a granja de postura comercial, foram financiados em 50% pelo Banco Regional de Desenvolvimento Econômico (BRDE), através de sua Carteira Agrícola, cujo funcionamento é objetivo e eficiente. Coube aos proprietários da empresa o restante dos recursos para implantar a produção de 500 mil ovos mensais e que até o final deste ano estará em condições de colocar no mercado mensalmente um milhão de ovos.

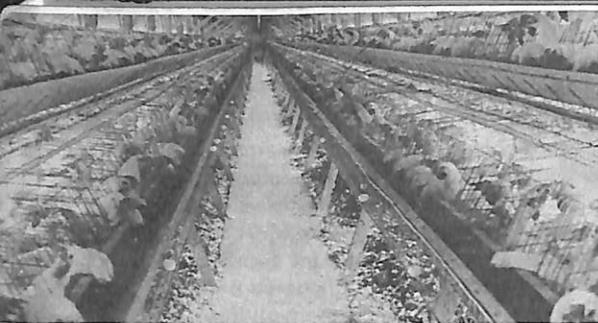
Granja Leticia — Em 1972 foi implantada em Chapecó, na fronteira catarinense com o Rio Grande do Sul, a Granja Leticia, com recursos do BESC (Banco do Estado de Santa



As matrizes Kimber garantem a qualidade dos produtos das Granjas Isabel e Leticia.



A primeira etapa da Granja de Postura Comercial, em Desvio Blauth, já foi implantada e está em pleno funcionamento.



A composição fotográfica ilustra aspectos internos e externos dos modernos e econômicos galpões da granja de postura comercial localizada em Desvio Blauth, no Rio Grande do Sul.

Catarina). Essa granja, que é dirigida por Luiz Carlos Franken, está localizada numa área de 242.200 metros quadrados, doada pela Prefeitura de Chapeco, como estímulo à

empresa, cujo funcionamento representa decisivo fator de progresso para o Oeste catarinense. O apoio prestado ao empreendimento culminou em 1972 com uma reunião extraor-

dinária da Câmara Municipal, convocada pelo então Prefeito João Destri, na qual foi decidida a doação da área em que mais tarde se ergueriam as modernas instalações da Granja Letícia, que ilustram esta reportagem. Agora o controle total da empresa passou para as mãos dos empresários gaúchos, que têm planos de expansão bastante ambiciosos.



Granja Letícia, oito modernos galpões, fábrica de rações e um incubatório para 960 mil pintos.



Granja Letícia, filial Iguazu. Dez galpões de 50 metros, que abrigam 70 mil matrizes Kimber.

Capacidade operacional — Na Granja Letícia, funciona um incubatório de 1.200 metros quadrados de área concluída, com três máquinas capazes de produzir 360 mil pintos Kimber por mês. O projeto inicial prevê a instalação de mais cinco incubadoras até 1975, quando a granja estará em condições de comercializar cerca de 960 mil pintos mensalmente. A granja possui, além de 8 galpões com 104 metros de comprimento, e dez de 50 metros, onde ficam abrigadas cerca de 70 mil matrizes, uma moderníssima fábrica de rações de 450 metros quadrados de área construída. Os escritórios da empresa ocupam um prédio de alvenaria de 730 metros quadrados, sendo destinados dois de 130 metros quadrados cada um para as residências do administrador e o incubador. Como acontece na Granja Isabel, também é utilizada somente a linhagem Kimber.

Grande aceitação — A Granja Isabel e Letícia S/A são representantes para todo o sul do Brasil da linhagem Kimber, marca que se



No momento em que esta reportagem estava sendo realizada, entrava em funcionamento a terceira incubadora da Granja Letícia.



Nas Granjas Isabel e Leticia a assistência técnica está ao encargo de veterinários especializados e com larga experiência na criação de aves.

impôs no mercado nacional, devido à precocidade de suas aves, rápido desenvolvimento, rusticidade, mortalidade reduzidíssima e uma ótima conversão alimentar, além de excepcional carcaça. A empresa fornece aos seus clientes ampla assistência técnica e severo controle sanitário, através de veterinários especializados no setor avícola. Em 1973, o número de matrizes Kimber da Granja Isabel e Leticia foram triplicados, devido a enorme procura de pintos. Isso se deve à qualidade do produto e as condições em que as aves são entregues, pois a empresa gaúcha e catarinense, agora integradas, comercializam pintos Kimber vacinados contra o Mal de Marek e nas melhores condições de transporte. Por tudo isso, os que vêm acompanhando, as atividades do grupo Granja Isabel/Leticia há bastante tempo, têm a certeza que a empresa e os projetos que ela atualmente estuda para implantação futura tem encontro marcado com o sucesso, empresarial, a feição do conseguido até há bem pouco somente noutros países.



Aspecto da fábrica de rações da Granja Leticia.

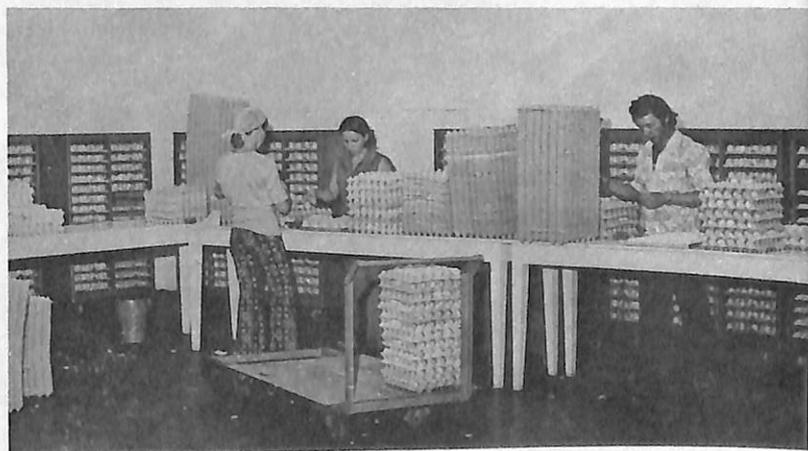


Em prédio próprio, e em salas modernamente decoradas, funcionam os escritórios da administração da Granja Leticia.



Os empregados dispõem de confortáveis residências localizadas na própria granja.

JANEIRO 1974



Os ovos destinados à incubação passam por rigorosa classificação.

□ Marreco Pequim



A versão brasileira do famosíssimo e cosmopolita "Pato à Califórnia", delícia dos "gourmets" internacionais, já tem como ingrediente o marreco, oriundo, entretanto, de muito poucas granjas no Brasil inteiro. Uma delas, talvez a mais importante no território nacional, está situada a 35 quilômetros da Capital gaúcha. Trata-se da Granja Quilombo, cujos diretores são os irmãos Mensak, Bodo e Winfried, industriais de São Leopoldo, RS, que querem o

Marreco gaúcho presente no cardápio nacional

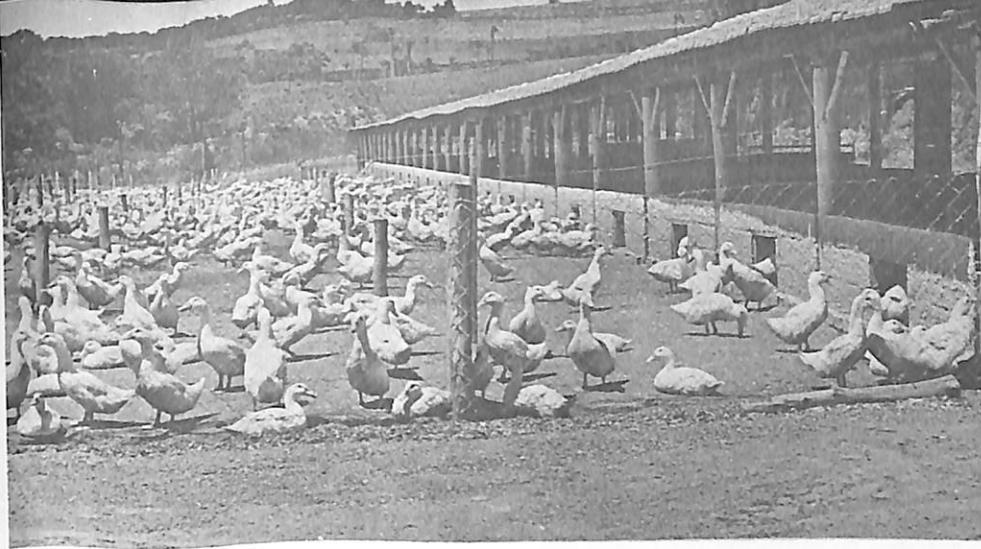


O incubatório da granja tem capacidade para produzir 45 mil marrequinhos.

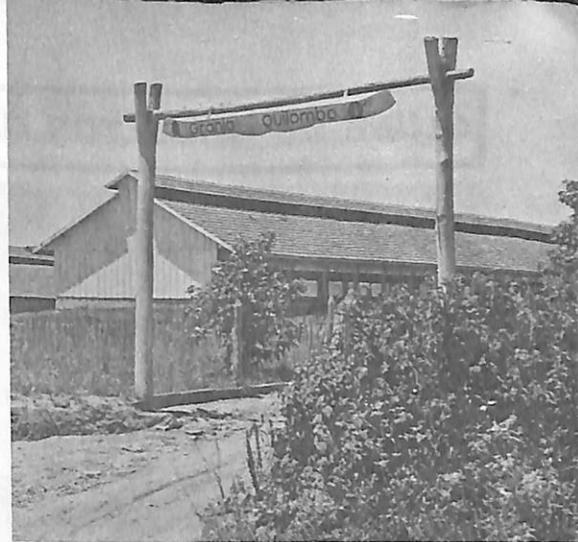
Dois gaúchos, até há pouco voltados exclusivamente para a produção industrial na região do Vale do Rio dos Sinos, decidiram investir no setor primário, mas para produzir fundamentalmente um tipo de ave, cuja criação para abate em moldes empresariais nunca se realizou no Rio Grande do Sul embora tenham havido tentativas por volta dos anos 50: estamos falando do marreco pequim, o parente próximo do pato tão apreciado nos cardápios de restaurantes categorizados do mundo inteiro.

Localizada na Estrada do Quilombo, no distrito de Feitoria, do município gaúcho de São Leopoldo, a Granja Quilombo, com sua criação de 25 mil marreco tipo Pequim, é ímpar no Estado gaúcho. Sua produção básica, o marreco, é absorvida em 50 por cento pelo mercado paulista, cabendo o restante, pela ordem, ao consumidor de Curitiba, Rio, Porto Alegre e Belém.

Bodo Mensak e seu irmão Winfried, certos



As matrizes desfrutam de ambiente ideal para produzir.



Na entrada da granja estão localizados os galpões de frangos de corte.

da especialidade do "prato" que estão ofertando aos brasileiros, trabalham no sentido de expandirem sua empresa com o objetivo de penetrar nos mercados nacionais de grande consumo, como a capital bandeirante e outras cidades, cuja rede de restaurantes e supermercados requer toda sorte de produtos alimentares requintados.

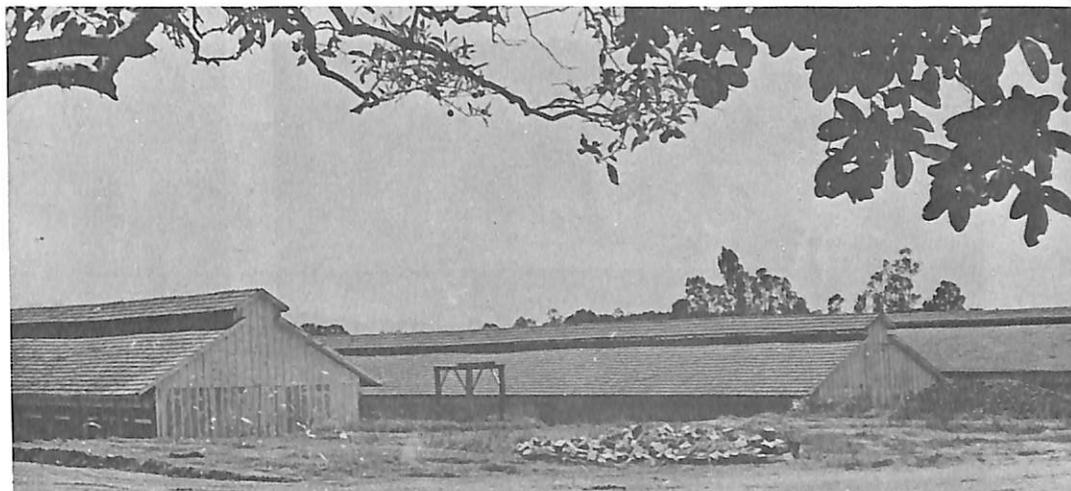
Granja Quilombo — A granja fica instalada em vinte e oito hectares de terras arborizadas e boas aguadas apropriadas ao "habitat" exigido pelo marreco Pequim. Três galpões, atualmente, abrigam vinte e cinco mil marrecos e cerca de mil e quinhentas matrizes. Junto à esses prédios de alvenaria, com repartições de madeiras e alambrado, funciona um incubatório moderno fabricado pela Casp, com capacidade para a eclosão de quarenta e cinco mil marrequinhos.

Indispensável a todo estabelecimento avícola moderno e de grande porte, um gerador de potência considerável fornece energia à Granja Quilombo e possibilita perfeitamente o abastecimento de água aos marrecos e às outras dependências, dentre as quais estão os galpões destinados aos frangos de corte.

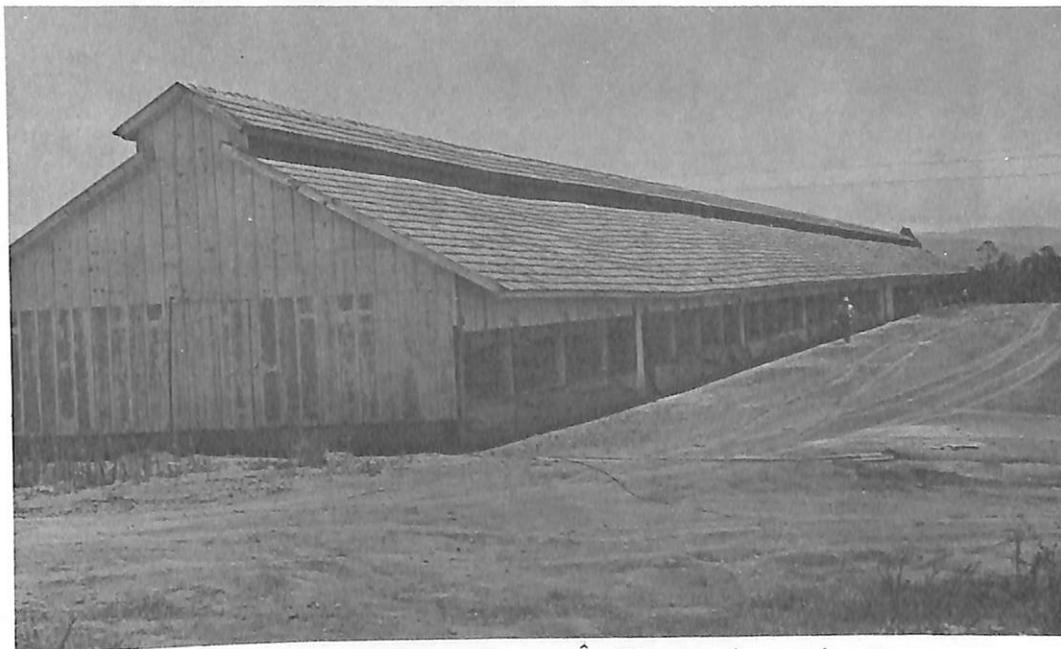
Frangos de corte — A produção de frangos de corte, da linhagem Cobb, é realizada em três galpões de 123 m por 8,5 m, atualmente. Com a construção de um quarto galpão, que ficara instalado em área que já está em fase de terraplenagem, a criação desse tipo de ave alcançara o índice mensal de 40 mil frangos. As instalações são equipadas com modernos comedouros automáticos Casp, que possibilitam às aves perfeito abastecimento de ração.

Expansão — A fim de expandir o negócio, Bodo e Winfried já adquiriram uma nova área, nas proximidades da atual, de quinze hectares onde, brevemente, serão instalados mais dez galpões de 123 metros e instalações totalmente automáticas. A nova unidade abrigará 100 mil frangos.

Promoção Nacional — Comprovando sua experiência empresarial, os irmãos Mensak, nos seus planos para colocar seu produto noutros pontos do país, estão realizando uma campanha promocional bastante simples, mas com



A produção atual de frangos de corte é de 30 mil. Outro galpão para mais 10 mil frangos já esta sendo construído.



Os galpões que abrigam os frangos de corte têm 123 metros de comprimento.

uma elevada dose de agressividade para motivar o consumidor a optar pelo marreco na hora de "servir a mesa". Nessa campanha, os produtores do marreco tipo Pequim estão di-

vulgando inclusive receitas sofisticadas, incluindo o uso de vinhos e conhaques, como exigem os amantes da boa mesa e as donas de casa, quando pensam nos quitutes caseiros.

CLUBE DO AVICULTOR GAÚCHO



Nicanor Vieira (Casa Agro Avícola), João Carlos Souza e Antonio Navarro (Blemco), Amilcar Rossi e Sergio Rossi (Rossi, Zimmermann), Geraldo Sebastiani (Aviário Franken) e Milton Con- te (Rossi, Zimmermann).



Ronaldo Costa (Indusgas), Glênio Prudente (Merck Sharp & Dohme), e Ricardo Kohler (Frigoaves Itapiranga).



Thomaso Radaeli (Sul Rações), Hilmar Hollatz (Granja Isabel), Glênio Prudente (Merck Sharp & Dohme), Nôlir Busanelo (Rações Anhan- gêra) e Antonio Negrís (Cruzeiro do Sul).



Carlos Gregoletto, Ismar Tadeu Oldra, Ronaldo Costa e Belmiro J. Sussella, da Indusgas, foram os anfitriões.



Belmiro Sussella (Indusgas), Ricardo Kohler (Frigoaves Itapiranga), Ito Franken (Aviário Franken), Rodrigo Claudio Oliveira e Fernaldo Salles de Carvalho (Socil).



O último jantar de 1973 reuniu em Caxias do Sul 135 participantes.

O último jantar do elenco de encontros programados para 1973 pelo Clube do Avicultor Gaúcho foi realizado em Caxias do Sul no dia 7 de dezembro último, nos salões do Restaurante Giannela, organizado pela Metalúrgica Indusgas. Cerca de 140 pessoas foram recepcionadas por Ronaldo Costa, Ismar Tadeu Oldra, Belmiro J. Sussella e Carlos Grego- letto, da Indusgas, os quais contaram com o apoio das respectivas esposas, fato que cola- borou decisivamente no sucesso da promoção. Tramandaí será a sede do próximo encontro (8 de fevereiro), que será patrocinado pela ASGAV.

NOVIDADES NO MERCADO



PRODUCCION EQUINA

A Livraria "El Ateneo" do Brasil S/A (Av. Borges de Medeiros, 453, cj. 94, Cx. Postal, 688, Porto Alegre, RS) traduziu para o espanhol a 4ª edição norte-americana da obra intitulada "Producción Equina", de autoria do prof. M. E. Ensminger. A obra, de 500 páginas, fartamente ilustrada, é destinada a veterinários, agrônomos, criadores e estudantes.



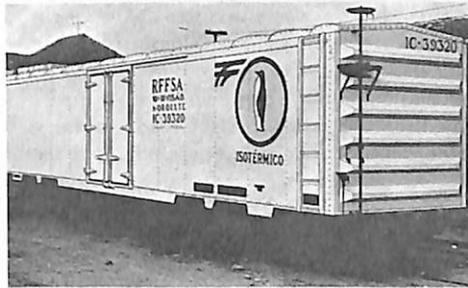
LEGISLAÇÃO

O jornalista Gastão Lamounier Júnior, que já foi Diretor do Departamento de Organização Rural da Confederação Nacional da Agricultura, editou, recentemente, o livro intitulado "A Serviço da Agricultura". A obra, simples e de fácil consulta, apresenta uma coletânea da legislação referente a tudo que se relaciona com as atividades rurais, tais como o Estatuto da Terra, Estatuto do Trabalhador Rural, Política Cooperativista, Direito Agrário, Crédito Rural. Representante: Maria de Lourdes Mostardeiro Torelly, Rua Victor Meirelles, 67 - fone: 22-24-68 - Porto Alegre, RS.

VAGÕES RECRUSUL

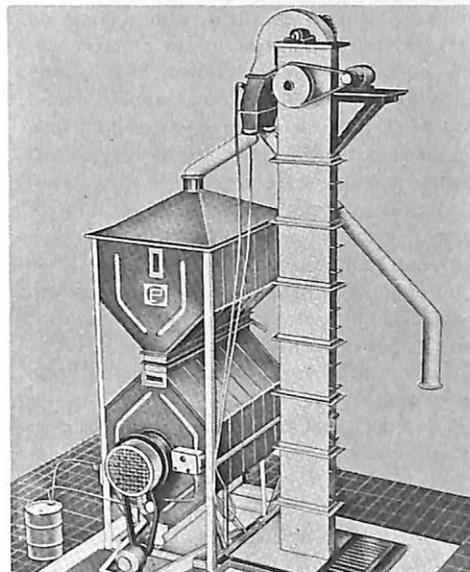
Desde 1957 dedicando-se à fabricação de unidades móveis de refrigeração, a Recrusul S/A - Viaturas e Refrigeração, indústria situada em Sapucaia do Sul, RS, está transformando mais um lote de vagões da Rede Ferroviária Federal S/A. Estes vagões isotérmicos farão o transporte de bens perecíveis na re-

gião noroeste do Estado de São Paulo, os quais destinam-se em sua grande maioria à expor-



tação, exigindo condições perfeitas de transporte. Av. Louis Pasteur, 1020, Sapucaia do Sul, RS.

SECADOR DE CAFÉ



Lançado no mercado nacional pela Promog Engenharia Comercio e Industria Ltda., de

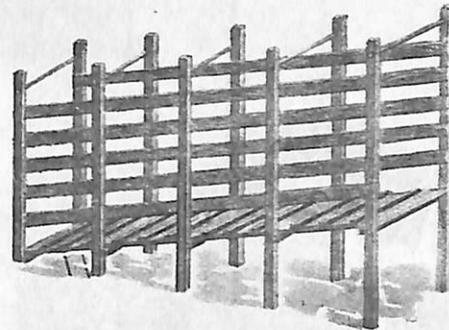
COLHEITADEIRA



A Massey-Ferguson lançou no Brasil a sua colheitadeira de cana MF 201, automotriz, que corta, limpa, pica e carrega cana em uma única operação. O sistema foi implantado, anteriormente noutros países como a Austrália, Cuba, Argentina, USA e México, sendo que

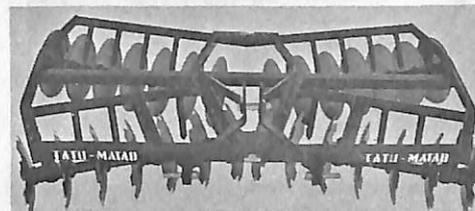
Bauru, SP, o Secador de Café que estamos apresentando tem a capacidade de 240 sacos por secagem e funciona com ar quente. Catálogos: Nova Era S/A - Indústria e Comercio, Av. Farrapos, 440, Porto Alegre, RS.

EMBARCADOURO



Fabricado em madeira-de-lei pela Muttoni S/A - Industria de Artigos Rurais, o embarcadoro móvel para bovinos é peça integrante das instalações completas para trabalhar bovinos. Rua Hilario Ribeiro, 313, 1º andar, Porto Alegre, RS.

GRADES



Lançadas pela Marchesan Implementos e Máquinas Agrícolas "Tatu" S/A (Rua Bambozzi, 430, Matao, SP), as grades de 16, 20, 24 discos para 8 mancais, e as de 28 e 32 discos para 10 mancais, são distribuídas por Arlindo Hentzcke Cia. Ltda., (Av. Alberto Bins, 325, cj. 21, Porto Alegre, RS), representante para todo o Estado gaúcho. Acompanham as grades limpadores de discos, que são vendidos lisos ou recortados e de 18 polegadas.

RGS: Um novo modelo econômico



Economista Guilherme Socias Villela
Secretário de Estado Extraordinário do Go-
verno do Rio Grande do Sul

De um modo geral, a economia gaúcha sempre esteve atrelada ao sistema econômico nacional. No início da colonização (Século XVIII), éramos fornecedores de produtos pecuários (animais de tiro e muars) para as atividades de mineração nas Minas Gerais, através de Sorocaba, SP. Essa primeira fase é acompanhada da comercialização do couro, através de portos do Rio da Prata, especialmente Buenos Aires. Com o fim do ouro de aluvião, todo o sistema econômico nacional se ressentia de um produto exportável. Não haviam aparecido nessa época as plantações de café.

Na primeira década do século passado, o Brasil todo se ressentia de uma economia que pudesse sustentar suas próprias instituições. O governo vivia praticamente, do ponto de vista financeiro, de impostos e tributos sobre exportação e importação. Não havendo um produto para ser exportado, as finanças públicas e todo o país atravessam uma forte crise, que se prolonga por toda a primeira do século XIX.

Surge o café em São Paulo como novo "leitmotiv" da economia brasileira e o Rio Grande volta a atrelar-se ao sistema econômico nacional como fornecedor de produtos da pecuária (charque, couros) e também de produtos coloniais (banha, vinho, etc). À medida que a economia do café crescia, crescia a economia riograndense, ocorrendo isso até as

primeiras décadas deste século. O Rio Grande é o abastecedor nacional. Constrói-se a economia na base dos alentos da evolução da economia do café. A consequência natural: o café enfrentava crises, o Rio Grande também, se o café proporcionava prosperidade ao país, o Rio Grande também acompanhava essa prosperidade. No cenário brasileiro, o Rio Grande figurava como "Celeiro do País".

A partir da crise mundial de 1929, a economia brasileiro reorientou-se, a economia do café passa a ser uma investidora na industrialização do País, já que o mercado para o café escasseia. O Rio Grande, fornecedor de produtos primários, agora destina-os para uma economia já industrializada. Esta se localiza em São Paulo, porque lá estava o mercado interno brasileiro. A partir disso, o surgimento de novas fronteiras agrárias (oeste catarinense, oeste paranaense, Mato Grosso, Brasil Central todo) vai estabelecer concorrência com a nossa produção primária e ainda com uma vantagem: o crescimento (até os nossos dias) extensivo do ponto de vista econômico. Terras virgens, prescindem de corretivos e fertilizantes, ao contrário do Rio Grande, com suas terras praticamente ocupadas. Além disso, a carencia de rodovias e energia elétrica, mais os tabelamentos aplicados tão logo surgiram os primeiros indícios de uma inflação mais acentuada no País, completavam esse quadro desolador.

Há dez anos, os Governos gaúchos e os produtores se deram conta que seria inútil insistir no crescimento extensivo. Com as novas técnicas de produção, a mecanização da lavoura de trigo e soja, o Rio Grande apelou para o crescimento intensivo e vertical, única maneira de aumentar a produtividade e concorrer com as novas áreas do País. Com o esforço para modificar a infraestrutura riograndense (investimentos em rodovias, energia elétrica, em telecomunicações, armazenamento, etc.), a economia gaúcha começa a revitalizar-se. Surge então um fenômeno, qual seja a de destinar apreciável parcela de seus produtos (soja, carnes, artigos de cutelaria, sapatos, materiais de transporte) para a exportação.

As estatísticas sobre comércio exterior do Rio Grande do Sul demonstram que em relação ao Brasil, sua participação anterior a 1970 era de 8%. Em 1971, já representavam 10,5%; em 1972, 12,2%. E, ao encerrar-se 1973, os gaúchos já entravam com 16,4% do total exportado pelo país, ou seja, um bilhão de dólares, quantia igual ao total das exportações brasileiras de uma década atrás.

Tudo isso parece configurar a existência e a consolidação de um modelo que caracteriza o Estado não mais como uma economia fornecedora de produtos para o mercado interno, e que o transformou num típico "Estado Exportador". Levando em conta sua produção pri-

mária e de certos setores fabris — que demandam mão-de-obra adestrada — a economia riograndense volta-se em grande parte, para os mercados internacionais, atualmente exportando soja, carnes, lã, arroz, tabaco, calçados, artigos de cutelaria, material de transportes e outros produtos de especialização industrial. Este fluxo comercial tem aumentado de forma considerável, encontrando ainda novas perspectivas na medida em que puder, no futuro, ser incrementado o comércio brasileiro com os países do Prata.

Contudo, observando esta particularidade — a abertura da economia ao comércio exterior — o modelo de desenvolvimento riograndense requer tratamento peculiar e políticas adequadas, refletindo, ao menos três pontos:

1º) a continuidade dos investimentos de infra-estrutura, especialmente nos setores de transporte e energia; no primeiro, visando à conclusão do "Corredor de Exportação", através de inversões no Porto de Rio Grande, nas retificações ferroviárias, no sistema de barragens fluviais e na construção de novas rodovias; no segundo, objetivando o aproveitamento do potencial hidroelétrico do Rio Uruguai e reestudos visando à utilização do carvão mineral e do xisto existentes, como fontes energéticas.

2º) reexame, a nível nacional, das tendências de concentração industrial e financeira no Centro-Sul do País, com vistas à localização de novos empreendimentos fabris consentâneos com as aptidões das economias regionais, considerando, no caso, a riograndense, dois setores industriais básicos: o I Polo siderúrgico de aços especiais e formação do III Polo petroquímico do País.

3º) políticas definidas e de longo prazo referentes à produção e comercialização de produtos agrícolas riograndenses destinados aos mercados interno e externo, particularmente em relação à soja e carnes para os mercados externos e trigo para o abastecimento do mercado interno.

Quando preconizamos a adoção dessas políticas e a tentamos definir o novo modelo de economia para o Estado gaúcho, não estamos, absolutamente, desejando que o Rio Grande do Sul se transforme numa ilha, distante do resto do País em termos de abastecimento interno. Acreditamos que ele tem muito trigo a produzir para o abastecimento nacional, como também parcela considerável de seus produtos industriais devem se destinar a atender a demanda interna. Mas é certo que ele deve abandonar definitivamente a sua condição de "Estado Reservista", sujeito às crises de abastecimento de outras regiões produtoras para concorrer no mercado nacional, e ingressar definitivamente numa nova era, na qual ele assumira a posição de típico "Estado Exportador".

Só Massey-Ferguson tem tudo.



A maior e mais completa linha de tratores agrícolas do Brasil.



Máquinas industriais e de construção com características avançadas.



Dois modelos de colhedoras automotrizes para trigo, arroz, soja e muitas outras culturas.



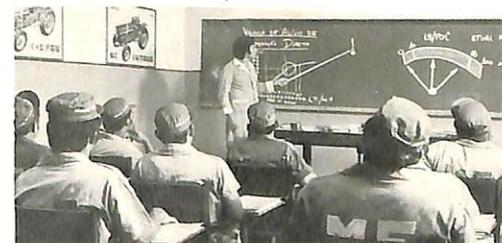
Implementos para as mais variadas tarefas agrícolas.



Assistência Técnica prestada por mecânicos treinados pela fábrica.



A maior rede de revendedores autorizados do país.



Um Centro de Treinamento padrão em toda a América Latina.



Permanente estoque de peças para reposição.



Massey-Ferguson do Brasil S.A.

O BOM TECIDO NÃO ENCOLHE

Quando comprar poedeiras e disserem a você que são HARCO, tome cuidado! Lembre-se de que você só percebe que comprou a imitação de um tecido que "parecia aquele", depois da primeira lavada. Aí é tarde. O tecido encolheu, desbotou, o terno não serve mais, você fica com raiva e joga tudo fora. No caso das poedeiras, evite que algo parecido aconteça com você. Não entre nessa de que a ave "tinha tudo" de uma HARCO. Procure saber a origem certa da ave. HARCO - indiscutivelmente a melhor produção em ovos vermelhos só existe a da ARBOR ACRES. O resto é imitação. Lembre-se disso. Nós não queremos que você compre gato por lebre.



ARBOR ACRES S.A. AVICULTURA
Rua Cândido Gomide, 38 Tels.: 9-4645 / 9-5469
CAMPINAS - SP

